

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



A Biblioteca Pessoal de Alberto Mac-Bride
História, Medicina e Organização da Informação

Maria do Rosário Tavares Diniz Ferreira

Germano Perez Seara

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva e
coorientada pelo Prof. Mestre Jorge Revez, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação

2018

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	i
RESUMO	iii
PALAVRAS-CHAVE	iii
ABSTRACT	v
KEYWORDS	v
AGRADECIMENTOS	vii
LISTA DE SIGLAS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1.1. Bibliotecas privadas: conceito e estudos	5
1.2. Abordagem de bibliotecas pessoais	13
1.3. A Medicina em Portugal (séculos XIX-XX)	20
1.3.1. Cirurgia e cirurgiões	27
1.3.2. A formação e o ensino médico e cirúrgico	36
1.3.3. As publicações médicas	47
1.3.4. Os espaços museológicos de apoio ao ensino médico.....	51
2. METODOLOGIA.....	61
2.1. Organização e representação da informação	61
2.2. Pesquisa bibliográfica e documental.....	67
2.3. Recolha, tratamento e análise dos dados	70
3. SINOPSE BIOBIBLIOGRÁFICA DE ALBERTO MAC-BRIDE.....	73
3.1. O percurso profissional de Alberto Mac-Bride Fernandes	73
3.2. Vida institucional.....	86
3.3. Círculo familiar.....	91
4. ESTUDO DA COLEÇÃO MAC-BRIDE	95
4.1. Apresentação dos dados.....	96
4.2. Análise dos resultados	107
4.3. Discussão em torno da biblioteca pessoal.....	115
CONCLUSÃO.....	121

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
A. Bibliografia de Alberto Mac-Bride.....	125
B. Bibliografia de Gregório Fernandes	128
C. Bibliografia de Eugénio Mac-Bride.....	129
D. Referências citadas	130
BIBLIOGRAFIA	141
APÊNDICES	143
Apêndice 1 - LISTA ONOMÁSTICA DE MÉDICOS	143
Apêndice 2 - LISTA ONOMÁSTICA DE AUTORES PRESENTES NA COLEÇÃO	149
Apêndice 3 - LISTA DE NOTAÇÕES MAIS FREQUENTES	152
ANEXOS	157

RESUMO

Alberto Mac-Bride (1886-1953), cirurgião do Hospital de São José, em Lisboa, destacou-se como médico, colecionador, bibliófilo, arqueólogo e olissipógrafo. Apaixonado pela história da medicina, ao longo da vida Mac-Bride colecionou objetos para organizar um museu da medicina, o que só veio a acontecer após a sua morte. O Museu Doutor Alberto Mac-Bride abriu em 1957 e foi encerrado por volta de 1970. A extraordinária biblioteca pessoal de Mac-Bride, parte do museu, é o objeto deste trabalho de investigação, um projeto que começou com a organização e representação da coleção a partir de técnicas de descrição e catalogação. A análise da coleção foi realizada com recurso à utilização de técnicas de análise qualitativas e quantitativas, aplicadas à base de dados do programa de catalogação. A coleção é composta por títulos na área das ciências da saúde, na sua maioria editados no século XX em português, francês, inglês, espanhol e alemão, bem como obras anteriores a 1800, em latim, com as obras mais antigas a remontarem ao século XVI. A partir da análise da coleção, procurou-se descobrir mais sobre o homem por detrás da biblioteca e também estudar de que modo os títulos presentes refletem a vida pessoal e profissional, o que foi conseguido por este trabalho. O estudo de uma biblioteca pessoal no âmbito da Ciência da Informação permitiu discutir conceitos, os tipos de intervenção a realizar e a sua gestão e preservação, bem como explorar o valor bibliográfico, histórico e social da coleção. A coleção Mac-Bride é testemunha de uma personalidade, de um humanista e homem de cultura, e de um cirurgião da primeira metade do século XX; é também um legado de uma sociedade e de um tempo, especialmente do conhecimento científico de um determinado período.

PALAVRAS-CHAVE

Alberto Mac-Bride; biblioteca pessoal; coleção pessoal; organização da informação; gestão da coleção.

ABSTRACT

Alberto Mac-Bride (1886-1953), surgeon at the Hospital de São José, in Lisbon, was a distinguished doctor, collector, bibliophile, archaeologist, and Lisbon historian. Passionate about the history of medicine, during his lifetime Mac-Bride collected several objects, intending to organize a museum of medicine that has been founded after his death. The Museu Doutor Alberto Mac-Bride opened in 1957 and closed around 1970. Mac-Bride's outstanding personal library, also a part of the museum, is the main subject of this research work, a project that started with the organization and representation of the collection with resource to description and cataloguing techniques. The study of the collection was undertaken using the techniques of quantitative and qualitative analysis, applied to the database of the cataloguing program. The collection consists of publications in the domains of health sciences, most of them published during the 20th century in Portuguese, French, English, Spanish and German, as well as books prior to 1800, in Latin, with the oldest works dating from the 16th century. The analysis of the collection intended to discover more about the man behind the library and also to enquire how his books reflect his private and professional life, a goal achieved in this work. The study of a personal library within the framework of Information Science allowed to discuss concepts, the kinds of intervention to be carried out, its management and preservation, in addition to highlight the bibliographic, historical and social value of the collection. The Mac-Bride's collection is the legacy of a personality, a humanist and man of culture, and a surgeon of the first half of the 20th century; it is also a testimony of a certain time and society, especially of a particular period's scientific knowledge.

KEYWORDS

Alberto Mac-Bride; personal library; personal collection; information organization; collection management.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Professores Carlos Guardado da Silva e Jorge Revez, pelo apoio ao desenvolvimento deste trabalho.

À Dr.^a Célia Pilão, sem a qual este projeto não tinha nascido, pelo incansável apoio dado, e cuja dedicação e carinho pelo património são uma fonte de inspiração.

Ao António, meu marido, por todo o incentivo e suporte dado ao longo do decorrer do Mestrado e, em especial, na elaboração desta dissertação.

Também à Lai e ao Zé, ao Tico e ao Tomás, pela motivação e ajuda dadas.

LISTA DE SIGLAS

AACR2 - *Anglo-American Cataloguing Rules 2*

BNF - *Bibliothèque Nationale de France*

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

CCPB - *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español*

CDU - Classificação Decimal Universal

C.E.P. - Corpo Expedicionário Português

COPAC - *Consortium of Online Public Access Catalogues*

EMC - Escola Médico-Cirúrgica

FML - Faculdade de Medicina de Lisboa

H. - Hospital

HCL - Hospitais Civis de Lisboa

HJS - Hospital de São José

IFLA - *International Federation of Library Associations and Institutions*

ISBD - *International Standard Bibliographic Description*

ISBD (A) - *International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian)*

MEC - Ministério da Educação

UNIMARC - *Universal Machine Readable Cataloging*

UNL - Universidade Nova de Lisboa

ÍNDICE DE FIGURAS

Mapa 1 - Representação dos países de edição no total da coleção.....	97
Mapa 2 - Principais cidades de publicação.....	98
Gráfico 1 - Percentagem do número de registos com data de publicação.....	97
Gráfico 2 - Percentagem dos registos com informação de zona de notas.....	97
Gráfico 3 - Distribuição do número total de registos por língua de edição.....	98
Gráfico 4 - Distribuição do número total de registos por data de edição.....	99
Gráfico 5 - Distribuição do número total das monografias por país de edição.....	100
Gráfico 6 - Distribuição do número total de monografias por local de edição.....	100
Gráfico 7 - Relação percentual entre as principais cidades de edição.....	101
Gráfico 8 - Distribuição das publicações periódicas por país de edição.....	101
Gráfico 9 - Distribuição do número de publicações pelas editoras mais representadas.	102
Gráfico 10 - Representação dos assuntos mais frequentes nas monografias por número de títulos.....	103
Gráfico 11 - Distribuição por assunto das publicações periódicas.....	105
Gráfico 12 - Representação dos autores com maior número de títulos.....	106
Figura 1 - Ex-libris Mac-Bride.....	157
Figura 2 - Assinatura autógrafa de Alberto Mac-Bride.....	157
Figura 3 - Placa de identificação do Museu Doutor Alberto Mac-Bride.....	157
Figura 4 - Fotografia de Alberto Mac-Bride.....	158
Figura 5 - Alberto Mac-Bride em 1951.....	158
Figura 6 - Correspondência para a Rua do Salitre.....	159
Figura 7 - Correspondência para a Rua Eugénio Santos.....	159
Figura 8 - Capa do catálogo da exposição em homenagem a Alberto Mac-Bride.....	159
Figura 9.1. - Folha de matrícula militar de Alberto Mac-Bride.....	160
Figura 9.2. - Folha de matrícula militar de Alberto Mac-Bride.....	161
Figura 10.1. - Ficha do C.E.P. de Alberto Mac-Bride, n. ° 12.....	162

Figura 10.2. -Ficha do C.E.P. de Alberto Mac-Bride, n.º 12.....	163
Figura 11.1. - Ficha do C.E.P. de Alberto Mac-Bride, n.º 14.....	164
Figura 11.2. - Ficha do C.E.P. de Alberto Mac-Bride, n.º 14.....	165
Figura 12 - Fotografia de Gregório Rodrigues Fernandes.....	166
Figura 13 - Fotografia de Eugénio Mac-Bride.....	166
Figura 14 - Carimbo do Museu Dr. A. Mac-Bride.....	167
Figura 15 - Dedicatória de Motta Cabral a Alberto Mac-Bride.....	167
Figura 16 - Dedicatória de Monteiro Pereira a Alberto Mac-Bride.....	167
Figura 17 - Dedicatória de Forte de Lemos a Alberto Mac-Bride.....	168
Figura 18 - Dedicatória de Cancellia d'Abreu a Alberto Mac-Bride.....	168
Figura 19 - Periódicos com sisal.....	169
Figura 20 - Periódicos agrupados com sisal.....	169
Figura 21 - Exemplo de periódicos em mau estado de conservação.....	170
Figura 22 - Acondicionamento de periódicos.....	170
Figura 23 - Acondicionamento de periódicos.....	171

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Número de registos bibliográficos realizados.....61

Tabela 2 - Folha de recolha de dados.....65

INTRODUÇÃO

A ideia do presente projeto de tese surgiu no âmbito de uma unidade curricular do Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, com a descoberta da Biblioteca Alberto Mac-Bride¹, inserida no Museu Alberto Mac-Bride no Hospital de Santa Marta, em Lisboa. O contacto inicial aconteceu com a proposta de dar continuidade e finalizar a organização da informação desta biblioteca, cujo catálogo informatizado tinha sido iniciado em 2011 pelo Programa em Ciências da Documentação e Informação e que veio a ser interrompido em 2012. O processamento bibliográfico desta coleção nasceu por iniciativa da Dr.^a Célia Pilão, Administradora Hospitalar do Centro Hospitalar de Lisboa Central, EPE², e teve como objetivo conhecer esta coleção e salvaguardá-la.

Em junho de 2016, com o início do trabalho³ e o contacto com a coleção, nasceu o interesse sobre a figura de Alberto Mac-Bride, apresentado como “soldado, cirurgião e cidadão” num artigo de Luiz Damas Mora (2011), a que podemos acrescentar olisipógrafo, arqueólogo, colecionador, bibliófilo e até bibliotecário, cuja coleção particular de objetos de Medicina deu origem, em 1957, ao Museu Alberto Mac-Bride localizado no Hospital de Santa Marta em Lisboa, o qual foi encerrado por volta de 1970. Alberto Mac-Bride destacou-se no seu tempo, quer como médico quer como membro de várias sociedades históricas e culturais, e foi-lhe prestada homenagem póstuma através da constituição deste Museu dedicado à Medicina.

À medida que o trabalho ia sendo realizado, surgiu a intenção de esta intervenção ser mais do que a organização e a representação da biblioteca e, enquadrada na área de estudo da Ciência da Informação, explorar o que o espólio biblioteconómico revela sobre o seu autor ou colecionador, bem como o tempo histórico em que viveu e exerceu a sua profissão médica, o que deu origem à presente dissertação de mestrado.

¹ Alberto Mac-Bride Fernandes: 1886-1953. Registam-se flutuações na ortografia do apelido Mac-Bride, sendo adotada a forma que corresponde ao seu *ex-libris* e à sua assinatura autógrafa, tal como se pode ver nas figuras 1 e 2 em anexo.

² O Centro Hospitalar de Lisboa Central, EPE foi criado em 28 de fevereiro de 2007 pelo Decreto-Lei n.º 50-A/ 2007 que juntou o Hospital de S. José, Hospital de Santo António dos Capuchos, Hospital de Santa Marta e o Hospital D. Estefânia, e o Decreto-Lei n.º 44/2012 de 23 de fevereiro de 2012 que integrou o Hospital de Curry Cabral e a Maternidade Dr. Alfredo da Costa.

³ Este projeto foi coordenado pelo Professor Doutor Carlos Guardado da Silva e teve a participação das mestrandas Raquel Prazeres e Rosário Perez Seara, e realizou-se de junho a setembro de 2016. A previsão inicial era de que faltariam processar cerca de 100 títulos, quando na realidade faltavam 639.

A coleção foi estudada recorrendo à utilização de técnicas de análise qualitativas e quantitativas, aplicadas à base de dados do programa de catalogação, as quais serão apresentadas em capítulo próprio. Podemos formular a pergunta de partida da seguinte forma: de que modo a coleção Alberto Mac-Bride traduz o homem, o profissional e o seu tempo, isto é, como definir o homem e a sua época a partir da sua biblioteca? Desta pergunta resultam outras questões, tais como:

- Qual a forma adequada de abordar uma coleção privada ou uma biblioteca particular?
- De que modo o percurso de Mac-Bride influenciou o desenvolvimento da coleção?
- Em que medida a coleção reflete a sua formação e o seu conhecimento?
- Quais as áreas de interesse profissional e de leitura de Mac-Bride?
- Qual a atualidade e a pertinência desta coleção face ao conhecimento da medicina na primeira metade do século XX?

O levantamento exaustivo, a quantificação das características deste acervo bibliográfico, e a análise qualitativa das mesmas, têm por finalidade aprofundar o conhecimento da personalidade de Mac-Bride, o seu pensamento, ação e projetos. Deste modo, foram definidos os seguintes objetivos a alcançar:

Objetivo principal:

- Conhecer a estrutura e composição da coleção.

Objetivos específicos:

- Caracterizar a coleção em termos quantitativos;
- Compreender a sua evolução cronológica;
- Identificar as tipologias documentais predominantes;
- Descrever as características da coleção quanto a assuntos, idiomas, autores, editores, datas;
- Estabelecer relações entre o conteúdo da coleção e o percurso académico, profissional e social de Mac-Bride;
- Levantar a existência de relações entre Mac-Bride e outras personalidades.

O desafio consiste em tentar ir mais longe do que analisar e conhecer a composição da coleção, e ver de que modo o estudo de uma biblioteca particular, pessoal, acrescenta valor ao conhecimento do seu colecionador e da sua época, e ao estudo de um sistema biblioteconómico. Pretendemos explorar a possibilidade de, pelo estudo da coleção, comprovar o que diz a literatura, e desvendar o seu proprietário e a memória do seu conhecimento, que é também o da sua época.

É frequente encontrarmos notícias de médicos, advogados ou académicos que tinham na sua biblioteca instrumentos de trabalho, os quais, posteriormente, se tornam objeto de estudo pelo seu valor histórico ou patrimonial. O primeiro capítulo percorre a literatura sobre bibliotecas pessoais, particulares ou privadas, procurando conhecer as abordagens realizadas sobre este tema, o que nos levou a recuar no tempo e a alargar o campo das leituras a outras disciplinas como a História. Dada a especificidade das ciências médicas, cedo se revelou necessário fazer uma imersão na História da Medicina, da qual resultou uma revisão da literatura em que, à medida que se avançava, se tornava necessário aprofundar a leitura e ser minucioso, ou mesmo narrativo, de modo a melhor penetrar no tema. As leituras realizadas privilegiaram conhecer o momento histórico e social da medicina, as suas evoluções, os seus protagonistas, procurando sempre a relação existente com o conhecimento científico produzido.

No segundo capítulo, é apresentada a metodologia utilizada, a começar pela fase da organização e representação da informação, seguida pela recolha e o tratamento dos dados, e a sua análise. A pesquisa bibliográfica e documental aconteceu a par do trabalho da construção do catálogo e do tratamento dos dados, o que permitiu alargar os temas a investigar à medida que novos aspetos surgiam.

De Alberto Mac-Bride sabemos que o espólio bibliográfico se encontra maioritariamente no Hospital de Santa Marta, o espólio museológico neste hospital e no Hospital de São José, e o arquivo profissional no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Para a redação da sua biografia, apresentada no capítulo três, privilegamos as fontes escritas para narrarmos o seu percurso profissional, militar e o seu lado mais pessoal, sem nos esquecermos de referir a família que influenciou a sua formação pessoal e profissional.

O quarto capítulo é constituído pela apresentação dos resultados obtidos, com a caracterização e a composição da coleção em termos numéricos, com recurso à sua expressão em gráficos. Na leitura e análise dos dados procurou-se uma abordagem

quantitativa, mas também qualitativa, de modo a alcançar respostas às questões iniciais e a sustentar a discussão dos resultados à luz da revisão da literatura.

Por fim, com as conclusões apresentadas procuramos divulgar uma abordagem e leitura possíveis, lançar pistas para novos estudos e levantar questões sobre o valor de uma biblioteca pessoal. Ao olhar para as estantes da biblioteca de Mac-Bride, lemos o inventário de um percurso de vida nos livros de estudo e de lazer, nos oferecidos, nos herdados e nos adquiridos em viagens. Encontramos um leitor, um profissional, um irmão, um amigo, um homem do seu tempo e, acima de tudo, um bibliófilo.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Bibliotecas privadas: conceito e estudos

Sendo que o tema da nossa dissertação de Mestrado aborda a Biblioteca Mac-Bride, o seu estudo remete-nos para a definição de biblioteca privada e biblioteca pessoal, pelo que recorreremos à sua definição no *Dicionário do livro* (Faria, 2008, p.156):

Biblioteca privada - Biblioteca criada e sustentada por um particular ou instituição para seu uso exclusivo, com ausência de fundos públicos. Biblioteca particular.

Biblioteca particular – ver Biblioteca Privada.

No estudo de uma biblioteca privada, termo que iremos utilizar a par de biblioteca particular ou pessoal, surge, no centro do que se designa na terminologia arquivística como “entidade produtora”, o seu proprietário – individual ou familiar –, quem está na sua origem, com uma especificidade e natureza particulares, formada por uma coleção pessoal.

Se a biblioteca privada de natureza pessoal surge como o reflexo do homem, dos motivos que estiveram na sua origem, dos critérios por ele definidos, do meio social envolvente e da sua época, por outro lado, a mentalidade e a formação intelectual, e a sua atividade profissional surgem da sua capacidade de estudo constante em que os livros têm sem dúvida um papel ativo. Deste modo, é frequente encontrarmos notícias de bibliotecas de médicos, advogados e clérigos em que as bibliotecas são relevantes para a sua formação e trabalho.

O resultado da pesquisa efetuada permite dizer que não é abundante a literatura sobre o estudo de bibliotecas privadas em Ciência da Informação, sendo que estudos desta natureza têm sido mais realizados por historiadores e em resultado do interesse que, no início dos anos 90 do século XX, bibliotecas e arquivos privados despertaram na História enquanto fontes, como dados brutos da memória individual em relação com a estrutura social, que se traduziu pela leitura dos textos no caso dos arquivos e dos títulos nas coleções da biblioteca.

Neste contexto, formou-se, em 1993, o Grupo Interdisciplinar do Livro e da Leitura (GILL), constituído a partir do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, mas que reuniu investigadores de diferentes instituições, em rede com as universidades de Paris e Lyon. Encontramos resultados do seu contributo para a

História do livro e da leitura no volume IX da revista *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias* (Lisboa, 1997) que inclui exemplos de estudos realizados em Portugal e em outros países como França, Grã-Bretanha, Hungria e Itália. Como refere João Lisboa, “Estudam-se, pois, listas de livros, estudam-se pessoas que tinham livros que se imagina ou se sabe que liam, e os grupos sociais a que pertencem.” (Lisboa, 1997, p. 12).

O porquê do interesse deste grupo pelo século XVIII prende-se pela riqueza das fontes existentes e que permitem o desenvolvimento de estudos. “Usem-se fontes diversas. Mas usem-se também diversamente as mesmas fontes, a começar pelo próprio objecto livro que nos conta mais do que uma história.” (Lisboa, 1997, p. 13).

O estudo dos acervos particulares continua a revelar-se de enorme importância para a História da cultura e a Sociologia do livro (Chartier e Cavallo, 1998). Encontramos assim artigos no contexto da História, da História do livro e da leitura, bem como a perspectiva da Sociologia da leitura ou da Literatura, de que é exemplo o estudo da biblioteca Fernando Pessoa.

A biblioteca de Fernando Pessoa encontra-se na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, e é constituída pela sua biblioteca particular com cerca de 1.200 títulos, por títulos adquiridos à família, pela biblioteca pessoal ativa e passiva e um conjunto de poesia portuguesa e estrangeira. Através da biblioteca *online* é possível aceder à coleção organizada e classificada com a Classificação Decimal Universal (CDU), composta por 1.312 títulos a que correspondem 1.419 volumes, bem como a resultados de estudos desenvolvidos, como é o caso da disponibilização digital de todas as páginas com anotações marginais de Pessoa.

É de referir alguns estudos realizados a bibliotecas de figuras públicas, como a análise da biblioteca particular do Professor José Mattoso por Judite Freitas (2012, p.1), que se aproxima da Ciência da Informação, como a própria refere, de modo a desvendar a utilidade e a importância que a coleção, com mais de dez mil títulos, teve para Mattoso na sua produção de estudos medievais. Já Maria Idalina Rodrigues realizou uma tese de Mestrado de História e Educação sobre o acervo bibliográfico de Orlando Ribeiro, a qual teve por objetivo dar a conhecer à comunidade científica a informação existente no Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, complementado com a importância de divulgar a produção científica de Orlando Ribeiro (Rodrigues, 2009, p.12). O tema da tese é justificado pela autora por, além de ser formada em História, ter uma Pós-Graduação em Ciências Documentais, na especialidade de Biblioteconomia,

e por então se encontrar a trabalhar no referido instituto que recebeu, por doação, esta coleção em 1984.

Isabel Valente (2015), no contexto do Doutoramento em Altos Estudos Contemporâneos, estudou a biblioteca particular de Calvet de Magalhães, sobre a qual publicou na Universidade de Coimbra. Investigou o perfil da formação intelectual e política do diplomata, tendo por base a relação com os livros, procurando saber se a biblioteca foi determinante nas suas opções filosóficas, políticas e culturais.

Curiosamente, encontramos uma tese de Mestrado em Tradução, que aborda o estudo da biblioteca particular de José do Canto e que tem por objetivo conhecer as influências culturais que marcaram a sociedade açoriana do século XIX. Assim, através das obras em língua estrangeira e obras traduzidas presentes na coleção, Margarida Moura (2015) explora a abordagem cultural da tradução, procura conhecer e auferir o papel das influências estrangeiras em José do Canto, a partir de obras selecionadas, e aborda o papel e influência dos tradutores na tradução. José do Canto (1820-1898) foi uma figura de relevo no arquipélago dos Açores no século XIX e o seu espólio bibliográfico integra a Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, desde 1942.

Relacionado com a importância que as bibliotecas privadas tiveram na constituição de bibliotecas públicas, surge o texto de Luiz Duarte (2013) a propósito da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, constituída através das bibliotecas de ordens religiosas extintas, mas também das bibliotecas de personalidades como José do Canto, José de Torres, Ernesto do Canto, Eugénio do Canto, José Bensaúde e Natália Correia. Traço comum aos vários exemplos citados, surge a preocupação da “preservação da memória” e a discussão de modos e meios para que as existências bibliográficas sejam “utilizáveis” (Duarte, 2013, p. 44).

Uma outra biblioteca privada, extensa, multilingue e multidisciplinar, alvo de uma intervenção em 2008, é a biblioteca particular de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Joaquim de Vasconcelos, analisada por Maria Manuela Delile (2013). Esta biblioteca encontra-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a abordagem consistiu na organização, no tratamento técnico-documental e na digitalização, com a finalidade de produzir um catálogo eletrónico e impresso.

É de referir o projeto da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna que, com o apoio do Banco Espírito Santo, tratou a biblioteca do Palácio Fronteira-Casas de

Fronteira, Alorna e Távora, nos séculos XVII a XIX (Anastácio, 2013), acervo que se encontra em posse privada.

Por último, o exemplo da biblioteca e arquivo da Casa Sabugosa e São Lourenço, que se encontra na Casa de Santo Amaro em Lisboa desde o século XVII, igualmente privada. De modo a promover a defesa, a conservação e permitir a divulgação controlada do acervo histórico-cultural, em fevereiro de 2002 foi criada a Associação Cultural da Casa Sabugosa e São Lourenço (Macedo, 2013).

Estudar uma biblioteca privada torna-se um desafio, na medida em que procuramos a relação dos livros com o seu possuidor. A realização de um inventário ou a catalogação e a descrição são, sem dúvida, fundamentais para conhecer uma coleção; mas a resposta a perguntas como se o livro foi lido, quando ou com que objetivo, pode não ser possível de dar. No entanto, o estudo das bibliotecas privadas pode dar-nos importantes informações sobre a maior ou menor procura de livros por parte do público mais ou menos instruído, num determinado tempo e contexto, ou mesmo depreender hábitos de leitura dos seus colecionadores.

Como refere Benedict (1985), os inventários das bibliotecas fornecem informações importantes para se conhecer as preocupações intelectuais características de um determinado grupo social e para se ensaiar a reconstrução da psicologia e da mentalidade desse grupo.

Sobre os inventários, Pedro Tavares refere que se um índice fornece pistas relevantes sobre as escolhas e predisposições intelectuais, muito mais se encontra numa biblioteca:

Não proporcionando uma «leitura» simples e unívoca, o recheio de uma biblioteca reflete sempre, de uma forma ou de outra, os interesses do seu proprietário, e assim, nas espécies adquiridas, permite por vezes verificar o reflexo dos seus gostos, motivações, tendências, ou até comportamentos na vida prática (1990, p. 277).

Esta afirmação é partilhada por Potten (2015), que considera que uma biblioteca privada não pode ser apenas definida pela classe social, género ou profissão do seu proprietário.

Anastácio refere como características que definem a biblioteca particular a acessibilidade, o valor e a especialização do acervo (2013, p. 48). Por acessibilidade entende a falta de informação sobre a existência de fundos e coleções, a inexistência de instrumentos de pesquisa que permitam ao utilizador aceder às coleções, bem como a

falta de condições e de segurança para consulta. Sendo que as bibliotecas particulares são geralmente de pequena dimensão - raramente excedem os dez mil volumes segundo esta autora -, localizam-se em edifícios que não foram pensados para esta função nem para permitirem o acesso público. Quanto ao seu valor, mais do que a existência de obras raras e com elevado valor comercial, aparece o seu valor simbólico e patrimonial, histórico ou cultural. Refletindo os interesses de quem a constituiu, a sua especialização resulta de um esforço de coleção, por vezes ao longo de gerações, e é a expressão dos interesses, gostos e profissão do seu proprietário.

Em análises a inventários a bibliotecas do século XVII, surge, por vezes, a chamada de atenção à questão dos livros proibidos que uma biblioteca privada podia conter, mas que não seriam incluídos nas listas enviadas à Real Mesa Censória (institucionalizada por Pombal em 1768)⁴, nem referidos em testamentos ou legados, como encontramos, por exemplo, no texto de João Lisboa (1989, p. 78).

Este tema é tratado por Maria Teresa Ramos (2007) que, numa perspetiva biblioteconómica, aborda a biblioteca de S. Martinho de Tibães no século XVIII, indo desde a questão da preservação, da edição de livros, aos temas e às línguas presentes, até à descoberta de quais os títulos de livros proibidos que constavam desta biblioteca. Também Maria da Graça Pericão (2012), no estudo que faz da biblioteca da Botica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ao analisar as edições de algumas farmacopeias e dicionários médicos do século XVIII, conclui que houve reedições e mudança de editores.

Temos assim de, ao estudar uma biblioteca particular, esperar encontrar uma seleção dos exemplares segundo um critério pessoal, o qual nos pode ajudar a definir o carácter, a personalidade, a educação, o gosto e o interesse pessoais e o percurso profissional do seu proprietário e, sem dúvida, o seu meio cultural e social, tal como podemos encontrar nos seguintes trabalhos: Manuel Rodrigues (1984) faz a análise do inventário da biblioteca de D. Francisco de Lemos; Pedro Tavares (1990) aborda a biblioteca de D. Gaspar de Bragança, Arcebispo Primaz de Braga, organizada a partir de um índice manuscrito e ordenado por ordem alfabética e de um segundo manuscrito, incompleto, de obras que D. Gaspar encomendou; António Cardoso (1995) estuda a livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva, ilustre prelado que chegou a Cardeal de Lisboa e Reitor da Universidade de Coimbra; José Oliveira (1995) refere a biblioteca de

⁴ A vigilância das bibliotecas particulares foi uma preocupação que surgiu com a presença da Inquisição em Portugal, como podemos identificar nos diplomas publicados a partir de 1540.

D. João de Magalhães e Avelar, figura do século XVIII, com um acervo bibliográfico de cerca de 36.000 volumes, tendo sido apenas estudados os livros de história; Ana Araújo (1999) debruça-se sobre a biblioteca pessoal de José da Silva Pais, um oficial de Infantaria.

Maria de Lourdes Fernandes analisou a biblioteca de Jorge Cardoso (Fernandes, 2000) e realizou um estudo comparativo entre as bibliotecas portuguesas e as espanholas entre os séculos XVI a XVIII, pronunciando-se sobre a presença de livros portugueses em bibliotecas públicas e particulares espanholas (Fernandes, 2002).

No estudo *As bibliotecas e os livros na obra de Frei Manuel do Cenáculo*, Francisco Vaz (2004) destaca o papel social da biblioteca e a influência do livro em Frei Manuel do Cenáculo, o qual criou a biblioteca do Convento de Jesus em Lisboa, as Bibliotecas Públicas de Évora e de Beja, além de colaborar para a formação da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Vemos como a História do livro e da leitura procura as bibliotecas privadas em busca do perfil do leitor. Mas será que o facto de possuir uma boa biblioteca é sinónimo de ser um grande leitor, num século (XVIII e anteriores) em que o livro se pode considerar um objeto de luxo?

Segundo Olímpia Loureiro (1993), no final do século XVIII a posse de livros e a formação de bibliotecas surge nas classes superiores, sendo natural possuir livros. E para António Pimentel (1989, p. 88), a posse de livros em bibliotecas era sinónimo de prestígio e prazer. Este aspeto pode ser revelador do interesse pela coleção, neste caso pela bibliofilia, quer seja por interesse pessoal, social ou económico ou patrimonial. Em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, a bibliofilia contou com personalidades importantes, como podemos verificar pelos espólios que estão na origem de importantes bibliotecas, como é o caso, já referido, da biblioteca de Frei Manuel do Cenáculo e da de D. João Avelar, cuja coleção constituiu, em 1833, a coleção fundadora da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Considerando o valor patrimonial da biblioteca do Palácio Fronteira, o Projeto Livros de Fronteira, visou a realização do tratamento biblioteconómico primeiramente para conhecer a sua dimensão, avaliar o estado de conservação, os formatos representados, a temática, os editores e livreiros representados, os locais de edição, as línguas de publicação para, num segundo momento, ser disponibilizada ao público em

geral através de um catálogo bibliográfico informatizado e acessível *online* (Anastácio, 2013).

Outro acervo bibliográfico e manuscrito de diversas temáticas portuguesas e espanholas de valor é o da biblioteca e do arquivo da Casa Sabugosa e São Lourenço que, através da Associação criada, recebeu em 2002 um subsídio que permitiu contratar dois arquivistas para a realização do inventário e a identificação das tipologias documentais, bem como a criação de uma base de dados. Em 2007, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi abordado o fundo bibliográfico de modo a fazer o levantamento do estado de conservação das espécies bibliográficas, bem como higienizar, consolidar, acondicionar e restaurar espécimes, e proceder à substituição das estantes existentes com marcas de ação de *annobium*. No entanto, ficou por fazer a instalação de condições de segurança e de estabilidade ambiental, o catálogo informático e divulgação online da biblioteca à qual os proprietários permitem o acesso.

Sabe-se que patrimónios bibliográficos e arquivísticos se perderam por diversas razões, como sejam incúria, efeitos do tempo ou desastres naturais, entre outros. No caso de espólios bibliográficos, para o seu estudo, recorre-se ao catálogo, à análise de inventários, róis de bibliotecas privadas ou até a inventários de heranças, como no estudo da biblioteca de Pedro José da Silva Botelho, do século XVIII, realizado a partir do catálogo existente na Biblioteca Pública de Évora (Vaz, 2011) e que permitiu a análise do número de títulos existentes, número de volumes, temas, línguas e formatos, organização da biblioteca, percentagem de obras gerais, publicações por língua ou modo de arrumação dos temas.

Também Raimundo (2008), no estudo que faz das leituras em Torres Vedras na segunda metade do século XVIII, parte do manifesto que deu entrada na Real Mesa Censória. Entre os 427 indivíduos que constavam da lista, dois eram médicos e um sangrador, o que corresponde a 6% e a 3% do universo estudado, próximo dos números nacionais em que 7% dos indivíduos constantes das listas apresentadas têm o curso de Medicina. Referindo a necessidade de se fazer um estudo mais global, analisa o tipo de obras apresentadas por distribuição temática a partir da nomenclatura utilizada pela Real Mesa Censória de sete classes do conhecimento, e relaciona-as com a caracterização dos seus proprietários. Vemos como os médicos tinham interesses muito variados com exemplares de quase todas as áreas do conhecimento, embora com predomínio da Medicina com 44%, Belas Artes 25%, História 12%, Teologia 10%, Filosofia 5% e

Matemática 4%. (p. 210). Também na análise das línguas presentes, além do português e do latim, os médicos e sangradores estão entre os que possuíam mais livros em outras línguas como o castelhano, o francês e inglês (p. 213).

Encontramos ainda a referência de que, por estudos feitos em Barcelona para o século XVI e França para os séculos XVI e XVII, os médicos eram a classe profissional que detinha mais livros, com 94% (Raimundo, 2008, p. 204), em que a uma necessidade profissional de conhecimento se juntava uma maior capacidade financeira.

Os estudos realizados sobre bibliotecas privadas do século XIX revelam a presença de acervos de dimensão considerável muitos dos quais estão na origem de bibliotecas públicas. Segundo Eduard Potten (2015), em Inglaterra, é neste período que surgem mais bibliotecas privadas por corresponder a um momento de mudanças culturais, económicas e sociais, em que a população na Europa aumenta, bem como a riqueza, a educação e os cuidados de saúde.

Encontramos esta influência anglo-saxónica na arquitetura das casas familiares nos Estados Unidos da América no início do século XIX, em que as bibliotecas pessoais ocupam lugar de destaque e são expressão de prestígio e de riqueza pessoal do seu proprietário e família. Mais tarde, e já na segunda metade do século XIX, são substituídas por outros símbolos de estatuto social e económico, como as salas de jogo e o bar (H. Silva, 2002).

Um exemplo de uma biblioteca privada que esteve na origem de uma biblioteca pública é a biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, organizada pelo pai do médico Abel Salazar e estudada por Fernando Santos (2006). Esta Sociedade foi criada por volta de 1881 para acolher o espólio do arqueólogo e etnólogo Francisco Martins Sarmento (1833-1899), o qual veio a dar origem à Biblioteca Municipal de Guimarães.

A importância das bibliotecas particulares na formação de bibliotecas públicas é discutida por Badui-Quesada (2007) referindo-se à Colômbia e apresentando duas situações distintas. A coleção de Bernardo Mendel especializada em história latino-americana, que foi vendida pelo próprio à *The Lilly Library*, da Universidade de Indiana nos EUA, e a coleção do filósofo colombiano Nicolás Gómez Dávila, em posse dos herdeiros. Este autor defende a passagem para as bibliotecas públicas dos patrimónios bibliográficos em posse de privados, quer por doação quer por aquisição, pela sua importância e valor patrimonial. Dá como exemplo a Biblioteca Nacional da Colômbia,

que tem vinte e cinco fundos bibliográficos com origem em coleções privadas, os quais são relevantes para o total da coleção e que seriam impossíveis de reunir de um outro modo.

1.2. Abordagem de bibliotecas pessoais

Na literatura sobre abordagens de bibliotecas privadas, o estudo de Delile (2013) sobre a biblioteca de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) e Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) destaca temas como pedidos de encomendas a livreiros nacionais e estrangeiros, indicação de ofertas que testemunham as relações profissionais e de amizade com diversas individualidades da vida política, social e intelectual portuguesa e europeia ou a pertença a Academias e Sociedades do tempo.

Para o estudo da biblioteca de José Mattoso (1933-), Freitas avalia a coleção quanto à variedade de tipos documentais que a compõem como monografias, publicações periódicas e obras gerais de referência (Freitas, 2012, p.1). Neste artigo, é primeiro apresentada uma breve nota biográfica, seguida da análise da “planta dos saberes desenhada pelo autor”, isto é, a organização do acervo tal como foi realizada pelo seu proprietário. A abordagem tem quatro dimensões, a saber: a disposição/arrumação dos livros; as principais áreas do saber representadas; riqueza patrimonial e cultural da coleção, diversidades temáticas e tipologias documentais; e, por último, a transformação da coleção num centro de pesquisa aberto ao público.

Na tese sobre Orlando Ribeiro (1911-1997), é realizado um inventário minucioso do conteúdo do acervo bibliográfico, bem como o estudo da sua origem, características, temas presentes, estado de conservação, países de edição, editores, tendo ficado de lado “a análise dos preços”, bem como uma abordagem mais aprofundada às obras de História de modo a sustentar a análise da produção historiográfica de Orlando Ribeiro (Rodrigues, 2009, p. 13).

No estudo sobre a biblioteca de Calvet de Magalhães (1915-2004), a opção foi pela abordagem aos núcleos temáticos na tentativa de estabelecer as fases da sua vida pessoal e diplomática, considerando que esta biblioteca resulta mais de uma vida de trabalho do que de um espírito colecionador (Valente, 2015, p. 30).

Encontrar testemunhos sobre o colecionador da biblioteca esteve na origem do projeto “A biblioteca pessoal de Calouste Gulbenkian”, que a Fundação Calouste

Gulbenkian realizou na comemoração dos cinquenta anos da sua existência, com o objetivo de aprofundar o conhecimento da coleção particular do fundador para melhor compreender o sujeito, a sua personalidade, o pensamento e os diferentes períodos da sua vida. Calouste Gulbenkian (1869-1955) reuniu uma importante biblioteca que esteve na origem da Biblioteca de Arte da Fundação, criada em 1968, e que atualmente se divide entre esta Biblioteca (3 000 títulos de monografias e publicações periódicas) e o Museu Gulbenkian (manuscritos e obras impressas do século XII à primeira metade do século XX). Este projeto incidiu sobre a coleção presente na Biblioteca e que Gulbenkian designava por “Documentação” e utilizava como suporte de estudo das coleções, e visou a atualização da notícia bibliográfica e a construção de um *website*⁵ sobre a vida de Calouste Gulbenkian, ilustrada com referências bibliográficas.

Além da biblioteca pessoal de Gulbenkian, a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian⁶ tem, nas suas coleções especiais, outras bibliotecas particulares, adquiridas por doação ou aquisição, de Ernesto Soares, José-Augusto França, Pedro Miguel Frade, Reis Santos, Teatro de Cordel-Albino Forjaz de Sampaio, Ana Hatherly e Alfredo Pimenta.

Nos resultados de estudos realizados sobre bibliotecas privadas no Brasil, encontramos um artigo que apresenta a Biblioteca João do Rio, localizada no Real Gabinete Português de Leitura, fundado em 1837, em que Fabiano Azevedo (2010) se propõe realizar uma “arqueologia biblioteconómica”, porque “descobrir o processo de formação e desenvolvimento de uma coleção é de importância ímpar, pois ao se conhecer as coleções que formam o seu *corpus*, a biblioteca cresce e se complementa como um organismo vivo” (2010, p. 234). Com este artigo, Azevedo procura conhecer a formação da biblioteca com o objetivo de contribuir para um maior conhecimento do escritor João do Rio (1881-1921).

Para Latini (2008), ao estudar uma biblioteca pessoal é necessário retirar informações da análise da coleção, procurando uma lógica que atribua unidade a um conjunto de livros, o que faz na biblioteca de Machado de Assis, em que, a partir do estudo do catálogo, procura encontrar o pensamento de Assis. Também Vianna (2001)

⁵ www.bibliotecaparticular.gulbenkian.pt

⁶ www.gulbenkian.pt/biblioteca-arte/

abordou esta biblioteca, procurando encontrar a influência dos padrões de leitura da época na coleção.

A procura do universo de leitura no Brasil na passagem do século XIX para o XX levou H. Silva (2002) a estudar a biblioteca particular da família do Conde de Pinhal, no Estado de São Paulo, organizada ao longo de várias gerações. Através de um estudo comparativo sobre práticas de leituras a partir da literatura, concluiu que esta biblioteca se enquadra na leitura do Brasil oitocentista. Das suas conclusões destacamos que um tipo de livro popular nos lares burgueses e aristocráticos brasileiros em oitocentos são os manuais de saúde e medicina que “devido à falta de médicos e hospitais” servem como guias de primeiros socorros e tratamento de doenças comuns (2002, p. 141).

Um estudo de Marta Amoroso e Paulo Iumatti (2015) relaciona os títulos do acervo com a biografia de Manuel Correia de Andrade (1922-2007), do qual ressalta o facto de a biblioteca ter sido um dos alicerces da sua produção intelectual, com os temas a ajudarem a descobrir e a compreender o seu percurso profissional, do Jornalismo à Geografia.

Procurar entender o processo criativo de Mário de Andrade, levou Lopes (2000) a estudar os escritos e marginálias presentes nos livros da biblioteca pessoal deste artista brasileiro.

Encontramos este mesmo tema em Rabier (2013) que procura relacionar as leituras com a filosofia do acima referido filósofo colombiano Gómez Dávila a partir da análise da sua biblioteca, e recorrendo para tal ao guião do estudo que Montinari fez à obra de Friedrich Nietzsche e que consistiu na contextualização da produção literária.

No contexto da procura de fontes privilegiadas, Giselle Venâncio (2005) aborda o arquivo e a biblioteca pessoal de Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), um dos principais intelectuais brasileiros da Primeira República. Solteiro, sem filhos, morreu sem deixar herdeiros e legou aos amigos o seu arquivo pessoal e a sua biblioteca. De modo a preservar a sua memória, foi constituída uma fundação mantida pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, localizada na sua casa em Niterói. Do catálogo constam cerca de doze mil exemplares, entre livros, folhetos e periódicos. Venâncio considera que esta biblioteca é mais um gabinete de trabalho do que a coleção de um bibliófilo e que Vianna procurava reunir conhecimento pelo que dava prioridade às obras contemporâneas “em

detrimento das obras antigas e raridades.” (2005, p.73). O conteúdo da coleção reflete o percurso profissional de Vianna, sendo o maior número de títulos de Ciências Sociais.

Na literatura anglo-saxónica encontramos o estudo da biblioteca privada de Charles Winn (1795-1874), no qual Potten (2015) discute a ideia de que, no final do século XIX, os livros deixam de ser adquiridos pelo seu conteúdo e passam a ser objetos de coleção. Considera que a bibliofilia ou a bibliomania não revela a verdadeira relação entre o proprietário e o livro, e sustenta a sua posição citando Mandelbrote: “the density and complexity of book ownership” (*apud* Potten, p.75). Trata-se de não só procurar livros raros e de valor, mas de explorar as motivações, interesses e influências que levam à formação da coleção. No seu estudo de caso, chega à conclusão de que os livros surgem como fonte de informação de apoio à compra de obras de arte, pintura e antiguidades, bem como são expressão da riqueza e da filantropia de Winn, que apoiava publicações de sociedades locais e editores.

Em Stone (2014) encontramos a apresentação de um projeto experimental em que se procurou tornar acessível a coleção pessoal de Robert Menzies⁷, Primeiro-Ministro australiano, sem recorrer às técnicas habitualmente utilizadas em biblioteconomia. Em vez da realização de um catálogo de assuntos ou índice, que não daria a dimensão social e histórica da coleção, foi utilizada uma base de dados relacional para mapear e descrever a relação entre os títulos, os autores, as marginálias, as organizações, os eventos, as pessoas e os momentos cronológicos da vida pessoal e política de Menzies. Em 2013, com recurso ao *Online Heritage Resource Manager, Microsoft Access Database do eScholarship Research Center da University of Melbourne*, foi possível criar uma base de dados *online* designada “The Robert Menzies Collection: A living library”⁸, a qual dá acesso a uma perspetiva multidimensional dos títulos com diversos pontos de entrada de pesquisa, bem como disponibiliza imagens de páginas com marginálias com as respetivas notas explicativas.

Stone considera que tem havido pouco consenso sobre o modo como organizar a informação de uma coleção pessoal e como a tornar acessível, até porque frequentemente se tratam de coleções híbridas com fundos arquivísticos e biblioteconómicos, como no

⁷ Robert Menzies, foi Primeiro-Ministro da Austrália nos períodos de 1939-1941 e 1949-1966. Em 1976 ofereceu a sua biblioteca pessoal à Universidade de Melbourne, composta por 4.000 títulos, jornais, álbuns de fotografias e cadernos de notas, com o objetivo desta coleção permanecer intacta e servir para o estudo da história da política australiana (Stone, 2014, p. 238).

⁸ Pode ser consultado em <<http://www.menziescollection.esrc.unimelb.edu.au>>.

caso de Menzie. Inspirando-se na arquivística, utiliza o conceito da proveniência para organizar os títulos⁹, segundo o contexto da sua aquisição - compra ou compra em segunda mão - ou incorporação por pertencer à família ou por oferta, de modo a conseguir fazer mais do que uma análise bibliográfica detalhada: “a personal library is an organic collection that reflects its owner’s idiosyncrasies” (Stone, 2014, p. 238). A partir das ofertas, elaborou uma rede de relações estabelecidas com as pessoas que lhe fizeram as ofertas e a natureza da sua relação, familiar, de amizade ou profissional.

No entanto, e apesar dos resultados alcançados, a autora considera que o projeto se revelou uma tarefa mais ambiciosa do que esperava, quer pela dimensão quer pela complexidade das relações presentes. Compara esta abordagem com outros estudos realizados sobre bibliotecas pessoais australianas – Ludwig Leichhardt por Stephens em 2007, Miles Franklin por Roe em 1992, Patrick White por Adelaide em 2011 – e não só – William Gladstone por Windscheffel em 2008, Bertrand Russell por Spadoni and Harley em 1985, Adolf Hitler por Ryback em 2008, Sigmund Freud por Davies and Fichtner em 2006 – e considera que novos resultados podem ser alcançados. Conclui que na coleção Menzies poucos livros são raros ou têm uma edição valiosa, pelo que se trata de “a reader’s library, not a collector’s collection” (Stone, 2014, p.242).

Encontramos notícia da biblioteca pessoal de Lev Tolstoy, uma coleção de monografias e periódicos, com cerca de trinta e dois mil volumes em quarenta línguas, inscrita em 2011 pela Federação Russa na UNESCO como *Memory of the world*. É uma das maiores bibliotecas de um escritor, formada ao longo de três gerações da família Volkonskys-Tolstoy, começada pelo avô Príncipe Nikolai Volkonskys, continuada pelos pais Maria e Nikolai Tolstoy, e completada pelo próprio que reuniu a maior parte da coleção. Inclui ainda um arquivo histórico da sua atividade como escritor, contendo manuscritos, fotografias e filmes, diários, cadernos de notas e correspondência.

No estudo sobre bibliotecas de figuras públicas brasileiras, encontramos referências a bibliotecas de médicos e advogados. Souza (2015) estuda Clodoaldo Beckmann (1927-2007), médico-cirurgião brasileiro e documentalista, homem da cultura, que criou o Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Pará, Brasil. Ferreira (2000) estudou um conjunto de inventários e de bibliotecas de médicos e advogados a partir da questão de como a biblioteca foi formada, pois sabemos que “as bibliotecas

⁹ Todos os títulos contêm informações registadas pelo próprio Menzie como a data de aquisição, nome do ofertante, o contexto da oferta, as notas de leitura, etc.

particulares se formavam a partir de escolhas pessoais, que podiam estar vinculadas a necessidades académicas, profissionais ou simples preferências do proprietário” (Ferreira, 2000, p. 315).

O contributo de médicos na constituição e na organização de bibliotecas está bem representado em John Shaw Billings (1838-1913), de origem norte-americana, médico militar que organizou a *Library of the Surgeon General's Office* em Washington, a qual deu origem, em 1956, à *National Library of Medicine* dos EUA. Billings foi ainda o primeiro diretor da *New York Public Library* (López Espinosa, 2008).

Em Portugal, sabemos por Costa (2000, p. 54) que o médico José Gentil tinha uma biblioteca importante, com uma significativa componente anglo-saxónica. Uma outra coleção de um médico e cirurgião, António Breda, que foi doada por sua morte, em 1964, à Santa Casa da Misericórdia de Águeda, é constituída por livros de medicina e cirurgia, datados entre 1712 e 1964, bem como por instrumentos cirúrgicos. Esta coleção foi formada por três gerações de médicos da família Pereira Pinto, de Barrô, todos profissionais do Hospital de Águeda, como António Joaquim Pereira Pinto, avô do legatário, do Dr. Mateus Pereira Pinto, seu pai, e do próprio António Pereira Pinto Breda.

Recuando no tempo, encontramos dois exemplos sobre a relação dos médicos com os livros. Uma edição de 2011, traduzida por Domingos Dias (Castro, 2011), permite-nos conhecer o que publicou, em 1614, Rodrigo de Castro (15...-1629), médico português de origem judaica que estudou em Salamanca. O seu *Medicus-Politicus* indica o que deve constar na biblioteca de um bom médico, as leituras obrigatórias e as que devia saber de cor. Manuel Rodrigues (1986) e Isabel Malaquias (2012) estudam um outro médico português, também de família judaica e com estudos em Salamanca, António Nunes Ribeiro Sanches (1769-1783), de cujo inventário, realizado após a sua morte em 1783, constam cerca de 2.200 volumes. Na sua biblioteca não se encontra o *Medicus-Politicus* mas o valor da sua biblioteca levou a que Catarina II da Rússia tenha tentado comprá-la, tal como a Corte portuguesa (Malaquias, 2012). Composta maioritariamente por títulos do século XVIII, as áreas de conhecimento mais representadas são a Medicina (27%), viagens (17%), Ciências e Artes (14%) e poética (6%).

Ao falar do ensino em Medicina na Europa no princípio do século XVI, Lindemann diz-nos que “a característica mais surpreendente da educação médica pós-quincentista foi a presença de textos médicos para os alunos” (2002, p. 96). Com o aparecimento da imprensa, que levou à redução do preço dos livros e a maiores edições,

os estudantes já não dependem só da palavra dita, das lições orais, e aparecem “as folhas fugitivas” (p. 96), que eram como que guias para a dissecação. Embora o impacto e os efeitos da imprensa tenham ultrapassado a educação médica e a educação em geral, tendo em conta o nosso tema, “será suficiente dizer que, nos sécs. XVII e XVIII, os estudantes já possuíam livros médicos” (p. 96). Como vimos, os médicos começam a organizar bibliotecas e Lindemann dá como exemplos a coleção de John Hatcher de Cambridge, em 1587, com 575 títulos, dos quais 350 a 400 eram de medicina, ou Thomas Lorkyn, também de Cambridge, com 588 títulos, dos quais 400 eram textos de medicina.

As bibliotecas privadas constituem um objeto de estudo e são uma fonte de informação, mesmo se de pequena dimensão, quer pelo papel desempenhado na constituição e na circulação do saber, quer pela representação de mentalidades e da sociedade, da história. Como é comum em bibliotecas pessoais, encontramos títulos que servem para a atividade profissional e para lazer, pois o seu proprietário seleciona os exemplares segundo um critério, uma motivação. A mentalidade e a formação intelectual de um homem surgem da sua capacidade de estudo constante em que os livros são um elemento fundamental.

Segundo Silva (2004) e Vidal (2011), nos últimos anos a investigação e a análise dos arquivos pessoais e familiares, enquanto fontes não oficiais, têm vindo a aumentar pela possibilidade que abrem ao conhecimento do perfil social e cultural dos seus proprietários. E o mesmo tem vindo a acontecer com as bibliotecas enquanto fontes de informação.

O percurso realizado, através da literatura sobre este tema, permitiu-nos identificar pontos em comum aos vários estudos, tais como a formação da coleção, a caracterização e a composição da coleção, a organização e a representação do conhecimento, o valor patrimonial, a existência de um catálogo ou inventário e, por último, a circulação dos livros.

A natureza específica das bibliotecas particulares e o tipo de análise que o tratamento de uma biblioteca privada permite, abre caminho a outras pesquisas como fonte de um retrato social e antropológico do seu proprietário, e da sua época. O estudo do património bibliográfico de bibliotecas particulares, em posse de instituições de pessoas ou famílias, é certamente importante para o conhecimento do seu papel na transmissão, circulação e utilização de livros, no nosso caso em Portugal, e para conhecer a história da impressão e obter dados sobre tiragem ou preço (Caeiro, 1980).

O tratamento bibliográfico de uma biblioteca suscita algumas questões quanto à organização e representação da informação, nas opções possíveis quanto à preservação ou conservação, entre outras, bem como o futuro da coleção. A realização de um inventário ou catálogo e a sua divulgação, podem ser sinónimos da possibilidade de uma coleção continuar a existir, visto ser possível estudar bibliotecas desaparecidas a partir do seu inventário.

1.3. A Medicina em Portugal (séculos XIX-XX)

São várias as obras sobre a história da medicina produzidas em Portugal durante o século XX a que nos vamos referir, de modo a contextualizar o período temporal que estudamos. Dado o nosso objeto de estudo e o âmbito disciplinar, analisaremos o contexto da medicina na primeira metade do século XX em Portugal, a evolução da ciência médica, o estudo da medicina, as escolas e as faculdades e, em especial, os protagonistas da história médica (veja-se o Apêndice 1, com a lista onomástica de médicos). Sempre que necessário, iremos recuar no tempo, bem como referir a relação com a medicina europeia ou outra como a norte-americana.

Para começar, assinala-se o facto de todas as histórias da medicina terem sido elaboradas por médicos, destacando-se nomes ligados às faculdades de Medicina - como sejam Maximiano Lemos, Silva Carvalho, Luís de Pina e Valente Alves, que lecionaram História da Medicina - ou de outros médicos que também foram professores em Medicina e se interessaram pelo tema - como Ferreira de Mira, Tavares de Sousa, Machado Macedo ou Jaime Celestino da Costa.

Da literatura consultada, começamos por destacar Maximiano Lemos¹⁰, definido por Machado Macedo (2000) como o grande historiador da medicina nacional, opinião partilhada por Ferreira de Mira (1947), Luís de Pina (1956), Jaime Celestino da Costa (1985), Reis (2004), Damas Mora (2013 a), Jorge Penedo (2012) e Valente Alves (2014).

¹⁰ Maximiano Augusto de Oliveira Lemos Júnior (1860-1923) formou-se em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1889, onde apresentou como dissertação final *A medicina em Portugal até aos fins do século XVII, tentativa histórica*. Porto: Imprensa Commercial. (Disponível *online* em www.rcaap.pt.) Lecionou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e mais tarde, entre 1916 e 1923, foi professor de História e Filosofia Médicas e Ética Profissional na Faculdade de Medicina do Porto. Foi diretor da Faculdade de Medicina do Porto entre 1918 e 1922, e vice-reitor da Universidade do Porto entre 1921 e 1922. Afastou-se em 1923 por motivos de saúde, vindo a falecer nesse ano. Além da publicação acima referida, fundou dois periódicos: *A Gazeta dos Hospitais do Porto* e *a Gazeta Médica do Porto*.

A obra de Maximiano Lemos *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições* (1991), composta por dois volumes, editada em 1899 e reeditada em 1991, é considerada uma das obras de referência e um dos livros de base para estudantes. Abrange o período de 1130 até ao final do século XIX, e começa com o início dos estudos, da prática e do conhecimento da medicina, organizando os conteúdos por grandes períodos. Sobre a ciência médica em Portugal, destaca a reforma da Universidade em 1772 pelo Marquês de Pombal e a criação das Escolas Régias de Cirurgia¹¹ em 1825, o que, segundo o autor, marca o início do período contemporâneo da história da medicina (1991, p.296), apesar do clima de conflito existente entre estas Escolas e a Universidade de Coimbra.

O interesse pelo tema levou Maximiano Lemos a fundar em 1886 os *Archivos de História da Medicina Portuguesa*, nos quais trabalhou até morrer, e de que foram publicados 20 volumes entre 1887 a 1923, compostos por artigos de medicina, biografias de médicos, documentos de estudo sobre ciências médicas, hospitais, epidemias, entre outros.

Publicou mais de 134 trabalhos, mas foi o seu contributo para o estudo da história da medicina que levou a que o Museu de História da Medicina da Faculdade de Medicina do Porto fosse batizado em sua homenagem com o nome de Maximiano Lemos, o que aconteceu em 1936 (Macedo, 2000).

Silva Carvalho¹² publicou, em 1929, a *História da medicina portuguesa*, elaborada “a propósito” da Exposição portuguesa em Sevilha. Apresenta a história dividida em cinco períodos de tempo, numa organização próxima de Maximiano Lemos: entre 1130 e 1500; de 1501 a 1625; o período de 1626 a 1772 com particular referência ao Hospital de Todos-os-Santos; de 1723 a 1824 sobre o Hospital de São José e a Régia Escola de Cirurgia de Lisboa; e, por fim, o período de 1825 a 1900 em que destaca o início das especializações médicas e o aparecimento da Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1911. Para cada época apresenta a história dos principais médicos e cirurgiões e das obras por eles escritas, bem como as sociedades e os periódicos médicos.

¹¹ Também designadas por Régias Escolas de Cirurgia ou Escolas Reais de Cirurgia.

¹² Augusto da Silva Carvalho (1861-1957) formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e foi professor de História da Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Médico, professor, administrador hospitalar e historiador, tem vasta bibliografia na área da Epidemiologia, Saúde Pública e História da Medicina. Encontra-se na BNP o seu espólio composto por 66 caixas que contêm notas biobibliográficas, apontamentos sobre história da medicina, correspondência, documentos vários e fotografias. Fonte: www.bnp.pt.

Na década de 50, Luís de Pina¹³ publicou a *História Geral da Medicina* (em 1954) e, mais tarde, um artigo sobre *História da História da Medicina em Portugal* (1956). O seu objetivo foi elaborar uma história da medicina geral em língua portuguesa, a qual incluísse os contributos da medicina nacional. A sua visão histórica da medicina levamos, através de mapas, diagramas e imagens, desde a medicina da pré-histórica até ao início do século XVII, passando pela medicina chinesa, hebraica, japonesa, indiana, mesopotâmica, inca, medieval, escolástica, laica; todo este percurso é feito com referências aos grandes nomes da medicina, à semelhança dos autores anteriores. No entanto, dada a longa cronologia apresentada, fica pouco espaço para fazer a história da medicina portuguesa.

A *História da Medicina Portuguesa* de Matias Ferreira de Mira¹⁴, publicada em 1947, aborda principalmente o desenvolvimento da medicina no século XIX, marcada por grandes progressos das ciências em geral e em que “a medicina [se] tornou uma arte baseada na ciência” (1947, p.342). É o início da separação dos médicos, em que uns optam pela clínica e outros pelo laboratório, desenvolvendo-se esta nova medicina laboratorial em que o médico é também o investigador. No entanto, e segundo Mira - que para isso refere o discurso que Lima Leitão fez em 1939 na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa -, em Portugal este caminho só se abre no século XX (1947, p.348).

Neste último período, na área clínica, assinalam-se desenvolvimentos significativos na investigação fisiológica, em França com Claude Bernard (1813-1878) e na Alemanha com Virchow (1821-1902), estabelecendo os princípios do diagnóstico-tratamento determinados pela experiência fisiológica e patológica. Mira (1947) considera que estes princípios dominam a medicina do século XX e que os *Arquivos de anatomia patológica*, designados por “Arquivos de Virchow” (publicados em 1847) ou a *Patologia celular* (de 1858), são marcos na história da medicina e iniciam o predomínio da influência alemã que era, até então, de tradição francesa, opinião secundada por Carvalho (1929). Veloso (2017, p.17) destaca as descobertas de Bernard, que influenciaram gerações de médicos.

No século XIX, a lógica do desenvolvimento das ciências é a da especialização (Carvalho, 1929; Mira, 1947; Alves, 2014). Na viragem do século XVIII para o XIX são

¹³ Luís de Pina (1901-1972) foi catedrático de História da Medicina e Deontologia Profissional na Faculdade de Medicina do Porto, sucedendo a Maximiano Lemos.

¹⁴ Matias Ferreira de Mira (1875-1953) foi professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

várias as descobertas que fazem avançar a medicina como, no campo da imunologia, a descoberta da vacina contra a varíola por Edward Jenner (1749-1823), a que se junta a contribuição de Bichat (1771-1802), que introduz o conceito da patologia dos tecidos; Phillipe Pinel (1745-1826) define pela primeira vez o campo da medicina das doenças mentais, chamada de alienismo e, mais tarde Psiquiatria; em 1816 René Laënnec (1781-1826) inventa o estetoscópio, o que permite a audição da cavidade torácica. Já no século XX, a fotografia e o microscópio foram para Alves (2009) as tecnologias que maior impacto tiveram no desenvolvimento da medicina.

Na *História da Medicina Contemporânea* do médico Monteiro Pereira¹⁵, encontramos as linhas gerais da medicina apresentadas em dois volumes. Do Renascimento até ao século XIX, Pereira (1963) expõe o panorama europeu e apresenta as grandes evoluções da medicina e os nomes que lhe estão associados. Considera que a “medicina contemporânea” — que abarca o final do século XIX até à data da publicação desta obra — é uma medicina nova, surpreendente e inesperada, porque é científica e nasce da evolução de todos os campos da ciência. Para este autor, é o cruzamento entre a tendência clínica e a tendência científica que faz avançar a ciência médica (1963, p.131), e não a separação das duas, tal como sustentado por Mira (1947). Mas em linha com este último, considera que o progresso se deve a figuras da medicina e a escolas médicas como a inglesa, a alemã, a de Viena, a francesa, a italiana, a dos Estado Unidos e a portuguesa, então liderada pelo Hospital de São José ou por Miguel Bombarda (1851-1910)¹⁶ na Psiquiatria.

Para Machado Macedo¹⁷, se existe documentação sobre a história da medicina até ao final do século XIX, falta abordar a medicina portuguesa do século XX, o que este autor se propõe a fazer, tal como Pina (1954) e Alves (2011a, 2014), mas que só vem a ser concretizado na obra coordenada por Veloso (2017). No entanto, como Alves¹⁸ recua

¹⁵ Mário Monteiro Pereira (1905-1970).

¹⁶ Miguel Bombarda, médico, psiquiatra, professor, político e republicano. Exerceu medicina em Lisboa entre 1887 e 1910, tendo contribuído para a reforma da Psiquiatria em Portugal, e participou em campanhas contra a tuberculose. Elemento destacado do movimento republicano, não participou no 5 de Outubro de 1910 por ter sido assassinado na véspera por um doente.

¹⁷ Manuel Machado Macedo (1922-2000), médico, cirurgião Cardiorácico, Professor na Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L e da Faculdade de Medicina de Lisboa, Bastonário da Ordem dos Médicos entre 1987 e 1992, desempenhou vários cargos de direção hospitalar e de associações médicas.

¹⁸ Manuel Valente Alves (1953-) médico, professor da disciplina de História da Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Organizou em 2003, o Museu da Medicina da Universidade de Lisboa que dirigiu até 2013.

na história e começa mesmo por fazer referências ao reinado de D. Sancho I, indica nomes de médicos conhecidos, destaca a angiografia de Egas Moniz, fala na relação entre política e medicina, e o papel central do Hospital de São José na assistência médica (Macedo, 2000). Quanto à história do século XX, vai até ao período de 1974 e faz a história com outros conteúdos, dando conta de como evoluíram as políticas da saúde, de como surgiu o Ministério da Saúde, as carreiras médicas e as associações médicas¹⁹.

Ficam por referir as questões de saúde pública como a tuberculose, o que vamos encontrar em Alves (2011a), Carvalho (1934) e Veloso (2017). Nos últimos anos do século XIX e no princípio do século XX, a tuberculose em Portugal atingiu números elevados, fruto das más condições de vida e da falta de saneamento básico. Uma doença que constituía um problema de saúde pública, atingindo todas as classes sociais, o que levou a Rainha D. Amélia a criar em 1899 a Assistência Nacional aos Tuberculosos, por influência de Miguel Bombarda (Carvalho, 1934). No entanto, esta doença atingiu o seu pico máximo na década de 30 do século XX, o que mostra a ineficácia das medidas tomadas (Veloso, 2017, p. 31).

O combate à tuberculose fazia-se com medidas de higiene²⁰ e nesta luta encontramos nomes como Miguel Bombarda (1851-1910), Sousa Martins (1843-1897)²¹, Ricardo Jorge (1858-1939), Curry Cabral (1844-1920), Oliveira Feijão (1850-1918), Alfredo da Costa (1859-1910), Bello de Moraes (1868-1933), Ferreira de Mira (1875-1953), Bissaya Barreto (1886-1974), Cancela de Abreu (1913-1990), Costa Sacadura (1872-1966), (Ferreira, 1990). Só a partir de 1950 é que a taxa de incidência da doença começa a diminuir.

No século XX, principalmente a partir da década de 30, encontramos uma outra doença endémica, com o registo de cerca de 70.000 casos anuais de malária - paludismo e sezonismo. Localizada principalmente nas áreas de cultivo de arroz, nas bacias do rio Mondego, Sado, Águeda e Tejo, foram criados serviços antissezonáticos em Benavente e

¹⁹ A Ordem dos Médicos foi instituída por Decreto-Lei de 24 de novembro de 1938. Esta associação foi precedida por outras com a mesma finalidade, mas nunca legalizadas, tais como: a Associação dos Médicos Portugueses, Lisboa, 1898; Associação Médica Lusitana 1913; a Associação de Classe dos Médicos do Norte de Portugal; a Associação dos Médicos do Centro de Portugal, em Coimbra; a União dos Médicos Provinciais, em Portalegre; ou ainda a Associação dos Médicos Portugueses, em Évora (Macedo, 2000).

²⁰ A invenção do estetoscópio por Laënnec contribuiu para o conhecimento da doença, mas foi com Robert Koch (1843-1910), em 1882, que se conheceu o microrganismo responsável pela doença.

²¹ Sousa Martins era defensor do clima limpo e em altitude, pelo que o seu nome veio a ser dado ao sanatório da Guarda, *Sanatório Sousa Martins*.

Águas de Moura, o que contribuiu para o controlo e eliminação do mosquito transmissor, *Anopheles spp.* Foram também desenvolvidas campanhas de sensibilização e de profilaxia, bem como planos de tratamento das populações infetadas (Ferreira, 1990).

Além do que foi já referido, a novidade na *História da Medicina em Portugal, origens, ligações e contextos* de Valente Alves (2014) é a notícia sobre o século XXI e a tentativa de fazer toda a história da medicina portuguesa.

Quanto ao século XX, a recente obra coletiva já citada, coordenada pelo médico Barros Veloso (2017), *Médicos e Sociedade, para uma história da medicina em Portugal no século XX*, apresenta a evolução da medicina e de que modo esta influenciou e condicionou toda a sociedade portuguesa ao longo deste século. Trinta e oito médicos e historiadores unem-se para, ao longo de cinquenta capítulos organizados por ordem cronológica, sempre que tal é possível, tratarem os principais temas com a consciência de que nem tudo foi dito. Esta obra que tem como objetivo aproximar-se do público em geral através de uma linguagem acessível, nem académica nem médica, tem como vantagem ser uma compilação dos principais momentos da medicina em Portugal do século XX, relacionando-os com o momento histórico, enquadramento que faltava fazer. Encontramos a relação entre a ciência médica e a Primeira República, o Estado Novo, a Guerra Colonial, as questões de Saúde Pública, as epidemias e, sobretudo, o mais interessante, a história da medicina na segunda metade do século XX. Se a intenção de fazer uma narrativa crítica e contextualizada, rompendo com a história da medicina feita à volta das grandes figuras da medicina, a “história das sumidades como lhe chama Foucault” (Veloso, 2017, p. 19) é expresso, o olhar do médico como narrador e como protagonista da história continua presente, bem como o destaque dado às biografias.

Para terminar, gostaríamos de referir um artigo de Lejeune, *As contribuições de Portugal para a história da medicina* de 1938, uma comunicação feita no âmbito do 1.º Congresso da história da expansão portuguesa pelo mundo, inserida no *Congresso de Medicina Portuguesa*. Para Lejeune é necessário escrever uma história geral da medicina portuguesa por esta ser desconhecida e abafada pela proximidade a Espanha. Mas, ao falar da medicina portuguesa, refere-se sobretudo ao período das descobertas e da expansão colonial, da influência em Goa e no Japão²². Quanto à medicina mais recente,

²² Luiz de Almeida, médico e padre jesuíta, a quem se atribuiu a realização da primeira intervenção cirúrgica em Oita, no Japão, em 1555. Encontramos ainda comentários sobre a Escola Cirúrgica de Goa e o primeiro

considera que Portugal no século XVIII, era um país em progresso com os cirurgiões Manoel Constâncio (1726-1817)²³, Francisco Correia (?) e a reforma universitária de Pombal. Para o século XIX, diz que a medicina portuguesa se aproxima dos outros países europeus, com influências inglesa e francesa, mas a caminhar para a independência principalmente pela ação do jornalismo médico: “A medicina em Portugal está hoje no seu apogeu” (1938, p. 16).

A história da medicina está também ligada à história do serviço médico militar. Para Nicolau Bettencourt²⁴ é importante olhar a História de modo a conhecer as raízes e estudar a evolução dos acontecimentos militares em que os assuntos de saúde são uma parte (1961, p.3).

A contribuição da organização militar na medicina fez-se sentir particularmente na formação dos médicos e cirurgiões militares, aspeto evidenciado por Vieira Reis²⁵ na sua *História da Medicina Militar Portuguesa*, de 2004. Em dois volumes, encontramos o contributo das guerras para a história da medicina, principalmente através dos hospitais militares e dos médicos militares, elaborando as biografias dos que mais se destacaram, quer pelo serviço médico quer pelo serviço militar, entre os quais salienta Maximiano Lemos, a quem atribui a melhor obra sobre a história da medicina portuguesa.

Os hospitais militares, após a sua reorganização de 1802, tiveram um papel importante durante o século XIX como suporte às políticas de saúde públicas. Esta reorganização permitiu ter em funcionamento três unidades de saúde como o Hospital Militar de Xabregas, o Hospital da Marinha no Campo de Santa Clara, em 1806, e a criação do Hospital Militar Principal na Estrela em 1836, e dar à gestão da Misericórdia de Lisboa o Hospital de São José, o que aconteceu em 1844 (Alves, 2014, p.1).

Mais recentemente, e para o século XX, Reis (2017) destaca a evolução das ciências médicas na Grande Guerra, principalmente na cirurgia, traumatologia, neurologia, infeciologia, bacteriologia, higiene, fisioterapia, próteses e técnicas de

livro de cirurgia em língua portuguesa de António da Cruz, de 1601, o qual teve grande número de edições e “eco mesmo para além das fronteiras” (Lejeune, 1938, p. 13).

²³ Manoel Constâncio foi o primeiro professor português de Anatomia, sucedendo a uma tradição de professores estrangeiros. Começou como ajudante de barbeiro aos 12 anos, estudou no Hospital de Todos-os-Santos no qual obteve a carta de sangrador em 1754 e passou a praticante de cirurgia. Em 1758 obteve a carta de cirurgião. Foi nomeado cirurgião da Casa Real (Oliveira, 2013).

²⁴ Nicolau Bettencourt (1900-1965).

²⁵ Vieira Reis (1935-), médico militar com a especialização em cirurgia.

evacuação. A realidade do *shock* causado pelo trauma e por hemorragias, a gangrena gasosa e a guerra química, com a utilização do gás mostarda, eram os maiores problemas que se colocavam aos médicos e para os quais era urgente encontrar solução. O autor destaca o contributo dos médicos portugueses que vieram a beneficiar com a experiência adquirida e com a partilha de conhecimento com colegas de outros países.

1.3.1. Cirurgia e cirurgiões

Para Carvalho (2008), foi a partir dos anos 60 e 70 do século XIX que as transformações e os progressos científicos permitiram melhorar a assistência médica e transformar a prática clínica. Em final do século XIX, o panorama começa a mudar com Manuel Bento de Sousa (1835-1899) na cirurgia, Sousa Martins (1843-1897) e Miguel Bombarda (1851-1910) na clínica, e Gama Pinto (1853-1945), Mark Athias (1875-1946), Câmara Pestana (1863-1899) e Ricardo Jorge (1858-1939) na investigação (Veloso, 2017, p.18).

Mas o maior avanço deu-se na cirurgia, que, até 1886, consistia em realizar amputações, tratar feridas de guerra e abscessos, com taxas elevadas de mortalidade e de infeções, a que se juntava a incapacidade de gerir a dor operatória. O progresso da cirurgia no século XIX fica assim ligado ao controlo das infeções, à antissepsia²⁶ (a Lister ou ao método listeriano), e à anestesia. “Antes de Lister, segundo James Young Simpson²⁷, ‘na mesa de operações o paciente corre tantos perigos como nos campos de batalha.’” (*apud* Pereira, 1963, p.265). Mas foi Ernest von Bergman (1836-1907) quem transformou a antissepsia em assepsia²⁸, aperfeiçoando o método e alterando a designação. A introdução da assepsia revolucionou os métodos de higiene e profilaxia da infeção cirúrgica (Pereira, 1963; Carvalho, 2008).

A grande preocupação com a anestesia motivou a procura de métodos para eliminar ou atenuar a dor durante as intervenções cirúrgicas. Segundo Pereira (1963), a

²⁶ Conjunto de procedimentos ou de atuação destinados a impedir a proliferação ou a colonização microbiana. Joseph Lister (1827-1912), cirurgião inglês, demonstrou em 1865 que o ácido carbólico (fenol) era um agente antisséptico.

²⁷ Sir James Young Simpson (1811-1870), médico escocês e uma figura importante na história da medicina, que descobriu as propriedades anestésicas do clorofórmio, administrado por máscara, e introduziu a sua utilização com sucesso, nomeadamente na obstetria.

²⁸ Método de prevenir a infeção, evitando agentes infecciosos, por meios físicos ou químicos.

história moderna da anestesia começou no final do século XVIII com Humphry Davy²⁹, que pode ser considerado o fundador da anestesia geral. Encontramos aqui uma definição interessante de cirurgia como “o conjunto de conhecimentos e de métodos que permitem intervir directamente sobre a parte do corpo em que se manifesta a doença sem originar dano mortal no paciente.” (Pereira, 1963, p.263), a que podemos juntar a preocupação quer da anestesia quer da assepsia.

Já para Carvalho (2008), as primeiras anestésias foram realizadas nos Estados Unidos, começando Morton em 1846, em Boston, a utilizar éter e a obter bons resultados. Mais tarde Wells, na Georgia, utiliza o Protóxido de Azoto, mas sem o mesmo sucesso. Em 1847 Simpson introduz o gás clorofórmio, cuja utilização se manteve até meados do século XX, quando deu lugar ao Protóxido de Azoto.

No início do século XX o clorofórmio e o éter eram as duas substâncias mais utilizadas na anestesia, com os cirurgiões a discutirem a sua utilização, tal como aconteceu em Portugal com Custódio Cabeça (1866-1936) a defender a utilização do clorofórmio e Salazar de Sousa (1871-1940) a optar pelo éter. Damas Mora³⁰, num artigo sobre cirurgiões do Hospital de São José, aborda esta questão e analisa a utilização de clorofórmio e de éter nas cirurgias entre 1903 e 1914, em que podemos ver como a utilização do clorofórmio se relaciona com maior frequência com acidentes cardíacos, dada a sua maior toxicidade (2013a, p.59). Em 1910, encontramos publicações de Alberto Mac-Bride a debater a anestesia, sendo partidário do éter face ao clorofórmio, embora defenda e impulsione a raquianestesia, também chamada raqui-novocainização ou raqui-estovainização.

Ao falar da evolução da cirurgia em Portugal no século XIX-XX, Celestino da Costa³¹ (1992) refere-se a escolas e a médicos e centra-se em Lisboa e no papel que o Hospital de São José desempenhou na formação de gerações de médicos, na evolução e

²⁹ Humphry Davy (1778-1829), químico inglês, tornou-se conhecido pelas suas experiências com o protóxido de azoto ou óxido nitroso, conhecido como gás hilariante. O seu trabalho foi desenvolvido pelo seu assistente Michael Faraday (1791-1867), que chegou a alcançar maior notoriedade do que o próprio Davy.

³⁰ Luís Damas Mora (1936-) foi Diretor do Serviço de Cirurgia Geral do Hospital do Desterro, é Presidente da Comissão do Património Cultural do Centro Hospitalar de Lisboa Central e redator do capítulo de História Portuguesa da Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

³¹ Jaime Celestino da Costa (1915-2010), filho do médico Augusto Celestino da Costa, Diretor do Serviço de Cirurgia do Hospital de Santa Maria, foi pioneiro da cirurgia cardiotorácica. Professor na Faculdade de Medicina de Lisboa durante 44 anos, após a sua jubilação dedicou-se à História da Medicina e publicou diversos artigos sobre este tema.

na organização dos hospitais de Lisboa, tal como Leone (1993), Mora (2013a, b), Carvalho (2008) e Alves (2011a, 2014), bem como no seu papel a nível local e nacional, principalmente no serviço de urgência (Matoso, 2012). “O Banco³² do Hospital de São José, de que podemos com justa razão orgulhar-nos, dia e noite ao serviço de uma grande população” (Barbosa, 1953, p.3).

Herdeiro da tradição do Hospital de Todos-os-Santos, “em Lisboa e no país, os cirurgiões do ‘Hospital de São José e Annexos’, ou, a partir de 1913, dos Hospitais Civis de Lisboa, foram durante décadas considerados os mais sabedores e experientes, e até aos anos 80 do século XX eram eles os chefes indiscutíveis das equipas de urgência.” (Mora, 2013a, p.263). “Pouco se sabe da organização interna e do movimento assistencial neste fim do século XVIII, descontando a circunstância de o Hospital de São José, na esteira de Todos-os-Santos, ter continuado a ser a grande escola de cirurgia do país.” (Matoso, 2012, p.46).

Também se desconhece o impacto que teve a Guerra Peninsular (1807-1811) ou a presença das tropas inglesas, mas, tal como no resto do país, estes acontecimentos não devem ter favorecido o progresso do Hospital de São José, que em 1810 tinha quatro médicos, nove cirurgiões, e registou a entrada de 13.000 doentes (Matoso, 2012, p. 47).

Sem dados que permitam fazer comparações com Porto ou Coimbra, “julgamos que Lisboa era, então, o principal centro cirúrgico do país” diz-nos Mora (2013a, p. 71).

No destaque dado ao papel que o Hospital de São José teve na história hospitalar, Mora salienta o papel de Curry Cabral na sua direção no início do século XX. Nomeado Enfermeiro-mor³³ em 1890, é deposto com o 5 de Outubro de 1910, deixando realizada

³² Desconhece-se a origem da utilização da expressão de “Banco no Hospital”, mas deve ter tido origem no “banco” do Hospital de Todos-os-Santos. Aparece pela primeira vez num documento relacionado com este hospital em 1633. A expressão passou para o Hospital de São José como o serviço que atendia os doentes urgentes. Vulgarizou-se depois como o serviço de urgência (Matoso, 2012; Mora, 2013 a).

³³ “Enfermeiro-mor era a designação antiga correspondente a presidente do Conselho de Administração de um centro hospitalar que presidia ao Conselho Administrativo, bem como ao Conselho Técnico” (Matoso, 2012, p. 146). Esta designação surge a partir de 1564 com a passagem da administração do Hospital Real de Todos-os-Santos para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e é dada ao dirigente máximo do Hospital. Um cargo com características honoríficas ou de confiança política que até 1851 foi designado pela Misericórdia, geralmente atribuído a um médico. Manteve-se em uso até 1913, ano da criação dos Hospitais Civis de Lisboa, quando foi extinto. Restaurado a seguir ao Pronunciamento Militar de 28 de maio de 1926, a partir daqui foi ocupado apenas por médicos, militares e não militares, até 1970 com a saída de Carlos George (1913-1986), o último Enfermeiro-mor. O 1.º enfermeiro-mor foi Brás ou Afonso de Albuquerque (1500-1580), filho de Afonso de Albuquerque, vice-rei da Índia. O 1.º enfermeiro-mor médico foi Victor Henriques Tomás de Carvalho (1819-1897), em 1863 (Matoso, 2012).

uma notável reforma hospitalar³⁴ (Mora, 2013a), tendo introduzido meios complementares de diagnóstico e de terapêutica, melhorado as condições de higiene e de internamento, e adaptado o Hospital de Santa Marta para o tratamento de doenças venéreas, o que não veio a acontecer porque foi entregue à Escola Médico-Cirúrgica e passou a ser designado por Hospital Hintze Ribeiro (Veloso, 2017, p.75).

Encontramos destacada na história da cirurgia em Portugal a figura do cirurgião a nível individual, relacionado com uma escola, um hospital ou uma corrente de pensamento. Em comum, a ideia de que o sucesso da cirurgia, no final do século XIX e início do século XX, dependia da ação individual do cirurgião, das suas capacidades técnicas e do seu prestígio, situação que se vivia em Portugal como em outros países europeus. “Foi a época dos ‘grandes cirurgiões’ (pois nesse tempo o cirurgião era sempre ‘grande’)” (Costa, 1992, p.288), em que à competência cirúrgica se associava uma personalidade carismática. Uma época em que a cirurgia era definida pela frase latina “*cito, tuto et jucunde*”³⁵, isto é, cirurgiões rápidos que tudo operavam e sem hesitar, tal como refere Mora (2013a, p.54), no artigo acima citado.

Tal como Pereira (1963), Carvalho (2008), Mora (2013a) e Veloso (2017), Celestino da Costa (1992) considera que esta é uma época, para os cirurgiões, marcada pela inovação com a utilização da anestesia geral e o controlo da infeção³⁶. Foi a altura das primeiras operações realizadas “às partes moles”, porque mais acessíveis, com a cirurgia abdominal a dominar a par da cirurgia ginecológica: “Isto explica que a grande maioria dos cirurgiões da transição e do princípio do século fossem cirurgiões ginecologistas e cultores da obstetrícia.” (Costa, 1992, p.289). Uma cirurgia baseada na farmacologia e nas novas regras, embora longe da existência dos antibióticos³⁷ e em que as técnicas de reanimação eram desconhecidas e o choque pós-operatório comum, com taxas de mortalidade muito elevadas, o que levava a que tanto cirurgiões como doentes temessem as intervenções cirúrgicas (Mora, 2013a).

³⁴ Nas inovações que introduziu, Curry Cabral criou a Repartição de Estatística Médica que recolhia informação e elaborava quadros com os dados do ato cirúrgico, tais como o boletim clínico, o tipo de cirurgia e anestesia realizados, os dados do doente, o nome do operador e resultado da cirurgia: alta por saída ou por morte. Estes dados foram publicados, pela primeira vez em 1903, com informações relativas a 1902, no *Boletim do Hospital de S. José e Annexos - Clínica, Estatística e Administração*.

³⁵ Célebre máxima de Celso (século I d.C.), que teve desde então um profundo impacto no pensamento médico, e que podemos traduzir por “rápida, segura e agradavelmente”.

³⁶ Segundo Carvalho (2008), os métodos antissépticos foram introduzidos em Portugal por volta de 1880.

³⁷ A penicilina foi descoberta em 1928 por Alexander Fleming (1881-1955) e comercializada a partir de 1941.

“A figura do cirurgião era altamente prestigiada na sociedade e os concursos da carreira hospitalar eram notícia na imprensa de então” (Mora, 2013a, p. 54), prática que se manteve até ao início dos anos 70 do século XX, em que a imprensa de Lisboa publicava a notícia dos cirurgiões que ocupavam vaga nos Hospitais Civis de Lisboa, informação ilustrada com a sua fotografia.

J. Celestino da Costa (1992) nomeia um grupo que designa por *Geração da Transição do Século*, tal como Mora (2013a), que enumera de forma cronológica: Magalhães Coutinho (1815-1895), Alves Branco (1822-1885), Manuel Bento de Sousa (1835-1899), Curry Cabral (1844-1920), Gregório Fernandes (1849-1906), Manuel Bordalo Pinheiro (1850-1925), Oliveira Feijão (1850-1918), Abílio Mascarenhas (1851-1898), José António Serrano (1851-1904), Sabino Coelho (1853-1938), Alfredo da Costa (1859-1910). Foram todos cirurgiões do Banco e Diretores de Serviço nos hospitais, e quase todos professores da Escola Médico-Cirúrgica.

Estes professores e grandes” cirurgiões³⁸ influenciaram a geração seguinte da cirurgia em Lisboa, designada por Costa (1992, p.90) como a *Geração da Primeira Metade do Século* referindo-se ao século XX: Custódio Cabeça (1866-1936), Manuel Moreira Júnior (1866-1953), Augusto de Vasconcelos (1863-1951), José Gentil (1870-1941), Jayme Salazar de Sousa (1871-1940), Augusto Monjardino (1871-1941), Francisco Gentil (1878-1964), Reynaldo dos Santos (1880-1970) e Alberto Mac-Bride, nomes também referidos por Macedo (2000) e Mora (2013a). Macedo (2000) acrescenta os nomes de Artur Ravara (1873-1937), Henrique Bastos (1874-1937) e João Paes de Vasconcellos (1877-1958), este último também nomeado por Mora (2013a).

A carreira desta geração “do século XX” foi diversa: Custódio Cabeça, Moreira Júnior, Augusto Monjardino e José Gentil seguem a tradição da cirurgia ginecológica; José Gentil alia a cirurgia ginecológica à cirurgia abdominal de urgência; Ravara, Henrique Bastos e Reynaldo dos Santos praticam a cirurgia urológica; Salazar de Sousa a cirurgia pediátrica; Francisco Gentil interessa-se pelo problema do cancro.

Do grupo acima referido, dois cirurgiões mantêm-se apenas ligados aos Hospitais Civis nos quais se destacam profissionalmente: João Paes de Vasconcellos que veio a ser Diretor-Geral, e Alberto Mac-Bride, grande defensor da instituição hospitalar civil. A

³⁸ No início do século XX, o cirurgião era identificado como cirurgião abdominal. Depois a cirurgia, como os outros ramos da medicina, evolui para a especialização (Costa, 1992).

nível da organização hospitalar, Mac-Bride trabalhou a favor da reorganização do internato, da regulamentação dos concursos dos hospitais e da remodelação do Banco, tendo sido um dos grandes colaboradores de José Gentil, na obra de renovação do mesmo (Costa, 1992).

A este conjunto de nomes de cirurgiões — entre os quais destaca os nomes de Custódio Cabeça, Augusto de Vasconcelos, José e Francisco Gentil, Salazar de Sousa, Augusto Monjardino, João Paes de Vasconcellos, Reynaldo dos Santos e Alberto Mac-Bride —, Damas Mora (2013a, p.71) considera que é necessário acrescentar outros cirurgiões do Hospital de São José que não seguiram a carreira académica, mas que se destacaram como profissionais, e que são: J. M. Damas Móra (1873-1942), Balbino Rêgo (1875-1937), Feye e Castro (1877-1937), Torres Pereira (1924-), Joaquim Silva Araújo, Francisco Stromp (1859-?), Azevedo Gomes (1883-1961) e Craveiro Lopes (1868-1953).

Nas histórias da medicina, a referência a cirurgiões do Porto ou Coimbra é menor, situação aludida por Mariana Leal que associa o esquecimento com a geografia do nosso país (2014, p.122). Encontramos em Carvalho (2008) a intervenção e o trabalho de jovens cirurgiões no Porto, como Júlio Franchini (1855-?), Azevedo Maia (1851-1912), Roberto Frias (1853-1918), Tito Fontes (1854-1933), Sousa Oliveira (?), Cândido de Pinho (1853-1919) e Maia Mendes (1856-1920); para Leal “com esta geração começou a cirurgia moderna em Portugal” (2014, p.122).

Não se referindo apenas à cirurgia, Leal (2014) destaca o papel que a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto teve, pela qual passaram alguns dos mais ilustres médicos e cientistas da medicina nacional, muitos deles esquecidos ou nunca lembrados pelas histórias da medicina, o que a motivou a apresentar uma tese de Mestrado em Medicina, em que a História da Medicina se encontra com a Museologia Médica, a partir da figura de Álvaro António Pinheiro Rodrigues (1904-1987), médico, investigador, gestor e professor na acima referida Faculdade. Com este trabalho procurou perpetuar a sua memória, bem como divulgar a sua herança científica e humanística.

Vemos como a história da medicina é feita de relatos na primeira pessoa, tal como encontramos na *Revista Portuguesa de Cirurgia*, Órgão oficial da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, que tem uma seção designada por “História e Carreiras”, da responsabilidade de Damas Mora. Encontramos várias biografias de médicos, entre as quais a de Alberto Mac-Bride por Damas Mora (2011) ou de Júlio Francini por Carvalho (2008), acima referido, e de cirurgiões que fizeram parte da direção da Sociedade como Monteiro

Bastos (1909-1996), Jaime Celestino da Costa (1915-2010), Bártholo Thumann do Valle Pereira (1918-1995), Artur Giesteira de Almeida (1925-2010), Mendes de Almeida (1931-2017), Luís Martins Raposo (1925-1996), Araújo Teixeira (1931-), Jorge Girão (1928-), Castro e Sousa (1947-), Silva Leal (1931-2014), Alves Pereira (1932-2014), Baptista Patrício (1936-), Guimarães dos Santos (?), Santos Bessa (1939-), Serra de Oliveira (1947-), Araújo Pimenta (1943-2010) e Bicha Castelo (1943-), elaboradas por um conjunto de autores (Cardoso *et al.*, 2013).

Uma outra narrativa biográfica pode ser encontrada num projeto, disponível *online*, designado *Dicionário de Médicos Portugueses*, desenvolvido no âmbito de uma unidade curricular de História da Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, coordenado pela Professora Doutora Madalena Esperança Pina³⁹. Datado de 2010, apresenta trinta e três biografias de médicos⁴⁰ realizadas por diversos autores, umas mais desenvolvidas e completas que outras, algumas com referências bibliográficas, sem, no entanto, dizer qual ou quais os critérios seguidos para a seleção dos médicos.

Complementando a principal informação sobre este período, destacamos um marco importante na história da medicina e da formação médica nacional, bem como duas organizações que desempenharam um papel de relevo, que passamos a apresentar.

Em 1906, teve lugar em Lisboa o *XV Congresso Internacional de Medicina*, que sucedeu ao de Madrid. Costa (2000) atribui a sua realização à *Geração de 1911*, apresentada mais à frente, com o apoio da classe médica. A sua organização⁴¹ foi um feito extraordinário e ficou a dever-se à influência e ao dinamismo de Miguel Bombarda e

³⁹ Professora auxiliar e regente da cadeira de História da Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L.

⁴⁰ Alfredo da Costa, Carolina Beatriz Ângelo, Aníbal Bettencourt, Adelaide Cabete, Câmara Pestana, J. Celestino da Costa, Costa Andrade, A. Damas Mora, Espregueira Mendes, Fernando da Fonseca, Garcia da Orta, Gentil Martins, Francisco Gentil, José Jordão, Ricardo Jorge, José Lacerda, Lima Leitão, Lopes Henrique, Amato Lusitano, Machado Macedo, José Marques, Júlio de Matos, Óscar Moreno, Fernando Nobre, Idálio de Oliveira, Queiroz e Melo, Ramos de Oliveira, João Rego, Ribeiro Sanches, Lima Salazar, Jacob Sarmento, Sousa Martins, Zacuto Lusitano. Fonte: <<http://medicosportugueses.blogs.sapo.pt>>

⁴¹ A novidade deste congresso foi a distribuição do *Guia Médico*, que além do programa dos trabalhos científicos apresentava as visitas disponíveis, as atividades previstas, muitas delas realizadas pelo “Comité das Damas” – como uma *garden-party* em Monserrate, bailes, visitas ao Castelo de São Jorge ou a institutos médicos e cirúrgicos, uma tourada em Vila Franca de Xira – e uma planta da cidade de Lisboa. Novidade foi igualmente a distribuição prévia aos congressistas de trabalhos de médicos portugueses para discussão nas sessões. Foi muito elogiado na imprensa portuguesa, como no *Diário de Notícias* e o *Século*, e estrangeira, encontrando-se notícias sobre o Congresso em publicações médicas francesas, alemãs e inglesas.

afirmou a medicina portuguesa no contexto internacional. Realizou-se no edifício destinado à Escola Médica, no Campo de Santana, e mobilizou professores e médicos na organização das 17 secções do Congresso que se realizou de 19 a 26 de abril. Recebeu cerca de 1800 congressistas de 32 países; 134 temas de estudo e cerca de 500 comunicações livres sobre 134 temas, de que resultou a publicação de 21 volumes de Atas com notícias sobre a organização, as assembleias realizadas, as conferências científicas, as comunicações apresentadas e um conjunto de recomendações, publicados em 1907. (Velooso, 2017).

Entre as personalidades mais importantes da medicina mundial estiveram presentes Von Bergman, William Osler, Gottfried von Waldeyer, Ramón y Cajal (prémio Nobel nesse ano) (Alves, 2014). “O mundo tinha vindo a Portugal e o desfile de trabalhos científicos e de seus autores (...) abriu os olhos aos jovens e lançou-lhes fogo nas almas” (Costa, 2000, p.26).

Estava criado o ambiente que levava os médicos a partir para a Europa para estudar, numa altura em que viajar era difícil. Augusto Celestino da Costa (1884-1956) estuda em Berlim com Hertwig, Krause e Retterer; Sílvio Rebelo (1879-1938) nos laboratórios Schmiedberg em Estrasburgo e de Benedicenti em Génova; Reynaldo dos Santos (1880-1970), já referido, visitou os centros cirúrgicos europeus; António Flores (1883-1957) viaja para Berlim para estudar com Oscar Vogt; Azevedo Neves (1877-1953) estuda educação anatomopatológica na Alemanha. Encontramos algumas exceções como Salazar de Sousa (1871-1940), que foi como cirurgião e regressou como pediatra, e Reynaldo dos Santos que viajam para os Estados Unidos da América (Costa, 2000).

À semelhança de outros autores como Carvalho (1932) e Leone (1993)⁴², também Macedo (2000) destaca o papel que a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa teve na organização de associações médicas posteriores, e Mira (1947) e Costa (1992) referem a sua ação no final do século XIX, numa época politicamente agitada. Na sua origem, em 28 de junho de 1822, estão 14 cirurgiões e médicos dos hospitais militares de Lisboa, que decidem formar uma sociedade dada a falta de instrução e apoio, e em defesa do estatuto médico (Alves, 2014), pois como refere Silva Carvalho (1929), a situação social do cirurgião até ao início do século XIX não era relevante. Numa segunda reunião, a nova

⁴² José Teófilo Farto Leone (1908-?) foi nomeado em 1953 encarregado da Biblioteca, Museu e Arquivo dos HCL. Foi secretário do *Boletim Clínico dos HCL*. Coordenou diversos eventos, entre os quais a exposição póstuma a Alberto Mac-Bride e a criação do Museu dos HCL.

Sociedade resolve aumentar o número de sócios por convite a outros médicos, cirurgiões e farmacêuticos, passando para 21 o número de sócios (Pereira, 1974).

A Sociedade foi suspensa em 1823, após 24 sessões, por ser considerada um foco de conspiração. O período seguinte de guerra civil e as epidemias de cólera e de tifo retardaram a sua abertura, o que veio a acontecer em 1835 mantendo-se até ao momento atual (Alves, 2014). Sendo uma sociedade não especializada, teve grande atividade e representou grandemente a medicina portuguesa (Costa, 1992), em que figuras marcantes do final do século XIX como Manuel Bento de Sousa, Sousa Martins e Miguel Bombarda eram oradores frequentes. Ao longo da sua história tem sido um fórum de discussão científica, médica e social, para o que contribui a edição do *Jornal das Ciências Médicas de Lisboa* em 1835, mais tarde denominado *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Participou ativamente em todos os congressos médicos realizados em Portugal durante os primeiros cem anos da sua existência, a começar pelo *1.º Congresso Nacional de Medicina* que se realizou em Lisboa em maio de 1898 (Pereira, 1974, p. 657), organizou cursos e dinamizou palestras científicas.

Ao longo da sua existência contou com 58 presidentes, dos quais 27 foram professores da Escola Médica. A insígnia da Sociedade, é *Pro incolumitate civium*⁴³, que Alberto Mac-Bride verteu como “A união fraternal dos médicos pelo bem da humanidade” (Pereira, 2006, p. 3). Mac-Bride era um membro ativo na Sociedade e participou na elaboração do livro comemorativo do centenário da mesma⁴⁴, em 1923.

Certamente herdeira deste espírito, foi criada em 1939 a Sociedade dos Hospitais Civis de Lisboa, caracterizada por ser uma associação científica dos médicos dos Hospitais Civis de Lisboa. Nasce da necessidade de agregação do corpo clínico dos HCL, pela sua dimensão e dispersão pelos vários hospitais e institutos, com a finalidade de ser um ponto de encontro e de troca de informações, divulgação e debate dos trabalhos científicos. Entre os seus fundadores, encontramos Aníbal de Castro (1880-1952), Ferreira da Costa (1904-2000) e Formigal Luzes (?) (Matoso, 2012, p.59). Inicia atividade em 1940 com reuniões mensais para Assistentes e Diretores nas quais se discutiam casos clínicos. Mais tarde organiza reuniões extraordinárias, conferências e cursos, torna-se

⁴³ “Pela saúde dos cidadãos.”

⁴⁴ SCML. (1927) *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (1882-1922): comemoração centenária em 1923*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Obra elaborada com a colaboração de Costa Sacadura, Silva Carvalho, Reynaldo dos Santos, Celestino da Costa, Mattos Chaves, António de Azevedo e Alberto Mac-Bride, já citado (Pereira, 2006, p.232).

aberta à participação de internos e utiliza o *Boletim Clinico e Estatístico dos HCL* como órgão oficial de comunicação. Com o aparecimento de sociedades médicas das especialidades, diminui a sua importância e atividade que vem a concluir em 2013 com a extinção dos HCL. Para a sua origem, encontramos a seguinte justificação:

O título de médico dos Hospitais Civis de Lisboa é, portanto, da maior significação cultural e científica, e assim é que todos os que exerciam a sua actividade nesta organização procuram encontrar-se sempre a par dos progressos da ciência, sendo prova dessa situação as actividades que são exercidas através dos cursos de actualização ou outros actos que visam elevar a preparação do meio médico do país. (Azevedo, 1976, p.281).

1.3.2. *A formação e o ensino médico e cirúrgico*

A história do ensino médico em Portugal é um tema caro aos médicos, como é o caso da obra de Álvaro Colaço ou de Augusto Celestino da Costa⁴⁵ (1940), na qual encontramos uma narrativa próxima do discurso médico, do seu ensino e das suas instituições. Em Colaço (1925), a leitura é muito interessante e de uma forma simples e bem datada são apresentados os principais factos do ensino da medicina operatórias, as leituras de referência, os cirurgiões e a organização hospitalar, principalmente até ao século XVIII. Esta obra, que é dedicada a Augusto Monjardino, começa com as origens do ensino médico rudimentar e a fundação do Hospital de Todos-os-Santos em 15 de maio de 1492⁴⁶, por D. João II, indo do século XII ao XVII. Depois detém-se no século XVIII, aborda o ensino operatório e a sua evolução, a criação do Hospital Real de São José e o carácter mais científico do ensino, a criação da cadeira de “Operações e Ligaduras”, no reinado de D. José I, e os cirurgiões e professores de medicina que fizeram história. Por fim, refere os séculos XIX e XX, quanto à aprendizagem a fazer na leitura dos grandes mestres estrangeiros como Benjamim Bell, Jorge Lafaye, J.J. Sue, Chopart, Désault, entre outros.

Em J. Silva (2002), encontramos uma apresentação dos principais acontecimentos que marcam o ensino médico em Lisboa, bem como uma visão geral do estado da medicina no país. Faz uma apresentação próxima dos dois autores anteriores, começando pelo início dos Estudos Gerais, por D. Dinis em 1288, em Lisboa, até à criação da

⁴⁵ Augusto Pires Celestino da Costa, médico, professor, investigador, foi diretor da Faculdade de Medicina de Lisboa e membro destacado da designada *Geração médica de 1911* (Costa, 2000) e uma autoridade em organização hospitalar e organização do ensino médico.

⁴⁶ 1492 é a data do início da construção do Hospital de Todos-os-Santos.

Faculdade de Medicina, passando em traços largos pelo ensino e a prática da medicina no Hospital de Todos-os-Santos, com D. João II, o ensino da cirurgia neste hospital com D. Manuel I, a reforma do ensino médico com D. João V e a contratação de professores estrangeiros, a reforma de Pombal e a fundação da Real Escola Cirúrgica de Lisboa e do Porto.

Para Silva Carvalho, no final do século XIX a “decadência e o atraso das escolas de medicina em Portugal eram ainda bem evidentes” (1932, p.30), situação que vinha detrás e que se manifestava na ausência de ensino prático em cadeiras como Anatomia ou Patologia, bem como pela falta de preparação dos professores, muitas vezes escolhidos por questões pessoais ou políticas. Acresce a isto a falta de estágios para os novos médicos, a pouca leitura existente quer nacional quer estrangeira, a não participação em congressos ou viagens de estudo ao estrangeiro e o não acompanhamento após a formação escolar.

Esta narrativa do ensino médico e cirúrgico em Lisboa, no seu percurso histórico até à criação da Faculdade de Medicina, está presente não só em Colaço como em Carvalho (1929), Mira (1947), Pina (1954), Costa (1992), Leone (1993) e Alves (2011a, 2014). Entre as obras sobre as escolas médicas e a evolução universitária, destacamos Jaime Celestino da Costa e o estudo da reforma do ensino médico (1977; 1985; 2000), tema também estudado por Augusto Celestino da Costa que, em 1918, deu uma conferência sobre o mesmo, um gosto que passou de pai para filho, e por Alves (2011a) e Pina (2010).

Na obra de Ferreira de Mira (1947), encontramos uma descrição interessante das Escolas Régias de Cirurgia, criadas por alvará de 22 de junho de 1825 e decreto de D. João VI. Em relação à Escola de Lisboa, sediada no Hospital de São José, e a do Porto seria idêntica, ficamos a saber que o curso completo de cirurgia durava 5 anos. Para o mesmo curso, Matoso (2012) fala em 4 anos com aulas práticas nas enfermarias de São José. Já Alves (2014) refere que eram escolas técnicas com um elevado número de cadeiras, quase todas práticas: anatomia e fisiologia, matéria médica, operações, patologia externa, obstétrica, clinica cirúrgica, patologia interna e clinica médica. Para serem admitidos, os alunos tinham de ter 14 anos e a certidão de conhecimento de latim e de lógica. Mais tarde, para a matrícula no quarto ano, era necessário mostrar conhecimentos de francês ou inglês através da realização de uma prova de tradução (Mira, 1947).

Os diplomados por estas escolas ficavam em condição de inferioridade face aos universitários de Coimbra, pelo que não lhes era conferido grau de doutor e só podiam exercer em localidades onde não houvesse um médico. Como refere Carvalho “médicos só os de Coimbra. Havia só cirurgiões e estes não eram médicos. (...). Podiam ser licenciados por terem estudado Anatomia e Cirurgia, ou noutros países.” (1929). Também Maximiano Lemos (1991) se refere a este conflito.

Encontramos a mesma situação em Inglaterra até quase ao final do século XVIII, em que ser cirurgião e ser médico eram duas profissões distintas: “enquanto o médico era educado na universidade, o cirurgião era treinado numa corporação” (Lindemann 2002, p.108). Embora a formação cirúrgica não fosse nem mais simples nem menos exigente do que a formação médica, o médico tinha maior prestígio social e cultural. No final do século XVIII e princípio do XIX, a formação cirúrgica e médica aproxima-se e a diferença entre ambas desaparece, tal como aconteceu em Portugal a partir de 1836, com a vitória dos liberais. “Os homens da medicina estavam a agir cada vez mais como cirurgiões, concentrando-se nos órgãos, como locais das doenças” (Lindemann 2002, p.108).

Para Portugal, lemos em J. Silva (2002) uma nota que refere que a partir do século XVI existe a preocupação em separar a medicina da cirurgia, o que se pode comprovar por um Alvará régio de 1596, que estabelece penalizações aos médicos que exerçam cirurgia e vice-versa, ou por uma disposição de 1559 segundo a qual só podia exercer cirurgia quem estudasse no Hospital de Todos-os-Santos, um curso que tinha a duração de dois anos. A exceção era feita a candidatos com estudos feitos em Coimbra, Salamanca ou Guadalupe. Quer num caso como no outro, para adquirirem a habilitação de cirurgião, era necessário realizar um exame perante o cirurgião-mor do reino. Embora o curso de cirurgia acontecesse apenas em Lisboa, em cidades como Porto, Évora, Tavira, Chaves, Elvas e Braga foram criadas aulas de cirurgia como meio de preparação para a obtenção da habilitação.

A situação altera-se em 29 de dezembro de 1836 com um decreto de Manuel Silva Passos⁴⁷, o qual aumenta o quadro de estudos destas escolas e as transforma em Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto, o que vem reduzir a diferença entre um médico

⁴⁷ Conhecido por Passos Manuel (1801-1862), representante do liberalismo português, é nomeado Ministro do Reino em setembro de 1836. Mais tarde é nomeado também Ministro da Fazenda e da Justiça tendo realizado um conjunto de reformas com destaque para a reforma da Instrução Pública e do Código Administrativo. Com estas reformas, Portugal antecipou as políticas sanitárias europeias (Alves, 2014, p.174).

e um cirurgião. Mas a Universidade de Coimbra fecha-se às alterações e a separação mantem-se e só em 1866 as Escolas Médico-Cirúrgicas⁴⁸ alcançam a similitude à Faculdade de Medicina de Coimbra, embora o título de doutor só seja conferido por Lisboa e Porto a partir de 1911 (Mira, 1947, p. 361), com a criação das Faculdades de Medicina.

Encontramos igualmente em Costa (1992), J. Silva (2002) e Mora (2013a) a referência à tradição da cirurgia em Lisboa, a mais antiga, que surge com o Hospital de Todos-os-Santos, à época um dos maiores da Europa (Costa, 1992) e relacionado com a origem da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e, mais tarde, com o Hospital Real de São José e Anexos (Leone, 1993)⁴⁹.

Com a implantação da República, passa a ser designado por Hospitais Cívicos de Lisboa (HCL), pelo Decreto-Lei n.º 126, de 9 de setembro de 1913⁵⁰ (Leone, 1993), sendo o Hospital de São José a base de constituição dos HCL. O Decreto-Lei n.º 4.563, de 12 de julho de 1918, reorganiza os Hospitais Cívicos de Lisboa dando-lhes maior autonomia técnica e administrativa, e estabelecendo a separação com a Faculdade de Medicina de Lisboa⁵¹. Em 19 de fevereiro de 2013, o Decreto-Lei n.º 27/2013 extingue a pessoa coletiva Hospitais Cívicos de Lisboa e transfere para o Centro Hospitalar de Lisboa Central, E.P.E. o património que subsistia na sua titularidade.

Como foi já dito, do ano de 1911 é o decreto que cria a Faculdade de Medicina de Lisboa⁵² e extingue a Escola Médico-Cirúrgica (Leone, 1993), a funcionar no novo

⁴⁸ Em 1860, 1861 e 1864 são promulgadas leis que visam equiparar os diplomados das Escolas com os da Universidade de Coimbra: aos primeiros é permitido o livre exercício da medicina, embora sem grau académico, o que continua a ser exclusivo de Coimbra (Alves, 2014, p.174)

⁴⁹ Em 1863 com a nova designação de Hospital de São José e Anexos, este passa a titular outros hospitais como o H. Miguel Bombarda (Rilhafoles) em 1851, o H. do Desterro em 1857, o H. de Arroios em 1892, o H. de Santa Marta em 1903 (em 1911 passa a H. Escolar e em 1952 é reintegrado nos HCL) e o H. Curry Cabral em 1906 (Matoso, 2012). Em Veloso (2017, p. 74) encontramos que esta designação data de 1825 e que inclui sete unidades hospitalares, a saber: HSJ, H. do Desterro, H. de São Lázaro, H. Dona Estefânia, H. Rainha Dona Amélia (H. de Arroios), H. de Rilhafoles e Odivelas.

⁵⁰ Decreto-Lei n.º 126 de 9 de setembro de 1913 que inclui nos HCL os vários hospitais de Lisboa, a Maternidade de Lisboa e o Instituto Oftalmológico Gama Pinto.

⁵¹ Pelo Decreto-Lei n.º 4563, de 12 de julho de 1918, os HCL passam a ser designados como um grupo hospitalar e incluem: o HSJ (policlínico geral), H. São Lázaro (escola de enfermagem com serviço clínico anexo), H. do Desterro (urologia, dermatologia, sífilografia e venéreo), H. Estefânia (policlínico geral para mulheres e crianças), H. de Arroios (policlínico geral com gafaria anexa, provisório), H. do Rego (doenças infectocontagiosas), Dispensário Popular de Alcântara (consulta externa) e outros que venham a ser criados e não pertençam à Faculdade de Medicina. Como pertencendo à Faculdade de Medicina de Lisboa ficam H. Escolar Santa Marta, Manicómio Bombarda e Instituto Bacteriológico Câmara Pestana.

⁵² Até à sua fundação em 1911, o ensino superior proporcionado era de Medicina e Farmácia, mantendo-se o ensino de Ciências Farmacêuticas associado até 1918.

edifício do Campo Santana, e a ter como hospital universitário o Hospital de Santa Marta. Segundo J. Silva (2002), o ensino hospitalar continuou a ser ministrado nas enfermarias do Hospital de São José, em oposição a Costa (1992), para quem nasce uma certa oposição entre a cirurgia clássica do Hospital de São José e a nova cirurgia do Hospital Escolar de Santa Marta. Já para Alves (2014) esta separação não é total e existem contactos e trocas entre os cirurgiões dos HCL e o Hospital Escolar de Santa Marta, tal como para Veloso (2017)⁵³. O que é certo é que se mantém o problema do ensino em contexto hospitalar, com as aulas teóricas a acontecerem no Campo Santana e as aulas práticas no Hospital de Santa Marta e institutos dispersos pelos HCL (Pascoal, 2017, p.367), situação que leva A. Celestino da Costa, em 1935, a defender a construção de um único edifício que fosse Faculdade e Hospital Escolar, o que vem a acontecer em 1954, com a inauguração do Hospital Universitário de Santa Maria de Lisboa, para onde são transferidos a Faculdade de Medicina do Campo Santana e o Hospital Escolar de Santa Marta.

Alberto Mac-Bride tem uma posição contrária e, em 1933, escreve um artigo intitulado “O grave problema hospitalar”, em que defende que face à urgência em construir novos hospitais para a assistência médica, a construção de um hospital universitário não é prioritária. Defendendo os HCL e indo contra a opinião de Oliveira Salazar, considera que os hospitais não deviam pertencer às universidades, o que expressa o confronto então existente entre médicos docentes e médicos não docentes da FML (Pascoal, 2017, p.367).

A reforma da Universidade promove a investigação científica, em linha com as universidades europeias, dá início às especialidades médicas, reorganiza o recrutamento dos docentes e define o ensino prático de cadeiras de laboratório (Costa, 1992; Furtado, 2011; Alves, 2009). São criadas unidades de ensino e investigação⁵⁴, completados pelo ensino das clínicas universitárias, sediadas no Hospital Escolar de Santa Marta⁵⁵, um

⁵³ Veloso (2017) refere que o ensino prático da Obstetrícia é feito no Hospital de São José, Pediatria no H. da Estefânia, Urologia no H. do Desterro, Infeciologia no H. do Rego e o serviço de Morgue e Banco em São José.

⁵⁴ A nova Faculdade tem uma constituição orgânica mais vasta e inclui o Instituto Câmara Pestana, o Instituto de Medicina Legal, o Instituto Central de Higiene Ricardo Jorge, o Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto, e os serviços dos hospitais de São José, do Desterro, de Santo António dos Capuchos e do Curry Cabral, a Maternidade Magalhães Coutinho, o H. Miguel Bombarda e o H. D. Estefânia.

⁵⁵ Instituto de Anatomia, por Henrique Vilhena com Vítor Fontes e Barbosa Sueiro; Fisiologia, por Mark Athias, Joaquim Fontes e Ferreira de Mira; Farmacologia, por Sílvio Rebelo; Histologia e Embriologia, por A. Celestino da Costa com Pedro Roberto Chaves, Alfredo Magalhães Ramalho e Simões Raposo; Anatomia Patológica, por Azevedo Neves (fundador do Instituto de Medicina Legal).

conceito inovador para a época, ultrapassando a falta de capacidade de aliar o ensino à investigação e à prática.

Referindo-se à origem da Faculdade de Medicina de Lisboa, Costa (2000) faz uma breve apresentação da medicina do século XX evocando o que designa pelos mais destacados protagonistas. Apresenta a *Geração médica de 1911* que também designa por *Grupo de pressão de 1911* (Costa, 1985), constituído por Aníbal Bettencourt (1868-1930), A. Celestino Costa (1884-1956), Azevedo Neves (1877-1953), Sílvio Rebelo (1879-1938), Henrique Vilhena (1879-1958) e Marck Athias (1875-1946); Pinto de Magalhães (?), que é incluído no primeiro grupo (Costa, 1985), e Francisco Gentil (1878-1964) no segundo (Costa, 2000).

Amaral (2017, p. 159) destaca a ligação deste grupo à FML e a institutos, o qual desde 1905 procurava realizar a reforma dos estudos médicos, apoiado por outros médicos como Sobral Cid (1877-1941) e por Ricardo Jorge (1858-1939)⁵⁶, mais inovador (Costa, 2000). Também para Alves, a *Geração médica de 1911* foi a principal responsável pelo desenvolvimento da medicina científica de então, “(...) composta pelos médicos mais cultos da época que após a Implantação da República revolucionaram o ensino médico em Lisboa e condicionaram a reforma universitária.” (2009, p.12).

A esta geração foi dada a dimensão de pioneiros, principalmente por ter sido a primeira geração de professores da recém-criada Faculdade de Medicina de Lisboa, bem como pelas suas filiações políticas, no entender de Veloso (2017); este grupo estava ligado à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e transitou depois para a Faculdade de Medicina de Lisboa.

Com a renovação da cirurgia, procuraram colocar-se a par do que se fazia em outros países, num país marcado pelas lutas entre liberais e miguelistas, monárquicos e republicanos, com uma saúde deficitária, com elevadas taxas de mortalidade infantil, tuberculose, epidemias de cólera, febre amarela e varíola. Desenham a especialização como modelo de formação universitária, e as instituições de investigação e de medicina experimental criadas vão alterar e melhorar a medicina praticada em Portugal na primeira metade do século XX (Amaral, 2017, p.157).

⁵⁶ Ricardo Jorge, após uma longa viagem pela Alemanha, denunciou o atraso em estava o ensino e propôs reformas como a especialização técnica dos professores e os alunos saberem obrigatoriamente alemão e inglês (Costa, 2000, p.16).

Para J. Celestino da Costa (1977, 2000), Lejeune (1938) e Alves (2009), no final do século XIX Portugal tinha uma posição pioneira na ciência médica mundial, acompanhando a revolução que a medicina teve, na transição do século XIX para o XX, passando a ser uma medicina laboratorial e experimental, de base científica. Esta afirmação é baseada na criação do Instituto Bacteriológico em 1892 com Luís da Câmara Pestana⁵⁷ (1863-1899), e do Laboratório de Histologia em 1897, avançados para a época (Costa 1977, 2000)⁵⁸, do Instituto criado por Ricardo Jorge (1858-1939)⁵⁹ em 1903, da fundação, em 1892, do Instituto Oftalmológico de Lisboa⁶⁰ por Caetano da Gama Pinto (1853-1945), e, em 1902, da Escola de Medicina Tropical e do Hospital Colonial⁶¹ (Alves, 2009).

Podemos comparar a situação com outros países: o Instituto Pasteur, em França, surge em 1886; os Raios X são descobertos por Wilhelm Roëntgen (1845-1923), na Alemanha, em 1895, dando origem à Radiologia; o laboratório de Biologia de Cajal, em Madrid, em 1901; o Rockefeller Institute de Nova Iorque em 1904; Kaiser Wilhelm Gesellschaft, em Berlim em 1911. Em termos políticos, as tendências coloniais levaram à abertura das Escolas de Medicina Tropical de Liverpool e de Londres, em 1899, e em 1900, o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo.

Quanto ao ensino médico, Macedo e Damas Mora destacam a atuação da Escola de Lisboa nas figuras dos cirurgiões. Mora (2013a) começa pelo século XVIII com Manoel Constâncio (1726-1817) também referido por Lejeune (1938), no século XIX com José Correia Picanço (1745-1823), José Lourenço da Luz (1800-1882), António Maria Barbosa (1825-1892), e para o século XX Oliveira Feijão (1850-1918), Custódio Cabeça (1866-1936), José Gentil (1870-1941) e Francisco Gentil (1878-1964), Salazar de Sousa (1871-1940), Paes de Vasconcellos (1877-1958). Ao referir o desenvolvimento das especialidades médicas e da cirurgia, Macedo (2000) acrescenta nomes à lista de

⁵⁷ Dirigiu o Real Instituto Bacteriológico, em Lisboa em 1892. Em 1902 este passa a ser designado Instituto Câmara Pestana.

⁵⁸ Câmara Pestana e Marck Athias, bacteriologia e histologia, são os pais da nova medicina portuguesa, científica e experimental (Costa, 2000).

⁵⁹ Ricardo Jorge foi pioneiro da saúde pública em Portugal com a publicação de Higiene Social aplicada à nação portuguesa. Em 1892 dirigiu o Laboratório Municipal no Porto no qual identificou o agente responsável pela epidemia de peste que atingiu o Porto em 1899. Em 1899, veio para Lisboa e fundou o Instituto Central de Higiene que a partir de 1923 passou a ter o seu nome.

⁶⁰ Designado, a partir de 1929, por Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto.

⁶¹ Escola de Medicina Tropical, mais tarde Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Hospital Colonial, depois Hospital do Ultramar e, recentemente, Hospital Egas Moniz.

cirurgiões que influenciaram a primeira metade do século XX, como Manuel Moreira Júnior (1866-1953), Augusto de Vasconcelos (1867-1951), Augusto Monjardino (1871-1941) e Alberto Mac-Bride. Macedo (2000) destaca ainda a atuação de Miguel Bombarda (1851-1910), Ricardo Jorge (1858-1939), Marck Athias (1875-1946), Joaquim Fontes (1892-1960), Jacinto Moniz Bettencourt (1908-2005), Augusto Celestino da Costa (1884-1956), Juvenal Esteves (1909-1996), José António Serrano (1851-1904), Henrique de Vilhena (1879-1958) e Pulido Valente (1884-1963).

Ao apresentar esta transformação que a medicina portuguesa teve no final do século XIX e início do século XX, Veloso (2017) chama a atenção de que a mesma não aconteceu só em Lisboa e destaca a influência do Porto, nos nomes de Ricardo Jorge (1858-1939), Júlio de Matos (1856-1922), Egas Moniz (1874-1955) e Sobral Cid (1877-1941), bem como a de Coimbra.

Para a cirurgia portuguesa no século XX, Costa (1992) considera que existem três escolas dominantes: a Escola Cirúrgica do Banco do Hospital de São José, personificada nas reformas de José Gentil, já nomeadas; a Escola Cirúrgica do Hospital Escolar de Santa Marta com Reynaldo dos Santos; e a Escola Cirúrgica do Laboratório de Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina do Porto, com Hernâni Monteiro (1891-1963).

A medicina em Lisboa, no final do século XIX, era baseada no Hospital de São José, uma vez que “a Escola Médico-Cirúrgica estava instalada, numa espécie de barracão, ao lado do Hospital.” (Costa, 2000, p.15), o que levou que aqui nascessem as bases para uma reforma na educação cirúrgica. Para Maximiano Lemos, em nenhum hospital do reino se ensinava a cirurgia como em Lisboa (1991); e para Colaço (1925), o Hospital de São José é o herdeiro do Hospital de Todos-os-Santos, a quem se deve todo o progresso da cirurgia em Portugal, opinião partilhada por J. Silva (2002).

Quanto à formação, a carreira clínica e hospitalar começava pelo lugar de cirurgião do Banco, para o qual se entrava após os estudos, sem qualquer seleção ou preparação embora a partir de 1859 exista o *Regulamento para o Serviço de Banco do Hospital Nacional e Real de São José* cujas as regras servem de base para os concursos⁶². Em finais do século XIX, todos os professores de anatomia e de cirurgia da Escola Médico-Cirúrgica iniciavam a sua carreira como cirurgiões do Banco do Hospital de São

⁶² Os concursos consistiam na realização, perante um júri, de duas provas, uma escrita do diagnóstico de um doente tirado à sorte e uma prova prática que consistia na operação realizada num cadáver.

José. Mas um problema do Banco era a dificuldade em recrutar cirurgiões experientes e dar educação cirúrgica aos novos. Após uma interrupção de 14 anos, José Gentil, Diretor do Banco entre 1922 e 1930, organizou um concurso para 6 vagas de modo a suprir esta deficiência. Introduziu a implementação de um serviço organizado com observações clínicas escritas, indicações cirúrgicas, reuniões diárias da equipa de serviço em que se analisavam as operações da véspera e os resultados estatísticos, tendo mesmo publicado as primeiras estatísticas em 1924⁶³. Organizou as *Conferências do corpo clínico do Banco do Hospital de S. José*⁶⁴, cujos temas nos direcionam para as suas preocupações de funcionamento do serviço e do desenho das ações formativas.

Na origem desta reforma esteve o internato, fundado em 1890 por Ferraz de Macedo⁶⁵ (1838-1907), e que se destinava a alunos do 4.º e 5.º anos da Escola Médico-Cirúrgica⁶⁶. Abolido em 1904, por Curry Cabral, e restabelecido em 1912 por José Gentil, o internato seguiu um modelo próprio, não sendo como o inglês (em que os internos residiam no hospital) nem como o francês (os internos não residiam, mas tinham de estar presentes nos serviços). O internato obrigava a que os alunos estivessem no Banco, aí residindo 24h por semana. E foi com esta prática de cirurgia de urgência no Banco que a escola cirúrgica se desenvolveu, conclui Costa (1992, p.298).

Com a criação da FML, surge a confrontação entre a carreira académica e a hospitalar e a possibilidade de existirem carreiras independentes, o que leva à criação de concursos hospitalares que têm sido alvo de críticas ao longo do tempo. Para Costa, apesar do esquema definido para o concurso ter defeitos⁶⁷, teve a mais-valia de estabelecer a

⁶³ Gentil, José (1925) Estatística de 1924: *1.ª Conferência do corpo clínico do Banco do Hospital de S. José*, Lisboa: Henrique Torres.

⁶⁴ O primeiro tema foi “Estatísticas de 1924”. Os seguintes foram: “Fracturas expostas” de Alberto Mac-Bride; “Traumatismos craneanos”, por Sabino Pereira; “Ventre agudo”, por Amândio Pinto; “Perfurações gastro-intestinais”, por José Paredes; “Obstetrícia de urgência”, por Luís Ottolini; “Operações cirúrgicas em obstetrícia”, por Fernando Simões; “Apêndices agudas”, por Santos Paiva; “Hérnias estranguladas”, por Fernando Lacerda; “Amputações”, por Mota Cabral; “Cirurgia de urgência do tórax”, por Mário Carmona (Costa, 1992, p.299).

⁶⁵ João Ferraz de Macedo foi o 1.º Diretor Geral da Saúde, entre 1900 e 1907.

⁶⁶ Por concurso documental eram admitidos 12 alunos do 5º ano da EMC, como internos, que passavam a ser funcionários superiores com vencimento e pertencendo a uma corporação. Também por concurso documental eram admitidos externos, em número variável, selecionados entre os alunos do 4º ano, sem direito a vencimento.

⁶⁷ Este tem sido um ponto polémico e de contestação entre os médicos. Em 1956, Andresen Leitão (1956) - referindo-se ao Regulamento dos Concursos para Facultativos e Farmacêuticos dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Ordem de Serviço n.º 4565 de 28 de fevereiro de 1955, regulamento pós Mac-Bride-, critica o concurso vigente quer pelo regulamento em si quer pelo modelo das provas.

seleção dos candidatos, o que anteriormente não existia. Assim, e a partir de 1926⁶⁸, temos listas de concursos e de candidatos aprovados até 1970, quando se dão os últimos concursos para “cirurgiões dos Hospitais”. Os motivos que levaram ao fim dos concursos são, para este autor, por um lado, o facto de o Banco do Hospital de São José perder o seu lugar central nas urgências em Lisboa e a necessidade que os outros hospitais tiveram de se autonomizarem e diferenciarem. Por outro lado, a evolução da própria cirurgia, cada vez mais especializada a partir dos anos 40 e o fim da II Guerra Mundial, levou à organização de serviços com mais autonomia e com unidades de cuidados intensivos. “O Hospital de São José não conseguiu acompanhar a investigação clínica e experimental que, entretanto, se começou a fazer, primeiro com o Hospital Escolar de Santa Marta e depois com o Hospital de Santa Maria.” (Costa, 1992, p.303).

Quanto ao sector cirúrgico do Hospital Escolar de Santa Marta, orientado por Custódio Cabeça e Francisco Gentil, no início não houve mudanças. Custódio Cabeça não era um cirurgião inovador e praticava e “ensinava uma cirurgia segura e perfeita”; e Francisco Gentil dedicou-se ao problema do cancro, mantendo uma cirurgia de rotina (Costa, 1992). Esta não evolução da cirurgia contrastava com a da medicina em que Pulido Valente, a partir de 1921, revolucionou métodos e impulsionou a medicina interna, o que se estendeu a todos os hospitais. Com Pulido Valente, foram criadas equipas médico-cirúrgicas que colocaram o Hospital de Santa Marta na vanguarda. Simultaneamente, desenvolvia-se a investigação clínica com Egas Moniz⁶⁹, e a Escola Portuguesa de Angiografia de 1927 a 1957, a qual marcou a medicina neurológica da época. Neste contexto de inovação, em 1932, Reynaldo dos Santos⁷⁰ é convidado, como Professor Catedrático, para Santa Marta e para Diretor do Serviço de Urologia. Com a

⁶⁸ Em 1926, foi introduzido o concurso para assistente com duas provas escritas de Patologia e Terapêutica, e duas provas clínicas, uma delas a prova do cadáver. O modelo de carreira ficou completo em 1952 e vigorou até 1970. A partir de 1953 o lugar de assistente correspondia à entrada nos quadros e era o culminar de vários anos de trabalho como interno: internato geral (2 anos), intermédio (1 ano), complementar (2 anos), graduado (2 anos, renováveis).

⁶⁹ Egas Moniz (1874-1955), realizou a leucotomia pré-frontal em 1936, premiada pelo Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949, partilhado com Walter Rudolf Hess. Em 1927, fez a primeira angiografia cerebral em colaboração de Pedro de Almeida Lima (1903-1985).

⁷⁰ Cirurgião dos Hospitais desde 1906, foi aprovado por concurso para professor extraordinário de Cirurgia da Escola Médico-Cirúrgica em 1907, embora a vaga tenha sido atribuída a Augusto Monjardino. Realizou várias viagens de estudo: Paris, em 1903-1904, onde estagiou nas clínicas dos professores Guyon, Albarran, Cathelin, Tuffier, Pinard; EUA em 1905; Alemanha em 1909; Veneza e Viena de Áustria em 1911; Berlim, Hamburgo, Bremen, Bonn e Bruxelas em 1913 (Costa, 1992: 305). Com uma formação muito completa, escreveu cerca de 250 artigos de medicina. Além de professor e cirurgião, foi historiador e crítico de História de Arte, Presidente da Academia Nacional de Belas Artes e Presidente da Academia das Ciências de 1959 a 1961.

sua experiência, conhecimentos e formação internacional, e com o seu espírito renovador, consegue implementar uma nova cirurgia, de base fisiológica ou fisiopatológica, como praticava René Lariche⁷¹. Para Celestino da Costa “... ter sido a acção de Reynaldo dos Santos, para além da influência cultural que exerceu, um dos focos fundamentais da renovação da cirurgia portuguesa neste século.” (Costa, 1992, p.310).

Outras descobertas a destacar são aortografia e arteriografia dos membros, em 1929, por Reynaldo dos Santos (1880-1970), a angiopneumografia, em 1931, por Egas Moniz (1874-1955) e Fausto Lopo de Carvalho (1890-1970), a flebografia dos membros, em 1938, e a endarterectomia, em 1946, por João Cid dos Santos (1907-1975)⁷² e, para terminar, a coronariografia, em 1952, por Eduardo Coelho (1896-1974). A partir de 1952, o Hospital de Santa Marta tornou-se uma escola de cirurgia cardiovascular de referência a nível nacional. Com estes exemplos, Alves considera que a medicina em Portugal, na primeira metade do século XX, acompanhava a evolução da ciência médica (2009, p.15), apesar de viver um momento político difícil e sem investimento público.

Quanto à cidade do Porto, no início do século XX, a cirurgia no Porto e no Hospital de Santo António dependia da influência de Álvaro Teixeira Bastos (1878-1945), o último da tradição cirúrgica da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, e que foi um dos elementos de transição para o novo Hospital Universitário do Porto. Nesta tradição cirúrgica e na sequência da reforma de 1911, é criado o “Laboratório de Cirurgia Experimental e de Radiologia” (1928) com Hernâni Monteiro (1891-1963), que veio a ter grande importância no desenvolvimento e na reforma da cirurgia portuense. Mais tarde, com os seus discípulos Álvaro Rodrigues (1904-1987) – que procura formação clínica com Francisco Gentil e com René Lariche, em Estrasburgo –, António de Sousa Pereira (1904-1986) – também com René Lariche –, e com Joaquim Monteiro Bastos (1909-1996), forma-se um grupo que vai dominar o primeiro Hospital Universitário do Porto, em 1959 (Costa, 1992, pp. 296, 310). A este grupo, Alves (2009) acrescenta a criação, em 1918, do Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina do Porto por Abel Salazar (1889-1946).

⁷¹ René Lariche (1879-1955) Cirurgião, investigador e filósofo, foi o primeiro médico a abordar a questão da dimensão humana do doente. Fonte: Universidade de Coimbra, Doutoramentos Honoris. Disponível em:< <http://www.uc.pt/sobrenos/DHC/ReneLariche>>.

⁷² Esta descoberta valeu-lhe um louvor de René Lariche, expresso no *Bulletin des Mémoires de l'Academie de Chirurgie* desse ano.

Ao debruçar-se sobre a *História do Ensino Médico no Porto*, Maximiano Lemos (1925) faz um balanço positivo da atuação da Real Escola de Cirúrgica do Porto e da Escola Médico-Cirúrgica. Destaca os nomes de Vicente José de Carvalho (1792-1851) e, mais tarde, de António Bernardino de Almeida (1813-1888). “Mas os resultados nem sempre correspondiam à qualidade dos cirurgiões do Hospital de Santo António” (1925, p.177). As razões apontadas prendem-se com a falta de condições de higiene das salas operatórias, situação que só se altera no final do século, muito por ação do cirurgião Júlio Franchini que aplica as novas técnicas da assepsia e antissepsia de Lister, em 1881 (Carvalho, 2008).

Fazendo agora referência à tradição cirúrgica de Coimbra, esta é difícil de analisar uma vez que o ensino teórico não teve uma expressão prática clínica direta, no entender de Costa (1992). Para Alves (2014) só com a reforma de 1866-1872, feita por António da Costa Simões (1819-1913), médico e político progressista, mais tarde reitor da Universidade de Coimbra, o ensino e a prática experimental adquirem expressão. No regresso de viagens de estudo que empreendeu a França, Alemanha e Suíça em 1864, para conhecer a investigação que se fazia na Europa e estabelecer contactos com algumas instituições, Simões cria, na Universidade, laboratórios independentes de histologia, fisiologia experimental, anatomia patológica e toxicologia, equipados com aparelhos modernos.

Como principais nomes da cirurgia no final do século XIX e no início do século XX, Costa indica Sousa Refoios (1835-1905) que realizou as primeiras operações ginecológicas em Coimbra, em 1892, e Ângelo da Fonseca (1872-1941), urologista. Bissaya Barreto (1886-1974), professor e cirurgião, que praticou uma cirurgia ambulante e se destacou pela sua ação política principalmente pelo trabalho a favor da assistência materno-infantil e na proteção dos tuberculosos. No século XX, e na transição para a nova cirurgia, destaque para Luís Raposo (1892-1985) na cirurgia ginecológica (Costa, 1992, p.296).

1.3.3. As publicações médicas

Em 1932, o jornal hebdomadário *A Medicina Contemporânea* fez 50 anos, o que motivou Silva Carvalho a escrever sobre este periódico que, segundo afirma, “depois do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* é o periódico que mais durou e é o

mais volumoso” (1932, p.3), tendo publicado até esse ano noventa e cinco volumes. Destaca o papel que cumpriu a nível social, educativo e na organização da história da medicina, bem como o seu potencial de informação em estudos relacionados com o tema.

Na sua origem⁷³, em 1882, está um grupo de professores e médicos liderados por Miguel Bombarda, que se associaram ao editor J. A. Rodrigues para lançar um jornal que fizesse eco da má situação em que o país se encontrava, procurando influenciar as políticas governativas de então (Carvalho, 1932). Para Costa (2000), este jornal era o meio de opinião de Manuel Bento de Sousa, Sousa Martins e Miguel Bombarda, como já vimos, três destacados médicos do final do século XIX.

Em *A Medicina Contemporânea*, encontramos os nomes que fizeram a história da medicina no século XIX e XX como Miguel Bombarda (1851-1910) que foi fundador e diretor; Manuel Bento de Sousa (1835-1899), fundador e presidente da redação; Sousa Martins (1843-1897), fundador e redator; Bettencourt Raposo (1853-1937), fundador e redator; José António Serrano (1851-1904), fundador e redator; Alfredo da Costa (1859-1910), diretor; Silva Carvalho (1861-1957), diretor; Francisco Stomp (1859-?), diretor; Frago Tavares (?), diretor; Bello Moraes (1868-1933), diretor; António de Azevedo (1866-1928), diretor e por fim J. A. Rodrigues, proprietário e editor.

Esta revista contou com a colaboração dos melhores médicos da época que aqui publicaram os seus trabalhos, e com a participação das escolas de Lisboa e Porto. Durante os quatro primeiros anos, *A Medicina Contemporânea* lançou e promoveu a discussão, envolvendo médicos, professores, instituições e outros periódicos. Procurava contribuir para a promoção de campanhas e reformas na saúde, trabalhando em grande proximidade com a Sociedade das Ciências Médicas, cujos diretores e redatores faziam também parte deste periódico.

Fazendo um pouco a sua história, em 1887 Silva Carvalho e Alfredo da Costa passam a dirigir a revista e Miguel Bombarda fica como colaborador. Em 1888, sai Alfredo Costa e, em 1889, fica na direção Francisco Stomp. Entre 1890-1895, Frago Tavares é o diretor e tem como colaboradores Ferreira da Silva, Câmara Pestana, Custódio Cabeça, Gregório Fernandes, Cardoso Pereira, Aníbal Bettencourt, António de Azevedo, Bello Moraes. Em 1898, Miguel Bombarda regressa à direção e tem como secretário António de Azevedo. Junta-se a esta direção Bello de Moraes e para a redação contribuem

⁷³ O último número saiu em dezembro de 1974.

Pinto de Magalhães e Reynaldo dos Santos. Com a morte de Bombarda, fica na direção António de Azevedo e entra Alberto Mac-Bride, que o vem a suceder. Referindo-se a António de Azevedo, Alberto Mac-Bride apresenta-o como o criador do jornalismo médico português.

Um outro periódico importante foi o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, que teve início em 1835, de publicação mensal, dirigido por Bernardino António Gomes Filho (1806-1877), em que os redatores eram lentes efetivos e substitutos da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa. Com origem na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, este é o mais antigo do género em Portugal (Leone, 1969), com um carácter político e com o objetivo de se opor ao *Jornal de Coimbra* (Mira, 1947).

Para Silva Carvalho (1932), o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* e a *Medicina Contemporânea* são as publicações mais relevantes e a sua consulta permite reconstruir a parte mais importante da História da Medicina em Portugal, a partir do princípio do século XIX. É nestes dois periódicos que encontramos a maioria dos artigos elaborados por Alberto Mac-Bride (Costa, 2000). Também Lejeune (1938) destaca a importância e influência do jornalismo médico na medicina portuguesa.

Silva Carvalho (1932) traça uma breve apresentação dos outros jornais médicos, a começar pelo primeiro que se publicou em português, em janeiro de 1749, e denominado *Zodiaco Lusitano Delphico-Anatomico, Botanico, Chirurgico, Dendrologico, Ictyologico, Lithologico-Medico, Meteorológico, Optico, Ornithológico, Phamaceutico e Zoologico*, cujos autores são, em princípio, cirurgiões e um boticário.⁷⁴ Seguem-se outros periódicos de curta existência⁷⁵, muitos por iniciativa de médicos e boticários⁷⁶, que são notáveis pelas observações sobre medicina, saúde, epidemias, meteorologia, etc. Muitas destas publicações surgiram por iniciativa individual e tiveram uma existência curta.

⁷⁴ Segundo Silva Carvalho (1932), apenas se conhecem dois exemplares: o da coleção do médico Manuel de Oliveira de Ponte de Lima, hoje na Biblioteca de Braga, e o da Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa.

⁷⁵ *Diário universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc.* - dirigido por Manuel Gosmes de Lima, com três números entre 1764-1772. Em 1796, surge o *Anno Médico* de José Bento Lopes. Em 1789, *Biblioteca de Cirurgia*, de António Rodrigues de Portugal. Em 1812, a *Collecção de opúsculos sobre a vacina*, da Academia Real das Ciências de Lisboa. E os *Anais da Medicina dinâmica*, de 1832, de Lima Leitão.

⁷⁶ Entre estes, O *Jornal dos Facultativos Militares* de 1843 e o *Escholiaste Médico publicado sob os auspícios da repartição de saúde do exército* de 1856, redigidos por clínicos militares e que contêm estatísticas, observações, memória e notícias. A partir da sua leitura, conhece-se o elevado grau de cultura e conhecimentos destes clínicos, formados nas Régias Escolas de Cirurgia.

Carvalho (1932) apresenta uma listagem minuciosa das publicações médicas, das quais destacamos a *Revista Médica Portuguesa* em 1864, elaborada por cirurgiões do Hospital de São José como Alves Branco e Manuel Bento de Sousa, e *O Correio Médico de Lisboa* em 1872, com Alves Branco e Miguel Bombarda, o qual pode ser considerado o antecessor da *Medicina Contemporânea*. Segundo Mira (1947), o *Correio Médico de Lisboa* foi fundado por Alves Branco em 1842, data anterior à referida por Carvalho.

De referir ainda outros periódicos como a *Gazeta Médica de Lisboa* dirigida por Francisco Barral (1790-?), fundada entre 1835 e 1842 (Mira, 1947), *O Médico Ilustrado* ou *Médicos Portuguezes*, esta última uma revista biobibliográfica (Carvalho, 1932). Costa (2000) cita ainda *Lisboa Médica* como uma revista importante, ligada ao Hospital Escolar de Santa Marta, que teve uma direção coletiva e foi repositório da atividade científica do Hospital e da Faculdade.

Em Coimbra, a *Sociedade de estudos médicos de Coimbra*, composta por professores e alunos, publicou em 1878 os *Estudos Médicos*; foi o primeiro jornal a publicar o resumo dos seus artigos em francês. Em 1881 surge *Coimbra Médica*, jornal importante na época e que contou com a colaboração dos lentes de Coimbra, alunos e médicos estrangeiros e que tentou ter uma voz política, sem o conseguir (Carvalho, 1932).

No Porto encontramos a *Gazeta Médica do Hospital Real de Santo António do Porto* em 1859, A *Gazeta Médica do Porto* de 1860 com Maximiano de Lemos, e os já citados *Archivos de História da Medicina Portuguesa* em 1876, periódico dirigido por Maximiano Lemos (Carvalho, 1932). Por fim, a *Revista Científica*, fundada em 1881, por Ricardo Jorge (Alves, 2014, p. 177). A lista de outros periódicos médicos que existiram no Porto é longa, a maioria publicados por médicos, muitos deles de curta duração e com pouca divulgação, entre os quais se contam os de homeopatia, em que se discutiam diagnósticos e tratamentos e se davam notícias de publicações estrangeiras.

Relacionado com uma instituição hospitalar, encontramos o *Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa*, criado por Curry Cabral, para veicular as estatísticas quinzenais dos vários serviços, com uma publicação anual (Velo, 2017, p. 454). “Este Boletim deve ser a mais antiga publicação hospitalar do país, pois data de Abril de 1902 o seu primeiro número, com o título *Boletim do Hospital de S. José e Anexos*” (Leone, 1958, p.613), sendo o seu primeiro diretor José António Serrano. Foi uma publicação regular, que mantinha os médicos atualizados sobre o que se passava em Portugal e no

mundo, com conteúdos sobre os aspetos científicos e sociais da profissão (Alves, 2014), embora com uma periodicidade que variou ao longo dos tempos.

O Boletim sofreu alterações na designação e na estrutura, a começar por 1934, quando passou a chamar-se *Boletim Clínico e Estatístico dos Hospitais Civis de Lisboa*. Pelo que se conhece foi alvo de duas grandes reorganizações, uma em 1937, em que de uma tiragem inicial de 1.000 exemplares por semestre passou a publicar 5.600 por ano; e uma segunda, em 1948, quando estabeleceu relações com a Sociedade Médica dos HCL que começa a inserir aqui os seus trabalhos, aumentou a troca de artigos com periódicos estrangeiros, começou a funcionar como revista da Biblioteca, Museu e Arquivo dos HCL, aumentou a tiragem e o número de artigos por número (Leone, 1958, p. 614). A partir de 1946 passou a designar-se *Boletim Clínico dos HCL* e deixou de incluir a estatística; continuou a crescer até chegar a 1958 com uma periodicidade trimestral e com quase 100 páginas. De acordo com as informações recolhidas na Biblioteca do Hospital de São José, o seu último número foi publicado em 2003.

1.3.4. Os espaços museológicos de apoio ao ensino médico

Em Portugal, o aparecimento de espaços museológicos dedicados à área das ciências médicas está geralmente relacionado com o seu ensino, bem como com a investigação científica. Encontramos nos séculos XIX e XX espaços museológicos de apoio ao ensino médico, por vezes fruto de iniciativas individuais ou coletivas, de instituições de ensino ou de hospitais. Ao longo do tempo, foram surgindo núcleos museológicos, alguns de curta vida, outros com pouca expressão, ou espólios colecionados por médicos que foram expostos e deram origem a um museu, entre os quais:

- Museu da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, 1835;
- Museu Anatómico da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e Museu Anatómico da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1836-1837;
- Museu de Anatomia Patológica, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, 1865;
- Museu de Higiene, Instituto Central de Higiene Ricardo Jorge, 1913;
- Museu dos Hospitais Civis de Lisboa, 1918;

- Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 1933;
- Museu de História da Medicina, Universidade de Lisboa, 1948;
- Museu da Dermatologia Portuguesa Dr. Sá Penela, Hospital do Desterro, 1955;
- Museu Egas Moniz, Hospital de Santa Maria, 1957;
- Museu dos HCL Doutor Alberto Mac-Bride, Hospital de Santa Marta, 1957;
- Núcleo Museológico Hospital de Santo António dos Capuchos⁷⁷, 1997;
- Museu de Medicina, Universidade de Lisboa, 2003;
- Museu da Saúde, 2006;
- Museu do Centro Hospitalar do Porto, Hospital de Santo António no Porto, 2007.

Vamos referir brevemente os que têm maior expressão e se relacionam com o presente estudo, bem como os que se encontram ativos.

O Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto surgiu em 1825 com Vicente José de Carvalho e Bernardo Joaquim Pinto (1795-1852), ambos professores da então criada Real Escola de Cirurgia do Porto. Inicialmente sem espaço próprio, passou depois para uma sala das antigas instalações da Faculdade de Medicina. A sua coleção foi crescendo até ao início do século XX, até que, em 1959/60, passou com a Faculdade para o edifício do Hospital de São João, no Porto. Primeiro ficou instalado no Instituto de Anatomia Professor J. A. Pires de Lima e, mais tarde, passou para a Unidade de Anatomia, onde se encontra atualmente. A coleção é composta por centenas de peças anatómicas, desenhos e fotografias, quadros a óleo e documentos dos antigos diretores do citado Instituto.

O Museu da História da Medicina Maximiano Lemos foi criado em 1925, por Alfredo de Magalhães (1870-1957), médico, professor e político e foi organizado por

⁷⁷ Constituído pelo Museu Ary Catarino, em 1977, e o espólio do Museu da Dermatologia Portuguesa Dr. Sá Penela que, com o encerramento do Hospital do Desterro em 2007, passou para o Hospital de Santo António dos Capuchos.

Luís de Pina, em 1933. Na sua origem esteve a exposição médico-histórica realizada no Palácio de Cristal, em 1925, em comemoração do primeiro centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia do Porto, para a qual a Faculdade de Medicina do Porto recebeu a doação de objetos. Por atuação de Luís de Pina, a estas peças juntaram-se outras existentes nos Serviços da Faculdade, bem como livros antigos de Medicina, dando origem ao novo Museu Maximiano Lemos, em 1936.

Em 1959/60 o Museu passa para as novas instalações da Faculdade de Medicina do Porto, situando-se no novo edifício comum à Faculdade de Medicina e ao Hospital de São João, local onde se encontra atualmente. É composto por sete salas de exposição, cada uma com o nome de um professor da Escola Médica do Porto, sala de aulas e biblioteca. Tal como anteriormente, a organização foi de Luís de Pina e a exposição segue um critério de apresentação cronológico. O Museu tem vindo a receber doações de particulares e de instituições, apresentando um acervo variado no âmbito da Medicina composto por instrumentos, aparelhos e equipamento médico e cirúrgico, objetos de Farmácia, manuscritos e livros médicos, pintura, desenho, escultura e fotografia.

Posicionando-se como um centro de divulgação, de ensino e de investigação na história da medicina, o Museu tem uma biblioteca especializada seguindo uma política de aquisição de obras médicas nacionais e estrangeiras para integrarem a coleção. Desde os anos 60 do século passado, desenvolve a formação escolar e pós-graduada.

A existência de um valioso património histórico-cultural disperso pelas várias unidades da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa levou a sua Direção a constituir em 2003, um núcleo museológico com a finalidade de proceder à sua preservação. A instalação e a gestão ficaram a cargo de Manuel Valente Alves que, mais tarde, assumiu as funções de diretor. Em fevereiro de 2005, o núcleo museológico passou a Museu de Medicina, em instalações próprias localizadas no edifício principal da Faculdade. A coleção é constituída por livros, desenhos, fotografias, radiografias, objetos técnico-científicos, preparados humanos, modelos anatómicos, obras de arte e documentos (Alves, 2011b).

No entanto, a sua dispersão pelos vários institutos e serviços, e sem um espaço próprio para reunir todos estes elementos, levou à realização de uma parceria entre a Faculdade de Medicina e o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), em 3 de maio de 2013, passando este último a deter parte da coleção do Museu de Medicina. O protocolo de cooperação científica e museológica de longa

duração assinado, para além da guarda, visa a conservação, o estudo, a valorização e a divulgação da coleção com cerca de 3.000 peças, e que corresponde ao núcleo museológico original do Museu. Este núcleo museológico surgiu por doação à Escola Médica do Museu da Sociedade de Ciências Médicas, a que se juntaram objetos da Real Escola Cirúrgica e do Hospital de São José, bem como a doação que a Faculdade recebeu, em 1942, do Professor Sebastião Cabral Costa Sacadura do Museu de Ginecologia e Obstetrícia, que tinha sido criado na Maternidade Magalhães Coutinho. Em 2013 e 2014, recebeu o acervo do Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa que estava na posse do médico José Francisco David Ferreira (1929-2012).

Além desta parte da coleção depositada no MUHNAC, e dos objetos que continuam dispersos, a Faculdade tem ainda dois acervos em acesso restrito: a coleção de Anatomia de 1862, e o acervo do Museu Egas Moniz, constituído em 1957, com cerca de 400 peças.

O Museu do Centro Hospitalar do Porto foi inaugurado a 1 de outubro de 2013, e localiza-se no Hospital de Santo António no Porto. É um museu dedicado às Ciências da Saúde, com dois espaços de âmbito farmacêutico dos séculos XIX e XX: a Botica do Hospital Real de Santo António e a Farmácia do Hospital Joaquim Urbano. O seu património histórico-cultural é complementado por três coleções de instrumentos, aparelhos e equipamentos médico-cirúrgicos, de laboratório e imagiologia, dos inícios do século XX até aos anos 90, dispersas pelos vários serviços hospitalares. A coleção principal está aberta ao público e as outras coleções podem ser visitadas por marcação.

Ao longo dos anos foram várias as tentativas de realizar um museu dedicado às ciências médicas em Lisboa, o que não aconteceu à exceção do Museu da Farmácia. Em 1835, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa fez uma primeira tentativa e, em 1923, uma segunda; Ricardo Jorge fez, em 1889, uma exposição que deu origem ao Museu de Higiene, mais tarde designado por Instituto Nacional de Saúde Pública (INSA) Ricardo Jorge⁷⁸; o Museu de Santo António dos Capuchos acolheu o espólio do Museu dos HCL, em 1918; diversas coleções de médicos chegam a ser expostas no Hospital de São José; nova tentativa, em 1957, com o Museu Doutor Alberto Mac-Bride e, por último, em 1997, com o Museu Ary Catarino no Hospital de Santo António dos Capuchos.

⁷⁸ O Decreto-Lei n.º 27/2012 de 8 de fevereiro, atribui ao Instituto Ricardo Jorge a gestão e a promoção do Museu da Saúde.

Chegamos a 2006, com o anúncio da criação do novo Museu da Saúde o qual se concretizou, até ao presente, por uma exposição intitulada “800 anos de Saúde em Portugal”, patente desde abril de 2017 no espaço que será a sede do Museu da Saúde, o edifício do antigo Serviço de Neurocirurgia do Hospital de Santo António dos Capuchos. A exposição é constituída por peças oriundas de vários hospitais de Lisboa, do Museu Mac-Bride, da coleção de Dermatologia do Hospital dos Capuchos e do Instituto Nacional Dr. Ricardo Jorge. Foi organizada pelo museu do INSA e coordenadora pela sua diretora Helena Rebelo de Andrade, a primeira diretora do novo museu, e teve por Alto-Comissário Germano de Sousa.

O Museu tem por objetivo reunir a informação que se encontra dispersa de modo a se preservar o património, inventariar e divulgar a história da medicina em Portugal. Neste momento, o Museu, além do espaço-sede, dá acesso virtual às várias coleções do INSA, com cerca de 400 peças, e promove exposições temporárias nas instalações do INSA e de instituições parceiras.

Entre as peças expostas, destacamos as que estão assinaladas como pertencendo ao Museu Alberto Mac-Bride:

- Liteira do século XVIII, com origem no Hospital de São José;
- Mesa radiográfica de Egas Moniz, onde foi realizada a primeira angiografia cerebral em 28 de junho de 1927;
- Aparelho de fotografia de Heinrich Ernemann (1850-1928), de finais do século XIX;
- Peças variadas, como forno cerâmico de reverbero do século XIX, proveniente do Hospital Real de São José; vasos, receitas e almofariz do Hospital de Todos-os-Santos; plantas, fotografias, azulejos, retrato de Sousa Martins;
- Monografias: Frei Diogo de Santiago, *Postilla religiosa e arte de enfermeiros*, 1741; Francisco Morato Roma, *Luz de Medicina prática, racional e metódica*, 1726; Ambrósio de Miranda, pseudónimo de Fernando da Fonseca Chacon (1680-1747) *Dessertação médica e novo método de curar febres ardentes, aplicando-lhe só o facilissimo remédio de água pura*, 1737, 1.^a edição.

O Museu Doutor Alberto Mac-Bride (Figura 3, em anexo) foi fundado em 1957, e surgiu no seguimento de uma exposição realizada em homenagem a Alberto Mac-Bride

na Biblioteca do Hospital de São José, em 1954, por iniciativa do seu irmão Eugénio Mac-Bride, coordenada por Leone, bibliotecário do HSJ, e com o apoio do Enfermeiro-mor Emílio Faro. O interesse suscitado pela exposição constituída por peças da Biblioteca do Hospital de São José, de colecionadores como o Prof. Freitas Simões e da família Mac-Bride levantou mais uma vez a questão de se organizar um museu dedicado à história da medicina, o que levou o Enfermeiro-mor a decidir a sua realização. O Museu nasceu na antiga Biblioteca do Hospital de Santa Marta, que, entretanto, tinha voltado à posse dos Hospitais Civis com a transferência do Hospital Escolar para o novo edifício do Hospital de Santa Maria. A 15 de maio de 1957, no dia da celebração do Dia dos Hospitais, foi inaugurado o Museu Doutor Alberto Mac-Bride, no dia do 465.º aniversário da fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos (Leone 1969, p.795).

Pretendia-se que este museu fosse o início de um futuro Museu da História da Medicina, concretizando um projeto que Alberto Mac-Bride tentava realizar desde 1911, razão porque o seu nome foi concedido ao museu em sua memória e em reconhecimento do trabalho que realizou em prol dos HCL.

A inauguração solene deste museu contou com a presença dos Ministros do Interior e das Obras Públicas, do Arcebispo de Mitilene, do Administrador dos Hospitais Dr. Rafael Ribeiro, médicos, pessoal de enfermagem e de secretaria, e convidados. Salientamos no discurso do Prof. Costa Sacadura “a razão de ser do Museu, atribuindo a possibilidade da sua existência, às nobres qualidades do Dr. Alberto Mac-Bride, que mais poderosas e influentes se tornaram, após a sua morte!” (*Boletim Clínico dos Hospitais*, n.º 2 de 1957, p.550). O Ministro do Interior, Dr. Trigo de Negreiros refere que:

O Museu dos Hospitais tem o nome evocativo do Dr. Alberto Mac-Bride honrosamente concedido pela Ordem de Serviço n.º 4894-A de 13-5-57, emanada da Administração dos Hospitais, com a concordância de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Assistência Social, como justa homenagem à sua memória, e pela valiosa contribuição para a sua fundação. (*Boletim Clínico dos Hospitais*, n.º 2 de 1957, p.550).

O Museu foi organizado com peças oferecidas pela família Mac-Bride, do Hospital de São José e do seu antecessor Hospital de Todos-os-Santos, e ofertas de particulares, contando com documentos, objetos, instrumentos e aparelhos médicos e cirúrgicos, e uma biblioteca. Encontramos em Leone (1969, p.796) a descrição do Museu e a notícia de que vai ser alargado para o espaço da igreja, contíguo, dado o volume de objetos entretanto recebidos, tendo sido nomeada uma comissão para a reinstalação do

mesmo no novo espaço, maior e com uma entrada independente para a Rua de Santa Marta, o que não veio a acontecer.

Entre as várias ofertas que o Museu recebeu, encontramos a notícia de que após a morte de Eugénio Mac-Bride, em 1966, a irmã “Exma Senhora D. Sofia Mac Bride e o irmão, Sr. Coronel José Mac Bride (...) entregaram ao Museu recordações de família. (Leone, 1966, p. 381).

Sabe-se que o Museu dependia orgânica e orçamentalmente dos HCL, e o seu último responsável foi o Dr. Espinheira, funcionário do HCL. Encerrado nos anos 70 do século XX, a sua coleção foi dispersa por diferentes espaços dos HCL como o Hospital de São José, em que se encontram vitrinas com peças, e o piso da administração do Hospital de Santa Marta. Como referido anteriormente, em 2017 algumas peças que pertenciam ao Museu integraram a exposição do novo Museu da Saúde.

Pela descrição do museu por Leone (1969), sabemos que o museu teria cerca de 800 peças, entre as quais instrumentos, objetos, gravuras, livros e retratos. Atualmente, no local deste Museu, encontram-se alguns objetos em exposição, bem como a Biblioteca do Museu, que permaneceu quase intacta, à exceção dos itens acima referidos que fazem parte da exposição já citada. Quanto à Biblioteca,

Num dos extremos desta Sala, e em plano superior, comunicando com ela por uma larga escada de poucos degraus, ladeada por reposteiros de veludo carmesim, encontra-se uma outra sala mais pequena, estilo D. João V, rodeada por armários-estantes, com portas de vidros pequenos, e caixilhos dourados, onde se arrecadam os livros e documentos do Museu (...) (Leone, 1969, p. 796).

De um modo geral, podemos dizer que nas histórias da medicina consultadas predomina o interesse sobre a narrativa dos primórdios da medicina e a sua evolução ao longo dos tempos, mesmo entre os autores que se propõem falar da história mais recente. Encontramos um motivo para se regressar ao passado nas palavras de Alberto Mac-Bride: “A medicina será talvez a ciência mais carregada de tradições, porque é inerente à própria natureza humana evitar o sofrimento” (Mac-Bride, 1912).

No estudo da história da medicina em geral e em Portugal, além de Maximiano Lemos, salientamos os contributos de autores como Luís de Pina, Silva Carvalho, Ferreira de Mira, Machado Macedo, José Leone, J. Celestino da Costa, Damas Mora, Valente Alves e Barros Veloso.

Na literatura produzida mais recentemente, após a narrativa histórica em que sobressai os nomes de médicos de referência como Amato Lusitano e Ribeiro Sanches,

Manoel Constâncio e Sousa Martins, encontramos maioritariamente a referência a dois períodos na história da medicina: final do século XIX e início do século XX e os anos 50-60 deste último século. Tendo em conta o nosso período temporal, centrámo-nos principalmente na informação relativa ao século XIX e à primeira metade do século XX, detendo-nos nos problemas, progressos da medicina, nas descobertas científicas, e no ensino médico.

Neste período, destacamos a problemática da formação dos médicos em geral e dos cirurgiões em particular. Porque as obras e os artigos são maioritariamente elaborados por médicos, encontramos as suas preocupações sobre estes temas, principalmente em Álvaro Colaço, A. Celestino Costa, J. Celestino Costa e Valente Alves.

A origem e funcionamento das Escolas Cirúrgicas e a sua passagem a Faculdade, bem como a história dos hospitais desde o Hospital de Todos-os-Santos até ao Hospital de São José e a criação dos HCL são os temas mais abordados, com particular interesse pela atuação do Banco de São José e a sua relação e importância para a história da cirurgia portuguesa.

Poucas vezes são referidos os factos contemporâneos que influenciaram a educação e a ação médica, como é o caso do período das lutas liberais ou da Implantação da República e dos anos seguintes, a situação social ou de saúde pública, à exceção de Jaime Celestino da Costa (2000), Valente Alves (2014) e Veloso (2017) que a isso se referem. Como exemplos, temos o facto de se ter demorado a constituir a Sociedade Portuguesa de Cirurgia, o que veio a acontecer só em 1976, após anos de impedimentos legais, ou a Ordem dos Médicos; a nota de um cirurgião que, apesar de ter ganho um concurso público, perde a colocação para outro, como aconteceu com Reynaldo dos Santos e Augusto Monjardino; ou de alguém que é afastado do cargo por questões de filiação partidária (Costa, 1992).

Costa (2000) considera que o período áureo da medicina portuguesa se dá entre 1911 e 1954, herança da evolução do final do século XIX, principalmente pela criação e funcionamento da Faculdade de Medicina de Lisboa, incluindo o Hospital Escolar de Santa Marta, o Edifício do Campo Santana, o Hospital de São José, o Instituto Câmara Pestana e o Instituto de Medicina Legal. Para este autor, como para Alves (2009), no início do século XX encontramos um país pequeno, isolado e com um vasto território

colonial que não conseguia governar nem desenvolver⁷⁹, o que o leva a ir perdendo a posição de pioneiro nos anos seguintes. No entanto, apesar das condições adversas, a grande mudança deu-se no século XX (Veloso, 2017) principalmente pela atuação individual dos médicos, e até aos anos 50, tendo a medicina em Portugal acompanhado o desenvolvimento das ciências médicas (Alves, 2009).

Este realçar da história da medicina feita por nomes próprios é um elemento comum ao longo das leituras feitas. Os protagonistas da história médica são referidos com carinho e muitos elogios, as biografias são frequentemente elaboradas por colegas e discípulos, em que os colegas são também amigos, e os professores foram mestres e mentores. Encontramos biografias sobre Augusto Celestino da Costa, Jaime Salazar de Sousa, José Gentil, Sobral Cid, Câmara Pestana, Ricardo Jorge, Curry Cabral, Luís Simões Raposo, Mello Bryner, Azevedo Neves, Pulido Valente, Egas Moniz, Reynaldo dos Santos, Abel Salazar, Manuel Bento de Souza, Marck Athias, Alberto Mac-Bride ou Eugénio Mac-Bride, só para referir alguns nomes das gerações citadas. Destas biografias, Augusto Celestino da Costa foi autor de muitas delas, bem como, mais recentemente, Damas Mora e Barros Veloso.

⁷⁹ Portugal tinha em 1911, 6.000.000 habitantes, 20% situados nas zonas urbanas de Lisboa e Porto, com uma emigração de 500.000 pessoas/ano para o Brasil, e contava com 75,1% de analfabetos (Costa, 2000).

2. METODOLOGIA

Este projeto é composto por dois momentos de trabalho: o processamento bibliográfico da coleção Mac-Bride e o seu estudo, a que correspondem objetivos e abordagens distintos. As duas fases foram concomitantes, embora a análise da coleção bibliográfica, no seu todo, só tenha sido possível efetuar após a conclusão do catálogo informático. Como metodologia utilizada, as etapas foram:

- Organização e representação da coleção com recurso a técnicas de descrição e catalogação;
- Pesquisa bibliográfica e documental;
- Recolha, tratamento e análise dos dados.

2.1. Organização e representação da informação

Este primeiro momento teve por objetivo a organização e a representação da informação, com recurso à catalogação e à classificação, utilizando uma metodologia centrada no tratamento técnico documental de modo a concluir o catálogo em suporte informático, iniciado em 2011 pelo primeiro grupo de trabalho referido na introdução. Esta ação foi retomada, entre junho e setembro de 2016, no âmbito da frequência do Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, e concluída, entre outubro e novembro de 2016, inserida no projeto da presente tese, tal como se pode ver na tabela abaixo.

Período	N.º Registos realizados	N.º Existências correspondentes
28.07.2011 a 04.06.2012	1.384	2.143
30.06.2016 a 30.09.2016	418	604
03.10.2016 a 17.03.2017	221	1.355
Total	2.023	4.102

Tabela 1 - Número de registos bibliográficos realizados.

De modo a manter a normalização e a uniformização dos registos com o máximo de informação para permitir a recuperação e análise da mesma, seguimos a política de

catalogação definida pelo primeiro grupo de trabalho e que apresentamos, embora tenham sido introduzidas alterações pontuais de acordo com situações que surgiram e que iremos apresentar. A política documental foi elaborada segundo normas nacionais e internacionais tais como a descrição bibliográfica segundo as *Regras Portuguesas de Catalogação* BNP⁸⁰ 2000 e a ISBD (A)⁸¹ de 1991, e a Classificação segundo a CDU⁸², tabela de autoridade BNP 2008.

A estrutura informatizada do registo bibliográfico (PORBASE 5) obedeceu ao formato UNIMARC⁸³, tendo sido aplicadas as Diretrizes para o uso da UNIMARC no tratamento das Monografias Antigas definidas pela BNP 2001. Está ainda por esclarecer esta opção uma vez que o conceito de livro antigo, em termos cronológicos, compreende o livro produzido até 1800 ou o livro velho que tem mais do que cem anos (Faria, 2008). Estas características não correspondem ao conteúdo desta coleção, que tem 52 monografias com data até 1798, tendo as restantes 1.932 monografias uma data de publicação posterior.

Os princípios e normas bibliográficos apresentados na *Carta de Princípios Porbase*, de 1988, definem, de uma forma geral, três pontos da informação bibliográfica, e que são a catalogação, o acesso por assuntos e as entradas de autoridade.

Na catalogação, o formato definido é o UNIMARC, tanto para registos bibliográficos como de autoridade. A descrição bibliográfica segue as *Regras Portuguesas de Catalogação* (1996) segundo a ISBD, baseadas na AACR2, *Anglo-American Cataloging Rules*.

No acesso por assuntos é adotada a *Classificação Decimal Universal* como linguagem comum de indexação, de modo a permitir a integração temática de todos os registos e a possibilitar a estratégia de pesquisa por assunto. Na pesquisa por assuntos, aceita descritores, cabeçalhos, palavras-chave embora não exista um índice alfabético de

⁸⁰ Biblioteca Nacional de Portugal

⁸¹ ISBD(A) International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian), versão de 1991. Seguimos esta versão e não a versão consolidada da ISBD, versão de 2011, de modo a mantermos os critérios uniformes de representação da informação.

⁸² CDU, Classificação Decimal Universal

⁸³ Foi publicado em 1977, com o objetivo principal de definir um formato de âmbito internacional relacionado com a troca de dados bibliográficos entre os vários formatos MARC (*Machine Readable Cataloging*). A sua utilização deu origem a um formato próprio de criação de registos originais em países que se encontravam a começar a informatização das suas bibliotecas, como foi o caso de Portugal: formato UNIMARC (*Universal Machine Readable Cataloging*).

assuntos controlado. No entanto, se ocorrerem, essas entradas de assunto deverão utilizar preferencialmente o vocabulário de indexação já validado no âmbito do Projeto CLIP – *Compatibilização de Linguagens de Indexação em Português*.

Nas entradas de autoridade, o formato legível por computador para o registo de dados de autoridade é o UNIMARC/Autoridades. A tradução integral de UNIMARC/*Authorities* (1989) publicada pela BNP é a versão oficial. São diretrizes gerais, no que respeita ao tipo de entradas no ficheiro de autoridade, respetivo conteúdo e organização dos elementos, as Normas Orientadoras para a Constituição de Ficheiros de Autoridade publicadas pela BNP em 1987, que assumem função idêntica à *Guidelines for Authority and Reference Entries* (1984) da IFLA.

Neste projeto, o catálogo informatizado utiliza a versão Porbase 5, com *software* MindPrisma de 2010, localizado no Hospital de Santa Marta, mas com ligação e licença da Biblioteca do Hospital de São José. O equipamento informático utilizado tem a versão antiga Porbase 5 e não foi possível instalar a versão do sistema mindPrisma por o mesmo não suportar atualizações. A Porbase 5 tem como objetivo satisfazer os requisitos de gestão bibliográfica de uma biblioteca ou serviço de documentação, genéricos ou especializados, oferecendo um conjunto alargado de serviços com interface amigável, em ambiente *Microsoft Windows*.

Composto por vários módulos, nesta versão estão disponíveis os módulos Catwin, módulo de catalogação, e o Pacwin, módulo de pesquisa. O Módulo de catalogação Catwin, como referimos parametrizado para o formato UNIMARC, permite personalizar a folha de recolha de dados, o que foi realizado pelo primeiro grupo de trabalho. A sua utilização possibilita a deteção de possíveis duplicados, bibliográficos e de autoridades, o controlo da qualidade das catalogações (campos obrigatórios, recomendados e validação de registos), e a possibilidade de visualização dos registos no formato ISBD no ato da inserção da informação. O módulo de pesquisa local Pacwin, na versão mono base de dados, possibilita a pesquisa simples, avançada e por índice simples, como a procura por título, autor, assunto, CDU, n.º de registo (MFN) e cota, embora não permita a pesquisa na zona das notas. Permite ainda a listagem dos resultados de pesquisa e o acesso a formatos de visualização e de edição.

A elaboração da notícia bibliográfica é feita de acordo com a descrição bibliográfica de nível 2 (Informação técnica n.º 1/88 PORBASE), com recurso à ISBD⁸⁴ de 1991, composta pelas seguintes zonas:

- Zona de título – título próprio, título paralelo, outra informação de título e menção de responsabilidade – 1.ª menção de responsabilidade e outra menção;
- Zona de edição – indicação da edição, local da edição, menção de responsabilidade e data da edição;
- Zona de publicação – publicação, produção, distribuição;
- Zona de descrição material – número de páginas, indicação de ilustrações e dimensões;
- Zona da série e recurso monográfico em várias partes – título próprio de uma série ou recurso monográfico em várias partes, outra informação, número na série, primeira menção de responsabilidade e outra menção;
- Zona de notas.

Foi ainda convencionado que a cada obra corresponde um registo bibliográfico; obras pertencentes a um grupo – como obras em vários volumes – são catalogadas coletivamente; e os vários exemplares de uma mesma obra são registados nas suas existências, sendo que todas as particularidades que diferem do primeiro item descrito são registadas na zona de notas.

A política de descrição catalográfica definida foi para a tipologia de monografias, pelo que as publicações periódicas não foram consideradas pelo primeiro grupo de trabalho, uma vez que obrigam a distintas formas de processamento da informação bibliográfica. Deste modo, perante a existência de publicações periódicas na coleção, considerou-se que estas deveriam ser inseridas e a opção foi tratá-las como uma coleção, ponto já previsto, ou seja, catalogação coletiva com o recurso à zona de conteúdo (campo 327) para descrição de cada exemplar e atribuição de cotação própria.

⁸⁴ A ISBD (*International Standard Bibliographic Description*), ou Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada, foi estabelecida pela IFLA há cerca de quarenta anos e “procura fornecer as diretivas para uma catalogação descritiva compatível à escala mundial, de modo a facilitar a troca internacional de registos bibliográficos entre agências bibliográficas nacionais e pela comunidade internacional de bibliotecas e de informação” (IFLA, 2012, p. 27).

Na zona das notas optou-se pelo registo de aspetos consideradas pertinentes para o conhecimento da coleção, tais como dados sobre a encadernação, sobre o estado de conservação (manchas de humidade e outros), existência de *ex-libris*, assinaturas manuscritas, dedicatórias com a transcrição de conteúdos, localização na obra, bem como a referência às cotas antigas. Face à presença de numerosas informações, foi utilizada a numeração árabe para identificar as diferentes notas, separadas entre si por ponto final.

A *Classificação Decimal Universal* foi a tabela de autoridade utilizada, na versão BNP 2008, referente à classe 6 Ciências aplicadas, na subclasse 61 Ciências Médicas. Complementarmente utilizou-se a tabela de autoridade da *Classificação Decimal Universal* de 1990 (2.^a edição) para notações de outras classes. A especificação mínima das notações foi ao nível dos três dígitos, salvo algumas exceções em que prevaleceu a utilização de dois dígitos, com a finalidade de recuperar informação na fase da análise da coleção. Apresentamos abaixo a folha de recolha tal como foi definida, em formato UNIMARC.

001:	0001391
005:	201607011124337.0
100:	^a20160630d1853 k y0porb0103 ba
101:	1 ^alat
102:	^a GB
200:	1 ^a<The> First four books of Aur. Corn. Celsus de re medicaeWith na ordo verborum and literal translation^fAur. Corn. Celsus
205:	^a2 ^{ed.}
210:	^a London^cJohn Churchill^d1853
215:	^a377 p.^d18 cm
300:	^a1- Edição bilingue latim-inglês. 2- Carimbo da Biblioteca HCL na página de rosto. 3- Cota HCBA 2028.
316:	^5 PTMCBRIDE: MCBRIDE
317:	^5 PTMCBRIDE: MCBRIDE
318:	^aEstado de conservação verificado^5 PTMCBRIDE: MCBRIDE
600:	^2 PTMCBRIDE: MCBRIDE
601:	^2 PTMCBRIDE: MCBRIDE
606:	^aMedicina^2SIPOR
607:	^2SIPOR
675:	^a616^vBNP^zpor
700:	1 ^aCelsus^b[Aulo Cornélio]^f25 a.C.-50 a.C.
702:	1 ^aStegall^bJohn^cM.D.^d4730
801:	0 ^aPT^bMCBRIDE^gRPC
930:	^dMCBRIDE2223

Tabela 2 – Folha de recolha de dados.

Durante o trabalho de descrição catalográfica, sobretudo face a questões de falta de informação no exemplar ou dúvidas quanto à notação, especialmente pela especificidade do assunto a representar e pela dificuldade “dada a complexidade e extensão desta subclasse (...)”, (Simões, 2008, p. 202), recorreu-se à consulta de catálogos disponíveis *online* como o catálogo da BNP⁸⁵, da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - SIBUL⁸⁶, da BNF - *Catalogue Collectif de France*⁸⁷, o *National, Academic and Specialist Library Catalogue - COPAC*⁸⁸, o Catálogo da Biblioteca Nacional de Espana⁸⁹ e do *Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español - CCPB*⁹⁰. Esta ação nem sempre teve resultados por não se encontrar a existência do título nos catálogos, a informação em falta não constar ou a notação representada ser ao nível da subclasse.

Ao longo da pesquisa das notações, elaborou-se um índice com as notações mais frequentes, bem como com as notações compostas de maior dificuldade (vd. Apêndice 3). O mesmo aconteceu para os autores, em que à medida que se pesquisava informação para preenchimento do campo da autoridade, organizou-se uma lista onomástica (veja-se o Apêndice 2). Estes momentos de pesquisa tornaram o trabalho moroso porque o computador de apoio à pesquisa era o mesmo onde se construía o catálogo digital, o que implicava interromper as inserções. A limitação do suporte informático, quer em termos de *hardware* quer de sistema operativo, sem permitir atualização das aplicações, com uma resposta lenta, sempre a perder a ligação à Internet e a bloquear quando se consultava uma base de dados, foi a maior dificuldade sentida durante esta fase do projeto.

Após a conclusão do catálogo, foi realizada a análise à consistência e à coerência dos registos através da consulta de listagens dos registos em formato UNIMARC e ISBD. Foram identificadas situações a corrigir como erros de ortografia ou informação em falta, o que foi feito.

⁸⁵ Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/>>

⁸⁶ Disponível em: <<http://aleph18.sibul.ul.pt/>>

⁸⁷ Bibliothèque nationale de France, disponível em: <<http://ccfr.bnf.fr/>>

⁸⁸ Disponível em: <<http://copac.jisc.ac.uk/>>

⁸⁹ Disponível em: <<http://catalogo.bne.es/>>

⁹⁰ Disponível em: <<http://catalogos.mecd.es/CCPB/cgi-ccpb/abnetopac>>

O método de cotação⁹¹ fixado foi alfanumérico, constituída pela numeração sequencial precedida da designação MCBRIDE, inscrito a carvão na primeira folha do exemplar, no canto superior direito, anteriormente definido. A cota atribuída seguiu a ordem de organização da arrumação dos títulos na estante, isto é, de cima para baixo e da esquerda para a direita, em que a cada estante correspondia um número, no total de três, e a cada prateleira um número, no total de seis prateleiras por estante.

Para garantir a não duplicação das cotas, e ao mesmo tempo registar a organização física da biblioteca, foi criado um documento em *Word*, a que demos continuidade, com o número de registo, da cota e a informação da sua localização como o número da estante e da prateleira, uma vez que todo o manuseamento dos exemplares foi realizado por elementos da instituição. Por inexistência de sinal de Internet no local do Museu Mac-Bride onde se encontra a coleção, esta teve que ser transportada para o gabinete da administradora hospitalar Dr.^a Célia Pilão, onde o trabalho de leitura, catalogação e de registo bibliográfico informático aconteceu. Deste modo, as monografias e as publicações periódicas foram retiradas, transportadas e posteriormente arrumadas, sem qualquer garantia de os títulos serem organizados por cota ou acondicionados da melhor forma. Para as monografias em pior estado de conservação, foi dada a indicação de que deveriam ser colocadas na horizontal, de modo a salvaguardar as lombadas.

De um modo geral, a coleção apresentava sinais de pouca higienização, particularmente as publicações periódicas, sendo que alguns exemplares estão em muito mau estado de conservação. Para os que estavam agrupados com cordel sisal, foi tomada a decisão de este ser retirado e colocada uma fita de algodão, de modo a reduzir a agressão feita ao papel (ver Figuras 19 a 23, em anexo).

2.2. Pesquisa bibliográfica e documental

Este momento do projeto compreende às fases da pesquisa bibliográfica, da revisão da literatura e da análise de dados, com recurso a técnicas diferentes, mas com o mesmo objetivo de recolher informação. Informação sobre Alberto Mac-Bride, o contexto social e histórico em que viveu, a sua coleção biblioteconómica e a produção científica, sem esquecer o enquadramento teórico deste projeto na Ciência da Informação.

⁹¹ Cotação consiste na atribuição de uma cota, um código alfabético e/ou numérico, que estabelece a ligação entre os dados bibliográficos e a obra, e é um elemento essencial para a recuperação física dos itens existentes num catálogo (Faria, 2008, p. 334).

Num primeiro tempo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a par do processo de catalogação, o que possibilitou fundamentar a reflexão sobre o tema em estudo e identificar e fundamentar linhas de orientação para o desenvolvimento do projeto de analisar a coleção bibliográfica. Um dos objetivos da pesquisa e da leitura da literatura disponível foi a identificação de metodologias de análise de coleções privadas.

Através da pesquisa em catálogos de bibliotecas nacionais e bases de dados de publicações científicas médicas, recolheu-se informação sobre o percurso de Mac-Bride, desde a sua formação médica, a carreira médica e militar, a sua participação em sociedades médicas, históricas e culturais bem como notícias sobre ele e sobre o contexto da história da medicina em que viveu.

Com o estudo da sua biblioteca, queremos ir mais longe do que as evidentes coincidências entre os domínios de interesse de Mac-Bride enquanto médico e os materiais colecionados, descobrindo aspetos menos divulgados do seu perfil. Partimos do pressuposto que esta dimensão pode ser observada pela recolha, pela classificação, pela sistematização e pelo tratamento estatístico dos registos que constam do catálogo elaborado.

A metodologia definida para a pesquisa bibliográfica visou a recolha e organização da informação para a elaboração de uma biografia científica, seguindo os parâmetros correntes deste tipo de abordagem, enquadrada nos contextos de formação e de desempenho profissional do sector, nomeadamente o conhecimento geral do seu percurso de vida, o estudo da formação académica, a análise da carreira profissional e militar, a atividade desenvolvida nos vários cargos que ocupou, a sua participação em diversos grupos da sociedade civil. A elaboração de uma cronologia a partir da biografia de Mac-Bride teve por finalidade explorar o estudo da influência da biblioteca no homem ou do seu percurso na biblioteca.

Para reunir as informações biográficas sobre Mac-Bride, consideraram-se fontes primárias e secundárias, como bibliografias sobre a História da Medicina e de médicos em Portugal, sobre o próprio, a sua produção escrita relacionada com a sua profissão e não só. O recurso ao Arquivo Militar, à Liga dos Combatentes e à Biblioteca do Hospital de São José complementou a recolha de dados.

O ponto de partida para o enquadramento teórico deste projeto foi a recolha de informação na área das Ciências da Documentação e Informação. Na fase da pesquisa

documental, o tópic de pesquisa “biblioteca privada” foi identificado como a palavra-chave ou descritor que deu melhores resultados. Foram, ainda, utilizadas conjugações como “biblioteca particular”, “biblioteca pessoal”, “espólio pessoal”, “coleção pessoal”, “acervo pessoal”, “gestão de coleções”, traduzidas para inglês, francês e espanhol. Na base de dados da IFLA e da Unesco, o descritor que deu resultados foi “special collections”.

O levantamento bibliográfico foi realizado em diferentes tipologias de informações tais como bases de dados, diretórios, portais, repositórios, consulta a sítios e utilização de motores de busca. De seguida, e a partir do cruzamento da bibliografia referida em alguns artigos, alargou-se a procura das referências bibliográficas para outros campos do conhecimento como a História ou a Sociologia.

Na pesquisa *online* em catálogos, base de dados e repositórios de conteúdos científicos, nacionais e internacionais, destacamos a B-On - *Biblioteca do Conhecimento Online*; RCAAP-*Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*; Scielo - *Scientific Electronic Library Online*; *Web of Science*; LISTA - *Library, information science and technology abstracts*; e E-Lis - *E-prints in library and information science*.

Com a pesquisa realizada procurou-se localizar, analisar, sintetizar e também interpretar as obras e artigos mais relevantes, ou outra documentação, relacionados com o tema em estudo, com a inquietação de descobrir o que diz a literatura sobre bibliotecas privadas e quais os métodos utilizados. Ao longo deste percurso, clarificaram-se conceitos, validou-se a importância do objeto de estudo, encontraram-se casos semelhantes e construíram-se hipóteses de trabalho.

O tema principal desta coleção tornou essencial pesquisar e explorar a literatura existente sobre a história da medicina o qual, pelo nosso desconhecimento do assunto, se procurou fazer de forma exaustiva e alargada.

A sistematização e reflexão sobre as leituras efetuadas permitiram identificar relações com o trabalho que nos propomos realizar, bem como a fundamentar a continuidade a dar ao projeto.

2.3. Recolha, tratamento e análise dos dados

Aplicou-se o método de estudo de caso (Bates, 1999) para conhecer e analisar a coleção, com recurso à utilização de técnicas de análise qualitativas e quantitativas (Lessard-Hébert, 1994), aplicadas à base de dados do programa de catalogação.

Uma leitura qualitativa realizada ao longo da elaboração do catálogo, com o apoio da revisão da literatura, permitiu-nos definir os critérios que orientaram a pesquisa e identificar as variáveis a estudar.

Na avaliação da coleção tivemos como fonte primária os dados constantes do catálogo informatizado, o que permitiu a seleção, a recolha, a sistematização, o tratamento estatístico (Quivy, 2005) e, por fim, a análise dos resultados.

O itinerário da pesquisa procurou definir uma abordagem sistémica da Biblioteca Mac-Bride, com recurso ao método de estudo de caso, em que o objeto de estudo é analisado no seu todo, a partir da fonte primária - o catálogo - e em relação com o contexto histórico-cultural.

A análise qualitativa permitiu tratar a coleção, definir variáveis e explorar hipóteses, enquanto a utilização de técnicas quantitativas permitiu avaliar os dados, fundamentar interpretações e elaborar conclusões perante os resultados.

A participação na elaboração do catálogo informatizado permitiu o contacto com o nosso objeto de estudo e revelou-se um instrumento fundamental na recuperação da informação, principalmente na interpretação dos erros que surgiram com a exportação dos dados.

Após a conclusão do catálogo, e com o apoio do suporte técnico da Prisma, foi possível exportar os dados para *Microsoft Office Excel*. No entanto, e dada a existência da versão antiga do Porbase 5 e a diferença de protocolos, os dados apresentavam erros, pelo que foi necessário proceder à organização das tabelas. Para esta ação foi utilizado o *OpenRefine*, da Google, que permitiu a limpeza e agregação de dados, complementado com a ordenação individual dos resultados.

Foi também necessário fazer uma leitura individual dos registos para listagem dos conteúdos da zona das notas por não ser possível pesquisar este campo, o que dificultou a leitura dos dados. Foi através da informação constante na zona de notas, complementada

com a data de edição do título, que se aplicaram os critérios definidos para a não inclusão no tratamento de dados de alguns livros.

Para a realização de uma estatística descritiva com expressão gráfica, recorreremos ao *Microsoft Office Excel* para criar as tabelas e ao *Google Fusion Tables* para os mapas.

3. SINOPSE BIOBIBLIOGRÁFICA DE ALBERTO MAC-BRIDE

A partir da informação disponível vamos elaborar a biografia de Alberto Mac-Bride, apresentando o contexto da formação e do desempenho profissional, o conhecimento geral da sua história de vida, a formação académica, a análise do percurso profissional, as atividades desenvolvidas nos vários cargos que desempenhou bem como as instituições, organizações e grupos de que fez parte. A partir do acompanhamento da história pessoal, profissional, de amizades, de interesses culturais e de preocupações sociais, procuraremos desenhar um retrato o mais completo possível.

Como fontes de informação destacamos o seu biógrafo oficial António Luiz Gomes (1953, 1954), artigos de Damas Mora (2011), de Leone (1954, 1969) e do seu amigo pessoal Reynaldo dos Santos (1956).

3.1. O percurso profissional de Alberto Mac-Bride Fernandes

Alberto Mac-Bride Fernandes (Figura 4 e 5, em anexo) nasceu em Lisboa na Rua dos Fanqueiros, n.º 286, 2.º Direito, a 11 de setembro de 1886 e morreu em 29 de janeiro de 1953, em Lisboa.

Filho de Gregório Rodrigues Fernandes e de Elisa Mac-Bride Fernandes, irmão mais velho de Eugénio Mac-Bride Fernandes e de José Maria Mac-Bride Fernandes, e de Maria Sofia Mac-Bride Fernandes sobre a qual não dispomos de informação.

Tendo como nome de família Mac-Bride Fernandes, adotou como nome usado na clínica ou nome profissional apenas Alberto Mac-Bride.

Desconhece-se a posição política da família, e de que modo viveu o fim da Monarquia e o início da República, embora Luiz Gomes referindo-se aos dois irmãos médicos diga “que não tinham política partidária, apesar de serem republicanos desde os bancos da escola” (Gomes, 1954, p. 83). Em casa conheceram os grandes médicos portugueses do final do século XIX (Santos, 1956), em particular Sousa Martins, grande amigo do pai, padrinho da irmã Sofia, que deixou a Eugénio alguns dos seus bens.

Os irmãos Alberto e Eugénio eram muito próximos, moravam na Rua do Salitre n.º 136, 2.º, em Lisboa, cursaram a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, trabalharam no Hospital de São José — Alberto enquanto cirurgião e o seu irmão como médico até 1948, quando passou para o Hospital Curry Cabral —, foram mobilizados para a I Guerra

Mundial e partiram juntos no Corpo Expedicionário Português (C.E.P). Partilhavam interesses culturais e sociais, empreendiam passeios e visitas, e faziam parte do Grupo Amigos de Lisboa, e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

A morada conhecida de Alberto Mac-Bride é na Rua do Salitre n.º 136, 2.º, em Lisboa, a mesma que consta no seu *ex-libris* e que encontramos na correspondência entre ele e a *Association Française de Chirurgie*, tal como se pode ver na Figura 6 em anexo. No entanto, entre os volumes da coleção encontrou-se um outro envelope a ele dirigido com a morada de Rua Eugénio Santos, n.º 81, 2º Esq. em Lisboa, remetido pela Livraria Luso-Espanhola, Lda. (Figura 7, em anexo). Como não é conhecido que tenha tido consultório próprio, pode tratar-se de uma morada anterior ou temporária.

Não se conhece o seu percurso escolar nem onde realizou estudos⁹² até ao momento da matrícula⁹³ na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1904, onde se formou a 22 de junho de 1909, com uma dissertação inaugural⁹⁴ sobre o *Síndrome de Little*, uma patologia neurológica infantil, em que apresenta dois casos clínicos do Hospital Dona Estefânia. A tese é dedicada ao pai, os agradecimentos feitos a Alfredo da Costa, Reynaldo dos Santos e a Salazar de Sousa, por lhe ter sugerido o tema.

Segundo Gomes (1953), em 1908, com a idade de 20-21 anos, nas férias grandes, fez clínica fora de Lisboa, em Valada do Ribatejo, concelho do Cartaxo. Tal pode ter acontecido enquanto estudante de medicina, embora a idade não corresponda, pois em 1908 Mac-Bride teria 22-23 anos. Um período e uma ação difíceis de documentar pela inexistência de fontes.

Em 1909, após terminar o curso, é nomeado chefe de clínica de propedêutica cirúrgica do Professor Salazar de Sousa, o primeiro cirurgião pediatra português, o que aponta para as suas capacidades e competências como jovem médico. A sua relação de proximidade com Salazar de Sousa “(...) ilustrada por uma caricatura datada de 1906, onde Salazar de Sousa era considerado o patrão de MacBride (...)” (Veloso, 2017, p. 102) e o facto de ter sido “nomeado em comissão de serviço para ir ‘ao estrangeiro’ especializar-se” (Santos, 1956, p.5), apontam para que siga a Pediatria, o que não vem a

⁹² Encontramos em Gomes (1953), a informação de que aos 17 anos, no liceu, participou na revista *Mocidade*, onde fazia a crítica literária e histórica.

⁹³ O mesmo Gomes (1953) refere a intenção de Mac-Bride em seguir a carreira militar de engenharia.

⁹⁴ Tese de dissertação inaugural que corresponde à monografia realizada para a conclusão do curso de medicina antes da Reforma de 1911.

acontecer, tendo-se dedicado à cirurgia, aos problemas da anestesia, técnicas cirúrgicas e cirurgia de urgência, história da medicina e problemas hospitalares. À sua personalidade multifacetada, em que abarcava diferentes áreas da medicina além da cirurgia como a ortopedia, obstetrícia, anatomia e patologia, juntava características pessoais de humor, amabilidade e cultura (Veloso, 2017, p. 102).

Era conhecido e tratado pelo “Dr. Alberto”, e trabalhou mais de 40 anos no Hospital de São José, no qual, a par de prestar serviço no Banco, foi responsável pela enfermaria do Serviço 5 e integrou a Comissão Fundadora da Biblioteca, Museu e Arquivo do Hospital de São José, em 1918.

Para Reynaldo dos Santos (1956), foi um dos cirurgiões mais cultos da sua geração com um conhecimento extraordinário da literatura médica e um espírito inovador e reformador, e Damas Mora (2011) apresenta-o como Soldado, Cirurgião e Cidadão.

Alberto MacBride foi Cirurgião dos Hospitais e uma das personalidades mais influentes desta instituição na primeira metade do séc. XX. Homem culto e de grande sensibilidade artística. Foi olisipógrafo, arqueólogo, colecionador, bibliófilo e Presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (Mora 2013a, p.151).

Leone fala dele como “um apaixonado investigador da história da medicina” (Leone, 1966, p.379). O seu interesse pelo passado do Hospital de São José e pela história do Hospital de Todos-os-Santos, levou-o a preparar palestras sobre estes temas que dirigia a todos os funcionários deste hospital e que realizava no Salão Nobre (Leone, 1954, p. 624). Encontramos no discurso de Luiz Gomes a sua ação a favor do Hospital de São José:

O Hospital de S. José não pode esquecer o Dr. Alberto Mac Bride que, como em França, é de uso dizer, se identifica ligando o seu nome a esse grande Hospital, a que se deu totalmente num sacrifício prodigiosos de concepção verdadeiramente religiosa (1953, p.5).

A sua grande ligação ao Hospital de São José levou-o a, quando adoeceu em 1952, pedir para ser hospitalizado e tratado neste hospital, sendo internado no Serviço de que era diretor, e onde veio a falecer aos 66 anos, acompanhado pelos três irmãos, os colegas e enfermeiros do Serviço.

As cerimónias fúnebres realizaram-se na sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, na Calçada dos Caetanos, por indicação sua. Foi sepultado no talhão dos Combatentes no Cemitério do Alto de São João. Pelas notícias do seu falecimento,

ficamos a saber que o seu funeral foi uma das maiores manifestações de pesar realizadas em Lisboa no seu tempo.

Após a sua morte sucederam-se várias homenagens entre as quais uma conferência intitulada “Presença de Alberto Mac-Bride”, realizada no Salão Nobre da Liga dos Combatentes da Grande Guerra em 29 de abril de 1953, que teve como oradores Júlio Dantas e Luiz Gomes (Gomes, 1953). Uma outra conferência foi realizada em Évora, no Salão da Câmara Municipal de Évora, a 30 de janeiro de 1954, sobre “Alberto Mac-Bride e a cidade de Évora”, com apresentação do Professor Augusto Casimiro e Luiz Gomes como orador (Gomes, 1954).

Também na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa se sucederam as homenagens, entre as quais a sessão de 24 de fevereiro de 1953, na qual um dos seus discípulos apresenta “Algumas notas sobre a personalidade do Dr. Alberto Mac-Bride.” (Martins, 1953). Dois anos depois, em final de 1955, Reynaldo dos Santos faz uma palestra sobre Alberto Mac-Bride, enaltecendo o seu valor como amigo, homem e cirurgião (Santos, 1956).

Como foi dito anteriormente, em 1954, realizou-se uma exposição em sua memória na Biblioteca do HSJ. Inaugurada dia 1 de novembro, sobre a sua duração Leone indica, num artigo de 1954, que esteve aberta de 1 a 17 de novembro e mais tarde, em 1966, refere que esteve patente durante 30 dias. É também Leone (1954, 1966) que refere que a mostra teve mais de 2 mil visitantes, segundo o livro de visitas, ponto em que a informação é consistente.

Desta exposição existe o catálogo *Figuras e panoramas da medicina de outros tempos*, elaborado por Eugénio Mac-Bride (1954) (Figura 8, em anexo) e com prefácio de Reynaldo dos Santos, do qual foram produzidos 400 exemplares, numerados, para venda. Através da consulta do catálogo da exposição ficamos a saber quais as figuras médicas de destaque, a nível nacional e internacional, qual a bibliografia e a documentação exposta, bem como alguns instrumentos médicos e cirúrgicos, dos quais salientamos:

- “Estetoscópios de Sousa Martins oferecidos a Eugénio Mac-Bride”, p. 141, n.º 557.
- “Receita médica do Dr. Alberto Mac Bride-Doc.”, p. 87: n.º 278.
- “Receita médica do Dr. Gregório Fernandes – Doc.”, p. 87: n.º 282.

- “Carta de Curso de Alberto Mac Bride Fernandes-Doc.” (sem data), p. 89: n.º 296.
- “Carta de Curso de Gregório Rodrigues Fernandes-Doc.” (sem data), p. 89: n.º 298.

Dado o sucesso da exposição e face aos pedidos de amigos e da família Mac-Bride, surge o Museu de História dos HCL, designado Museu Doutor Alberto Mac-Bride, descrito por Leone (1969) e já anteriormente apresentado. O valioso espólio que Mac-Bride colecionou durante a sua vida veio a constituir o núcleo principal do Museu, oferecido pela Família Mac-Bride e organizado por Leone.

Outros eventos em sua memória tiveram lugar, entres os quais a realização de uma medalha de bronze desenhada por João da Silva, a partir da qual foi feito um busto para a Liga dos Combatentes da Grande Guerra e outro para o Museu Doutor Alberto Mac-Bride.

Na casa em que nasceu, o Grupo Amigos de Lisboa e a Liga dos Combatentes da Grande Guerra colocaram uma lápide em sua memória e homenagem “Nesta casa nasceu Alberto Mac-Bride ilustre olisipógrafo”, na presença dos seus três irmãos, tendo a lápide sido descerrada pela irmã (Leone, 1969), a qual já não se encontra no local.

Mais tarde, em 1998, a Câmara Municipal de Lisboa homenageou-o atribuindo o seu nome a uma rua da freguesia de Santa Maria dos Olivais, “A rua do cirurgião de hospital e olisipógrafo Alberto MacBride” (Pereira, 1999). A rua Dr. Alberto Mac-Bride foi fixada na antiga rua D à Avenida Doutor Alfredo Bensaúde por Edital de 20 de janeiro de 1998, junto a outros arruamentos com nomes de médicos dos Hospitais Cíveis de Lisboa como Alfredo Franco e Carlos George.

Mais recentemente, em 24 de junho de 2010, a Comissão do Património Cultural do Centro Hospitalar de Lisboa realizou, no Hospital de São José, um colóquio sobre o Dr. Alberto Mac-Bride, presidido por Damas Mora, presidente da Comissão, e tendo por convidada a Liga dos Combatentes.

Gostava de se intitular “cirurgião do hospital” e tinha como lema que a *Medicina nasce e cresce nos hospitais* o que concretizava na sua dedicação ao Hospital de São José, e em particular ao serviço do Banco. Não exerceu atividade fora da sua carreira médica hospitalar, na qual destacamos as seguintes datas:

1911 Inicia carreira de médico hospitalar como Cirurgião Substituto do Banco do Hospital de São José.

1912 Por despacho de 20 de julho, passa a efetivo como Cirurgião do Banco.

1913 Em janeiro, pela ordem de serviço n.º 351, é nomeado Chefe de Serviço de Internato e Externato.

1915 A seu pedido, a 1 de maio, é exonerado do cargo de Chefe de Serviço de Internato e Externato.

1918 Com o Decreto de 23 de setembro é promovido a Facultativo-Assistente da Seção Cirúrgica dos Serviços Clínicos.

1919 Assistente da Seção Cirúrgica nas enfermarias 2 e 3 do Hospital do Rego.

1920 Por Ordem de serviço de 16 de outubro, é nomeado em comissão para o lugar de Subdiretor do Banco.

1921 Assistente da Seção Cirúrgica do HSJ.

1922 A seu pedido, é exonerado deste cargo a 4 de fevereiro.

1923 É nomeado Diretor de Enfermaria de Sto. Alberto.

1930 Por ordem de serviço de 22 de fevereiro, passa a exercer, interinamente, as funções de Diretor do Banco, das quais é dispensado, a seu pedido, a 15 de março.

1931 É promovido a Diretor de Serviço Clínico do Serviço Geral de Clínica Cirúrgica, passando a auferir renumeração como assistente.

1940 Diretor do Serviço 5 do Hospital de São José.

1951 Alberto Mac-Bride Fernandes, com Aleu Saldanha e Carlos George, são nomeados para preparar a atualização do *Regulamento dos Serviços Clínicos dos HCL*.

Durante a carreira hospitalar recebeu os seguintes louvores:

1925 É louvado pelos serviços profissionais prestados nos dias da revolução de abril desse ano, por portaria do Ministério do Trabalho, de 2 de maio.

1927 Por Ordem de serviço de 14 de janeiro, recebe o louvor do Diretor-geral dos Hospitais pela competência e zelo com que elaborou o novo Formulário de Medicamentos.

1930 É louvado pelo modo como desempenhou as funções de diretor do Banco.

1931 O Despacho de 8 de dezembro concede-lhe a medalha de prata por comportamento exemplar.

1936 A Ordem de serviço de 27 de abril louva-o pelo trabalho de remodelação dos quadros de pessoal dos serviços clínicos.

1937 Por Despacho de 25 de setembro, é-lhe concedida a medalha de prata de bons serviços.

1938 Por Despacho de 23 de junho, é-lhe concedida a medalha de ouro por bons serviços.

Ao longo do seu percurso profissional participou em comissões e grupos de trabalho, desenvolveu atividades por iniciativa própria e impulsionou mudanças a nível clínico e hospitalar.

Quando se formou e começou a exercer no princípio do século XX, a cirurgia vivia tempos de descoberta. Alberto Mac-Bride ficou ligado “a quase todas as modernas iniciativas da arte cirúrgica no nosso meio: as primeiras transfusões de sangue diretas, as primeiras anestésias endovasculares e raquidianas, a cirurgia vascular e a tuberculose óssea, a traumatologia, a ortopedia e a cirurgia abdominal de urgência” (Lessa, 1954), entre as quais as perfurações agudas do estômago e do duodeno (Martins, 1953).

No artigo referido de Mora sobre o tipo de cirurgia praticada no início do século XX, no Hospital de São José, e no estudo da atuação dos cirurgiões, encontramos em nota de rodapé que, para o período estudado, Alberto Mac-Bride tem a maior casuística de tratamento cirúrgico de traumatismos crânio-encefálicos (Mora, 2013a, p. 70). É também Mora (2011) que refere a cirurgia que realizou, em 1914, com a técnica de Carrel, em que o doente recupera a perna, o que “traduz uma técnica cirúrgica perfeita” (p. 87).

Foi um dos médicos que mais se interessou e dedicou aos problemas hospitalares, desde a sua história, organização e reformas, deixando um trabalho importante a nível das reformas hospitalares, nas quais incluía não só a organização dos Serviços Médicos como os Serviços de Laboratório ou de Enfermagem, os Serviços de apoio e auxiliares como a

cozinha ou a farmácia⁹⁵. A sua preocupação com a organização hospitalar levou-o, em agosto de 1911, a redigir uma exposição ao Ministro do Interior sobre a reorganização hospitalar e a sua autonomia, voltando a apresentar nova exposição em 1913.

Outro dos seus interesses foi a reabertura dos internatos médicos em 1912, problema que debatia desde 1911, tal como encontramos num artigo escrito em dezembro em que apela à sua regulamentação para bem da saúde pública e da profissão médica. Defende a importância do trabalho dos estudantes no apoio à cirurgia e à investigação científica, e em troca do qual estes recebem formação que os tornará melhores clínicos. Nesta defesa, dá a sua experiência de aluno da qual diz não guardar boas recordações (Mac-Bride, 1911, p. 408). A sua intervenção faz com que, em 1912, participe diretamente na publicação do *Novo Regulamento de Internato*, sob a direção do Enfermeiro-mor Stromp, o que aconteceu a 15 de outubro e foi retificado a 11 de novembro. Durante o ano de 1913 deu continuidade a este trabalho, mas, no entanto, só em 1918 é que a admissão no serviço de internato passou a ser feito por concurso público de provas práticas, o que ficou conhecido pela Reforma de Lobo Alves.

Pelo trabalho realizado é convidado a integrar como secretário a Comissão de organização da comemoração do cinquentenário do internato hospitalar, de 10 a 14 de julho de 1940. A ordem de serviço n.º 2233 de 6 de março é do Enfermeiro-mor João Nepomuceno de Freitas, e os outros nomes que compõem a comissão são Craveiro Lopes, Augusto de Vasconcelos, Henrique Bonhorst, Cancela de Abreu, Matos Chaves, Augusto Lamas, Fernando Pais, Mário Carmona, e Moreira Júnior como residente.

O seu interesse pelo internato, e o facto de este só existir nos HCL, leva-o, em 1951, a fazer uma conferência sobre o assunto no Hospital de Santo António no Porto. Como resultado, a direção do Hospital escreve ao Enfermeiro-mor dos HCL, o coronel Nepomuceno de Freitas, a elogiar Mac-Bride e a convidá-lo para diretor do Hospital de Santo António, o que não aceita. Mas o maior sucesso da sua intervenção terá sido a criação do internato no Porto em 1955.

A sua grande ligação ao Hospital de São José levou-o, em 1914, com Francisco Gentil e o arquiteto Tertuliano Marques, a estudarem a remodelação do edifício, que não chega a ser executada. No entanto, em 1915, sendo Enfermeiro-mor Magalhães Fonseca

⁹⁵ Martins (1953, p.67) refere que era frequente encontrá-lo na cozinha a provar a dieta de um doente ou a verificar as condições sanitárias.

e diretor do Banco Fernando Pinto Coelho, com o colega Schultz, o Banco do HSJ é transformado e adquire novas instalações.

Ao regressar da Guerra, retoma o seu lugar no HSJ enriquecido pela oportunidade de ter trabalhado com cirurgiões estrangeiros, contactado com organizações hospitalares diferentes, com novas experiências cirúrgicas, especialmente em cirurgia de guerra. Esta nova vivência sem dúvida que se refletiu na sua atividade médica, e na renovação da cirurgia que promoveu.

Falando de Mac-Bride enquanto cirurgião, Mora considera que em ambiente de guerra o cirurgião é chamado a fazer cirurgia de urgência, o que implica ser um cirurgião geral com grandes capacidades técnicas, o que seria o caso pois “em 1917 participa numa cirurgia de um grande traumatizado, provavelmente no Hospital da Base n.º 1 em Ambleteuse, Pas de Calais, França” (2013a, p. 151).

O seu desempenho nas funções de cirurgião durante a Guerra, a par do trabalho realizado na organização hospitalar de campanha, está patente nos elogios que recebe em abril e maio de 1919.

Para Mora (2013a), é esta nova experiência que leva José Gentil a convocar os cirurgiões que tinham estado na Guerra como Alberto Mac-Bride, Reynaldo dos Santos, Azevedo Gomes e António Silva Martins a participar nas reformas que iniciou no Banco. Uma reforma que era urgente levar a cabo, pois, na altura, o Banco de São José e a sala de operações não tinham condições de trabalho. No Banco, o cirurgião trabalhava só, tendo a ajuda de um enfermeiro, e chegava a trabalhar 24h seguidas. Muitas vezes era ajudado por voluntários, estudantes de medicina ou por colegas que vinham ajudar (Santos, 1956, p. 5). Para Reynaldo dos Santos, Alberto Mac-Bride foi um dos grandes renovadores da cirurgia do Banco:

Alberto alimentava a conversão aos novos métodos e ideias com a sua constante leitura de livros, revistas e relatos de congressos, que formaram logo um dos fundos da sua cultura científica, uma das mais ricas, senão a mais rica dos cirurgiões do seu tempo (Santos, 1956, p. 5).

Para a sua formação, os médicos “... bebiam da literatura estrangeira...” (Santos, 1956, p.5) e empreendiam viagens de estudo. Alberto Mac-Bride viajou para Paris, Bruxelas, Hamburgo, Berlim e Bona, quer por ocasião de congressos de Cirurgia quer para visitar serviços e cirurgiões. Durante a sua presença em França, na Grande Guerra, aproveita e participa em várias reuniões de cirurgiões e em conferências. Em Portugal,

sabe-se que participou no 1.º Congresso Nacional de Medicina em 1926 e que deve ter estado presente no Congresso Internacional de 1905. Dele diz ainda Reynaldo dos Santos:

Quando agora encaramos a sua personalidade científica temos de reconhecer que Alberto foi um dos cirurgiões mais cultos da sua geração, pelo conhecimento excecional da literatura médica do seu tempo, pelo espírito progressivo de que foi exemplo, criando em torno de si discípulos (1956, p. 9).

No início da sua carreira, com Reynaldo dos Santos, empreende a campanha da anestesia, publicando diversos artigos sobre a história da anestesia em Portugal e a evolução dos seus métodos. Em 1910, publica em *A Medicina Contemporânea* sobre a “Raquianestesia alta do Jonesco”, a qual introduziu no serviço do Professor Salazar de Sousa, procurando demonstrar a vantagem da sua utilização face ao clorofórmio, anestésico que os cirurgiões utilizavam nessa época. É o primeiro a abordar este problema e, com os seus artigos — como por exemplo “A anesthesia rectal pelo éter”, que publicou em 1911 —, converte os cirurgiões à utilização do éter.

Um dos seus resultados operatórios a recordar é “Sutura da artéria e veia popliteias”, publicado no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* em 1914, a primeira a ser realizada, e que está na origem da cirurgia vascular. Este artigo foi publicado em *fac-simile* na *Revista Portuguesa de Cirurgia*, n.º 30, pp. 55-58, em 2014.

Escreveu numerosos artigos de medicina, principalmente sobre a questão da anestesia e da cirurgia de urgência, o problema da assistência hospitalar e da educação profissional dos médicos, a organização e a saúde pública, como os socorros de urgência em Lisboa. É de 1913 a sua ideia inovadora de um serviço de pronto-socorro na via pública com ambulâncias-automóveis, que poderíamos comparar com o atual INEM.

Num artigo de 1946, debate o problema hospitalar de Lisboa, defendendo uma administração hospitalar centralizada, de modo a otimizar recursos humanos e financeiros. Aborda a questão da falta de camas nos hospitais civis⁹⁶, insiste no papel central nacional do HSJ e questiona-se sobre o destino a dar ao Hospital do Desterro, Arroios e Rêgo que considera alienáveis. Refere ainda a questão da tuberculose e a necessidade em se construir um novo sanatório nos arredores da cidade, bem como a criação de novos hospitais em bairros com número elevado de moradores como Alcântara e Beato, e nos limites do concelho, nas áreas em crescimento urbano (Mac-Bride, 1946).

⁹⁶ Preconiza a necessidade de 5 camas por cada 1.000 habitantes, o que implicaria a criação de novas 6.000 camas para os HCL (Mac-Bride, 1946, p. 8).

Acompanha os problemas de saúde pública do seu tempo e, com Reynaldo dos Santos, escreve “Perfurações intestinais na febre tifoide” que publica em *A Medicina Contemporânea em 1914*, destinado a ajudar o diagnóstico no início da epidemia de então. Da experiência da epidemia saíram as conclusões que Mac-Bride apresenta numa seção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa nesse ano (Santos, 1956).

Investigador da história da medicina, especialmente da medicina portuguesa, publica o primeiro artigo sobre este tema em 1912 em *A Medicina Contemporânea*. Interessado na história e no património do Hospital de São José, desenvolveu ações de divulgação como palestras no HSJ e visitas guiadas como as que organizou para o Grupo Amigos de Lisboa, em 1938 e 1942, e para a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em 1950.

No seu artigo de 1912, Alberto Mac-Bride defende a necessidade de se preservarem as tradições da medicina portuguesa através da organização de um Museu, cuja concretização deveria ser no Hospital de São José quer pela sua história quer pela tradição, ideia apoiada por colegas como Costa Sacadura, Costa Santos, Xavier da Costa, Lobo Alves, Mello Bryner, entre outros (Leone, 1969).

(...) se vão colecionando todos os objectos, livros de registo que os tem preciosos, não só para o estudo da história da medicina, mas (...) tudo quanto seja interessante para o estudo da história médica (...). (Mac-Bride, 1912).

Este texto levou o Enfermeiro-mor Stromp a nomear, nesse ano, uma comissão para a instalação do museu e do arquivo composta por Lobo Alves, médico do Hospital Dona Estefânia, Mello Breyner, médico do Hospital do Desterro, Xavier da Costa, médico do HSJ e o próprio Alberto Mac-Bride. Apoiando esta comissão, o mesmo Enfermeiro-mor nomeia, por Ordem de Serviço, n.º 311, de maio de 1912, uma outra comissão para atuar no Hospital de São José, identificando e recolhendo objetos para o museu, composta por Augusto Cândido Lobo Alves, diretor de Enfermaria, Luís Xavier Barbosa da Costa, médico assistente e diretor de uma das consultas de oftalmologia e Alberto Mac-Bride (Leone, 1969, p.792).

Este projeto foi interrompido pela Grande Guerra e só, em 1918, pelo Decreto n.º 4.563, de 9 de julho que reorganiza os Hospitais Civis de Lisboa, são criados o Museu e a Biblioteca, em conjunto com o Arquivo já existente (Art.º 52 do Decreto citado). Surge assim a Comissão Fundadora da Biblioteca, Museu e Arquivo do Hospital de São José,

da qual fazia parte Alberto que, como membro da Comissão, participou ativamente. Desenhou as

(...) estantes de ferro e de madeira que guarnecem as paredes da Biblioteca e do Arquivo (...), sob a sua ordem, se construir a casa-forte anexa, para aí se recolherem em segurança as valiosas espécies bibliográficas que lá se encontram. A decoração do Salão Nobre também se deve a sugestão sua (Leone, 1966, p.380).

A Biblioteca e o Arquivo são organizados, mas não o Museu, embora Alberto Mac-Bride o tenha tentado realizar ao longo da vida, colecionando todo o tipo de objetos relacionados com a medicina.

Mais tarde, em 1936 e 1939, foram nomeadas outras comissões. Na comissão de 1936, encontramos Eugénio Mac-Bride, Fernando Alves Rodrigues Nogueira, Herculano Tavares Coutinho, João Jaurés Júlio da Silva Ramos Dias, Zeferino Ferreira Paulo e o conservador da Biblioteca Arnaldo Faria de Ataíde e Melo. A comissão de 1939 é formada por Carlos Alfredo Santos, Fernando Ferreira da Costa, Luiz de Sousa Adão, Eugénio Mac-Bride e Faria de Ataíde e Melo.

Quando em março de 1916 Portugal entra, oficialmente, na Guerra, muitos dos médicos dos Hospitais Cívicos de Lisboa são chamados a integrarem o Corpo Expedicionário Português⁹⁷, França 1917-1919. Alberto Mac-Bride, com 31 anos, integrou o primeiro grupo de médicos portugueses que partiram e entre os quais se encontravam Eugénio Mac-Bride, Lamas, Pitschieller e Reynaldo dos Santos. Destinavam-se ao hospital de cirurgia, que Reynaldo dos Santos⁹⁸ devia dirigir, o que nunca aconteceu, pois, os planos do Ministério de Guerra e do Corpo Expedicionário Português eram diferentes. Os médicos portugueses dispersaram-se pelos hospitais ingleses, quer na frente quer em hospitais de retaguarda, onde a sua colaboração era necessária.

O seu Processo com o n.º 1294 caixa n.º 132/OF encontra-se no Arquivo Geral do Exército em Chelas, e é constituído pela Folha de Matrícula e pelo Boletim Individual do Corpo Expedicionário Português, a partir do qual elaborámos a sua vida militar que tem

⁹⁷ A Lei n.º 778, de 21 de agosto de 1917, assinada por Bernardino Machado, Afonso Costa, Artur de Almeida Ribeiro e Norton de Matos, mobiliza todos os médicos até à idade de 45 anos para o exército metropolitano.

⁹⁸ Em 1916, Reynaldo dos Santos aceitou o convite do Governo para ir a França preparar, do ponto de vista da assistência médica, a ida das tropas portuguesas (Veloso, 2017, p. 281), cuja experiência descreve em Santos, R. (1916) *Cirurgia na Frente Ocidental. A Medicina Contemporânea*, mai-jun.

início em 1916 quando é nomeado alferes médico e termina em 1951, ao atingir o limite de idade (Figuras 9.1 a 11.2, em anexo).

Damas Mora levanta a possibilidade de Alberto Mac-Bride ter sido voluntário, embora sem conseguir confirmar a informação (2011, p.84), o que parece não ter acontecido, não havendo notícia da mesma. Além disso, o Decreto-Lei n.º 2.285, de 20 de março de 1916, do então Ministro da Guerra Norton de Matos, permitiu convocar todos os licenciados para preparação militar, o que explica que em 31 de agosto de 1916 Mac-Bride seja promovido a alferes médico miliciano por se encontrar compreendido pelos Decretos-Lei números 2325 de 20 de abril e 2367 de 4 de maio de 1916, e colocado no 1.º Grupo de Companhias de Saúde, em Lisboa, sendo oficialmente licenciado em 28 de novembro. Esta mesma opinião encontramos corroborada em Veloso (2017, p. 282), quando refere que Reynaldo dos Santos vai novamente para França em 1917, mas desta vez mobilizado tal como os seus colegas, entre os quais Alberto Mac-Bride.

No Corpo Expedicionário Português, embarca para França a 10 de fevereiro de 1917 e chega a Paris no dia 14 desse mês. Daqui segue para Brest, para o Quartel-General da Base, prestando serviço no Hospital-Geral das Forças Inglesas n.º 11, a partir do dia 4 de março de 1917 até dia 11 de maio, quando é transferido para o Quartel-General da Base. A 3 de Setembro passa a chefe da Equipa Portuguesa no Hospital Geral n.º 54, mas a partir de 5 de setembro regressa ao Quartel-general de Base e é promovido a capitão-médico no dia 24 de setembro. A 20 de outubro, passa a prestar serviço no Hospital Geral Canadiano n.º 3, o Hospital da Universidade de McGill, de Montreal. No ano seguinte, a 13 de abril 1918, presta serviço no Hospital de Base n.º 1 em Ambleteuse (Boulogne-sur-mer), como chefe de clínica cirúrgica. Em 10 de março de 1919 é colocado na Ambulância n.º 6 do C.E.P e a 11 de março e apenas até dia 13, assume as funções de subdiretor do Hospital de Base n.º 1. Dia 21 de abril, recebe instruções para regressar e chega a Lisboa a 6 de maio. É dispensado a 5 de agosto desse ano.

Enquanto militar, teve oportunidade de participar em reuniões dos aliados e conferências de cirurgia, em que os grandes temas em discussão eram as amputações e o *shock*. Pela sua folha militar sabemos que participou em:

- 14-20 de maio de 1917, Paris, Reunião do comité de cirurgiões aliados;
- 18-20 de junho de 1917, Paris, Conferência de cirurgiões;
- 10-13 de julho de 1917, Paris, Conferência de cirurgiões interaliados;

- 14-18 de janeiro de 1918, Paris, Conferência de cirurgiões interaliados;
- 3-8 de fevereiro de 1918, Paris, Conferência de cirurgiões interaliados;
- 6-12 de outubro de 1918, Paris, Congresso de cirurgia.

Tal como os seus colegas⁹⁹, aproveitou as licenças de campanha para visitar hospitais, professores e médicos, entre os quais se destacam os famosos cirurgiões Carrel e Cushing, que participaram ativamente nos serviços de saúde militares na I Guerra Mundial (Reis, 2017).

Recebeu três louvores militares, atribuídos quer pela sua atuação profissional quer pelo trabalho realizado na organização dos serviços hospitalares, a ordem de serviço de Quartel-General do C.E.P. de 23 de maio de 1919; a ordem de serviço do Hospital da Base 1, n.º 103 de 12 abril de 1919 e a ordem do Exército de 10 de julho de 1920.

Recebeu seis condecorações militares: a medalha militar de ouro, letra C, da classe de Bons Serviços em Campanha, conferida a 10 de julho de 1920; medalha da Vitória; a medalha comemorativa com a fivela “C.E.P. França- 1917-1918”; Comenda da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada, insígnia imposta na sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra pelo Marechal Gomes da Costa, a 19 de outubro de 1929; a *Military Cross*, condecoração conferida por S.M.g o Rei Jorge V de Inglaterra; Cavaleiro da Ordem da Coroa da Bélgica, agraciado por S.A.R., o Regente Príncipe Carlos.

3.2. Vida institucional

Encontramos os vários aspetos da sua personalidade na participação em associações de cariz profissional, mas também culturais, cívicas e filantrópicas, como é o caso da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

No regresso de França, em 1919, juntou-se ao grupo que organizou a Liga em resposta às más condições em que viviam muitos dos soldados regressados, principalmente os doentes e incapacitados, os órfãos e as viúvas dos mortos na Guerra. Fundada em 1923, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra só foi oficializada pela Portaria n.º 3.888, de 29 de janeiro de 1924. Anos mais tarde e após novos conflitos

⁹⁹ Jorge Monjardino escreveu um artigo sobre a cirurgia e a experiência no C.E.P., que foi publicado na *The Lancet* – Monjardino, Jorge (1918) Some notes on portuguese surgery. *The Lancet*, 191, pp 138-142.

armados, a 16 de dezembro de 1975 a Liga dos Combatentes da Grande Guerra alterou a sua designação para Liga dos Combatentes.

Mac-Bride foi um dos sócios-fundadores e assumiu diversos cargos como o de bibliotecário desde a fundação, vice-presidente entre 1926 e 1929, e presidente entre 1929 e 1931. Membro ativo, integrou comissões e trabalhou em prol dos antigos combatentes e das suas famílias, pelo que foi nomeado Sócio de Honra em 1931. Em 1927 ficou encarregado de preparar o Congresso Internacional dos Combatentes e em 1929 organizou o 1.º Congresso dos Combatentes da Grande Guerra. Nesse ano, e por iniciativa sua, cerca de 2.000 antigos combatentes reuniram-se em frente da casa do Marechal Gomes da Costa para o homenagear, entregando-lhe o bastão de marechal. Integrou ainda a comissão que realizou a Exposição da Época Napoleónica, em maio de 1951, na Liga.

Após a sua morte, foi homenageado com a colocação do seu busto, da autoria do escultor João da Silva, no Salão Nobre, onde também se encontram as suas medalhas e outros objetos por si doados, como o seu relógio adquirido e utilizado durante a Grande Guerra¹⁰⁰.

Fez parte de várias associações como a Associação dos Médicos de que foi diretor entre 1949 e 1953, membro do Conselho Geral da Ordem dos Médicos (1939-43), presidente do Conselho Regional de Lisboa entre 1942 e 1943, e organizador da sua biblioteca.

Na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa foi Secretário-Geral Adjunto, entre 1949 e 195, e membro da Comissão de redação do jornal da Sociedade. Em 1952, tomou posse como 49.º Presidente, ocupando o cargo 50 anos depois do pai e dois meses antes de morrer. Com o seu discurso inaugural contribui para a história da medicina, referindo os médicos notáveis do último quartel do século XIX, entre os quais destaca Manuel Bento de Sousa e Sousa Martins.

Nesta Sociedade, elaborou uma extensa monografia correspondente ao período 1835-46, que integrou o volume da Comemoração Centenária da Sociedade em 1923, e participou em conferências como a que organizou em 1943 no Centenário de Sousa

¹⁰⁰ O relógio, em bom estado de conservação, com o número 133 da série 548661, gravado na tampa de prata de 0,800%, com o símbolo de *Grouse*, terá sido adquirido numa passagem por Inglaterra ou junto dos oficiais ingleses. Na I Guerra Mundial, e pela primeira vez, o relógio foi incluído na lista de artigos obrigatórios a usar por um oficial fardado. De início eram relógios de bolso que, mais tarde, passaram a ser de pulso, com correia de couro e à prova de água.

Martins. Pelo seu trabalho e participação, foi feito sócio benemérito com atribuição da medalha de ouro.

De 1910 a 1939, exerceu funções de secretário na publicação *A Medicina Contemporânea* e fez parte da sua redação, com Reynaldo dos Santos. Neste periódico, publicou vários estudos e escreveu sobre monografias, teses, congressos, entre outros temas.

Além da medicina tinha outros interesses como o seu gosto pela cidade de Lisboa, que o levou a participar na Associação de Arqueólogos Portugueses, de que foi o sócio fundador n.º 18, colaborando em particular com a Secção de Estudos Orlisiponenses. Foi daqui que surgiu a ideia de formar um centro de estudo lisboenses, o qual deu origem ao Grupo Amigos de Lisboa (GAL), em 18 de abril de 1936. Entre os catorzes sócios fundadores do GAL estão Alberto, como sócio fundador n.º 3, e o irmão Eugénio. Como membro da comissão organizadora, exerceu o cargo de vogal da Junta Diretiva desde a fundação até dezembro de 1941. Depois foi Presidente da Mesa da Assembleia Geral a partir de janeiro de 1942 até à sua morte, e Presidente da Primeira Secção de Estudos de Estética e Urbanização, na qual realizou o trabalho “A urbanização de Lisboa”, entregue na Câmara Municipal de Lisboa em janeiro de 1938 (Leone, 1966).

Neste grupo ficou, com o irmão Eugénio, ligado à concepção do Parque de Monsanto como pulmão verde da cidade de Lisboa. O projeto *O Bosque de Lisboa* começou a ser desenvolvido em 1925 e previa a criação de uma grande zona verde, com 1.800 hectares, que se estendia de Monsanto a Benfica, passando por Carnide e o Campo Grande. Um projeto ambicioso e muito completo, que tinha preocupações de higiene pública e saúde, de arborização, de construção de novos bairros habitacionais e de zonas de lazer. Para a realização deste estudo, trouxeram a Lisboa em julho de 1928 o urbanista francês Forestier, de modo a solucionarem o problema do prolongamento da Avenida da Liberdade, passando pelo Parque Eduardo VIII, para fazer uma grande zona verde. Em torno deste projeto reuniram-se várias pessoas interessadas, bem como os principais jornais de Lisboa, como podemos ver na notícia do *Diário de Notícias* do dia 4 de fevereiro de 1925, que louva este projeto. O projeto não foi concretizado, mas, para Leone (1966), o Parque Florestal de Monsanto realizado por Duarte Pacheco aproximou-se desta ideia.

Um outro problema urbanístico de Lisboa, que mereceu a sua atenção foi o estado de degradação do Castelo de São Jorge, sobre o qual trabalhou com Gustavo de Matos

Sequeira no Grupo Amigos de Lisboa. Além da questão da reabilitação e dos condicionamentos existentes, um dos pontos que os interessava era a sua utilização após a ação de intervenção. No Castelo, propunham a instalação do Museu e da Biblioteca da Cidade; na Praça Nova, a instalação da Academia Nacional de Belas Artes e da Nova Academia de História; para o restante espaço projetaram zonas de lazer e de restauração. Por último, de modo a melhorar a acessibilidade ao Castelo, previam a construção de um elevador a partir das escadinhas de Santa Justa. Este plano foi colocado num relatório que Matos Sequeira apresentou ao então ministro Duarte Pacheco em 8 de abril de 1938, quando se iniciavam as Comemorações Centenárias de 1940.

Realizava passeios e encontros de carácter cultural e artístico, e aos fins-de-semana, com o irmão Eugénio e outros amigos como Augusto Lamas, cirurgião, e Jorge Cid, médico e artista, faziam excursões a cidades como Évora, Setúbal, Santarém, Torres Vedras, Sintra e Tomar. Do seu círculo de amigos faziam parte, entre outros, Reynaldo dos Santos, já referido e a quem passa o gosto pelo património artístico de Évora (Veloso, 2017, p. 294), Augusto Celestino da Costa, ambos colegas e professores universitários, Júlio Dantas, médico e escritor, o escultor João da Silva, autor da sua medalha e do busto, Cassiano Branco, arquiteto, os olisipógrafos Gustavo de Matos Sequeira, Luís Pastor de Macedo e Norberto Araújo, Rocha Martins, historiador, Augusto Casimiro, militar e escritor, e Luiz-Gomes, escritor e seu biógrafo.

É apaixonado por Évora, que conhece desde os 12 anos, quando o pai o leva a visitar a cidade. Com um grupo de amigos faz parte do Grupo pró-Évora e cria o Grupo de Guias-Cicerones, onde organiza uma conferência intitulada “A cidade de Évora”, publicada nos Anais do Grupo, e orienta cursos.

Uma outra vertente de Mac-Bride enquanto homem dedicado à cultura, é a sua vertente de colecionador¹⁰¹, sobretudo de obras bibliográficas, que veio a dar origem à Biblioteca do Museu Doutor Alberto Mac-Bride.

Dedicou a sua vida ao estudo da medicina e aos doentes, característica que é destacada por Martins (1953), um dos seus colaboradores que trabalhou com ele nos últimos quinze anos da sua vida, e que realça os seus conhecimentos cirúrgicos e a humanidade de Mac-Bride face aos pacientes, que o levava muitas vezes a ultrapassar as regras de atendimento definidas. Na defesa que fazia de antigos combatentes, opunha-se

¹⁰¹ Segundo Veloso (2017, p.294), era frequentador da Feira da Ladra.

muitas vezes à realização de amputações, e no apoio que lhes dava, ganhou o título de “pai dos combatentes” (Martins, 1953). “Poderia ter, numa época recuada feito uma fortuna com a profissão, para o que lhe sobejavam recursos técnicos e um nome prestigioso. Não o quis (...)” (Martins, 1953, p. 70).

Pelas inovações que introduziu no Banco do HSJ, com o grupo dos colegas que como ele praticavam uma nova cirurgia, eram chamados os “Mascarados do Banco” (Martins, 1953). Esta sua dedicação ao Hospital e à defesa do seu património, levou-o a que, dias antes de morrer, escrevesse uma nota em defesa do arco da entrada do hospital, tal como referem Mora (2011, p.89) e Martins (1953, p. 69).

Através da leitura dos elogios fúnebres, encontramos um profissional excepcional e um apaixonado pela cultura e a história, mas também um homem afetuoso, bondoso, de personalidade forte. Martins define-o como um “modelo de *‘gentleman’*”, que exerce medicina orientado pelo juramento de Hipócrates que fez, que estuda continuamente e gosta de partilhar os seus vastos conhecimentos, não só de medicina, mas também de história e cultura:

Assim nasceu o grupo dos amigos do Dr. Alberto Mac-Bride (ele pertencia ao grupo dos amigos de Lisboa) que eramos nós, os médicos que com ele trabalhávamos e que aos domingos nos reuníamos em museus, igrejas, monumentos, etc. para ouvir e aprender os seus ensinamentos (Martins, 1953, p. 69).

Encontramos em Gomes uma apresentação mais pessoal de Alberto Mac-Bride em que este é definido, a partir de uma análise grafológica, como tendo um “carácter franco, leal, simpático e atraente, embora aparentemente fleumático à primeira impressão” (1954, p. 82), a que junta o elogio profissional contando uma episódio em que, por rádio, Mac-Bride faz o diagnóstico de malária e prescreve tratamento, com sucesso, a um passageiro que se encontra a bordo de um navio inglês ao largo da costa portuguesa. Refere ainda frases de humor sobre Alberto Mac-Bride¹⁰² publicadas na *Vida Mundial Ilustrada*¹⁰³, em 1 de fevereiro de 1945, pelas quais podemos inferir a sua notoriedade como médico e pessoa. (Gomes, 1954, pp. 84-85).

¹⁰² Transcrição da caricatura de Alberto Mac-Bride: “É um prazer estar doente, só para o consultar - uma doente.”; “Ao pé dele sinto-me de perfeita saúde - um doente.”; “Mesmo quando ralha, dá gosto ouvi-lo - uma enfermeira.”; “Mesmo que bata, fã-lo de bata branca - um enfermeiro.”; “Os pontos do Dr. Alberto não são pontos naturais: são sobrenaturais. - um operado”; “Canto para ele. - um mosquito.”; “É tão doce que, quando o mordo, considero um dia de festa. - uma mosca.” (Gomes, 1954, pp. 84-85).

¹⁰³ Publicação semanal de atualidades, editada entre 1941 e 1946, dirigida por José Cândido Godinho.

3.3. Círculo familiar

O pai, Gregório Rodrigues Fernandes (Figura 12, em anexo), nasceu em Salvaterra de Magos, a 4 de janeiro de 1849 e faleceu em Lisboa, a 4 de junho de 1906. Estudou em Lisboa no Colégio de Santo Agostinho e mais tarde, no Porto, fez os preparatórios na Academia Politécnica. Regressou depois a Lisboa para estudar na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e terminou o curso em 1878. Casou com Elisa Mac-Bride, ao que tudo indica de ascendência anglo-saxónica, em data desconhecida, com quem teve quatro filhos e sobre a qual não se encontrou mais informação.

Em 1878, existe um arrendamento em seu nome no Palácio do Bichinho de Conta na Rua do Século, antiga Rua Formosa, também identificado como Palácio dos Monteiro Paim, o qual foi dividido para arrendamento. Este arrendamento refere que o Dr. Gregório Fernandes é médico e casado, o que leva Durand (2012) a pressupor que aqui viveu com a família. No entanto, não se conhece a data a partir da qual terá assumido o arrendamento nem até quando, pois, em 1886, o filho primogénito Alberto nasce na Rua dos Fanqueiros.

Neste ano de 1878, Gregório Fernandes é nomeado Cirurgião do Banco do Hospital de São José e em 1879 toma posse do lugar de Facultativo do Banco de São José. Em abril de 1883, é nomeado Cirurgião extraordinário. Passou a Diretor da enfermaria de S. Francisco, em 13 de dezembro de 1888. Exerceu ainda as funções de Delegado de Saúde de Lisboa, entre 1884 e 1886.

Em 1900, por portaria de 2 de julho, foi nomeado, em comissão gratuita, para representar Portugal no *Congresso de Medicina e Cirurgia* em Paris, a 2 de agosto desse ano. Em 1906, encontramos-lo a presidir à 12.ª secção – Rinolaringologia, Otologia e Estomatologia – do *Congresso Médico de Lisboa*.

Pertenceu à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, tendo sido o seu 27.º Presidente, entre 1903 e 1905. Segundo Pereira (2006), entre 1874 e 1905 fez 35 intervenções nas sessões da Sociedade. Foi o sócio n.º 223 da Ordem dos Médicos.

O Decreto n.º 16.419, de 25 de janeiro de 1929, que organizou os serviços clínicos dos HCL, atribui a cada serviço o nome de um médico já falecido. O seu nome foi dado ao Serviço 4 do Hospital de São José.

Encontramos várias ruas com o seu nome, nomeadamente: Rua Doutor Gregório Rodrigues Fernandes, em São Domingos de Benfica em Lisboa; Travessa Gregório

Rodrigues Fernandes, em Odivelas; e Rua Doutor Gregório Fernandes, em Salvaterra de Magos.

Segundo Mora (2011, p.83), era um homem culto, um melómano, com uma vida social intensa. Era grande amigo de Sousa Martins, a quem assistiu na morte.

Considerado um cirurgião exímio, Costa (1992) e Mora (2013a) incluem-no no grupo *Geração da Transição do Século*. Num período em que as operações eram realizadas sem anestesia e com grande risco de infeção, Gregório Fernandes “gozava de dilatada consideração no meio médico lisboeta, e vários artigos científicos da sua autoria revelam uma preparação médico-cirúrgica invulgar” (Pereira, 2006, p. 139).

É-lhe atribuída a primeira ressecção do joelho em Portugal, embora o seu maior sucesso clínico tenha sido o tratamento e extração de tumor do útero e ovários em 1892. Referindo-se ao pai no discurso inaugural da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa em 1952, afirma: “Habituaados já aos princípios da antisepsia, os cirurgiões tentavam novas intervenções. (...) relata os seus casos (...) e Gregório Fernandes o seu célebre caso de operação de Porro o oitavo praticado na Europa.” (Mac-Bride, 1952, p. 886).

O irmão, Eugénio Mac-Bride Fernandes (Figura 13, em anexo) nasceu em Lisboa, em 28 de outubro de 1887 e faleceu em 13 de março de 1966. Formou-se na Escola Médica de Lisboa em 1912, com boa classificação, tendo apresentado tese sobre *Anestesia intravenosa pelo éter*. Como Alberto, escolheu como nome profissional utilizar apenas Eugénio Mac-Bride.

Em 1913 assumiu funções no Hospital de São José como membro interino da Junta Consultiva do Banco.

Como referido, foi mobilizado para o Corpo Expedicionário Português e em França é colocado no Hospital de *La Touquet*¹⁰⁴. Posteriormente é destacado para o Hospital Canadano n.º 3 da Universidade de McGill de Montreal, e para o Hospital da Base n.º 1. Pelos seus serviços, recebeu a medalha de Bons Serviços em Campanha do Exército Português e a da Vitória, e foi condecorado com o Grau de Cavaleiro da Legião de Honra.

No regresso, em 1918, volta ao Hospital de São José como Assistente e, em 1943, é nomeado Diretor de Enfermaria no Serviço 2. Deixa o HSJ em 1948 e vai dirigir o

¹⁰⁴ *La Touquet* fica na região administrativa de *Nord-Pas-de-Calais*.

Serviço de Doenças Infectocontagiosas do Hospital de Curry Cabral. A partir de 1951 e até 1957, quando se reforma aos 70 anos, acumula funções com o cargo de Diretor Clínico.

Leone (1966), na sua breve biografia, define-o como um médico interessado em manter-se sempre atualizado e em acompanhar o progresso das ciências médicas. Dedicou a sua carreira ao estudo e cura da tuberculose pulmonar, tendo sido um dos primeiros médicos a usar o pneumotórax. É referido como notável o seu trabalho original sobre a utilização nas doenças bronco-pulmonares da essência de limão em soluto oleoso, sobre o qual publicou.

Atento às questões de saúde pública, procurou melhorar as condições dos doentes, modernizar as instalações das enfermarias e pavilhões e até as ruas do próprio hospital, o que lhe valeu o reconhecimento com um louvor e a Medalha de Ouro dos HCL.

Realizou viagens de estudo a Espanha, França, Holanda e Alemanha e participou em conferências como o *Congresso de Medicina em Wiesbaden*, Alemanha, em 1914, o *1.º Congresso Nacional de Medicina* em Lisboa em 1926, no qual apresentou, em colaboração com Simões Ferreira, um relatório *Sobre a associação da tuberculose pulmonar e da sífilis* e o *1.º Congresso da Union Thérapeutique* em Paris, em 1944, com a comunicação sobre *As injecções de enxofre em suspensão oleosa*.

Pertenceu à Ordem dos Médicos, à Sociedade das Ciências Médicas, à Sociedade de Belas Artes, sócio fundador do Grupo Amigos de Lisboa e sócio fundador da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Participou na Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (SPMI), cujos estatutos foram aprovados por despacho ministerial de 14 de dezembro de 1951. A primeira Assembleia Geral aconteceu a 17 de julho de 1952 durante a qual foi eleita a Direção composta pelos Professores Mário Moreira, presidente, Alfredo Rocha Pereira, vice-presidente, Xavier Morato, secretário-geral, Arsénio Cordeiro e Carlos Gomes de Oliveira secretários-adjuntos, e Alfredo Franco como tesoureiro. Na sessão inaugural, a 27 de dezembro de 1952, numa fotografia da época, podemos ler na legenda: “(...) além de alguns internistas como Eugénio Mac-Bride, Ducla Soares e Cristiano Nina, é possível identificar Celestino da Costa, catedrático de Histologia, Alberto Mac-Bride, cirurgião, Diogo Furtado, neurologista, Juvenal Esteves, dermatologia, Castro Freire, pediatra, Manuel Frazão, cirurgião, etc.” (Veloso, 1994, p. 52).

Um ano após a morte do irmão Alberto, em 1954, e tal como dito anteriormente, é o principal impulsionador da exposição realizada em sua memória, bem como da constituição do Museu que se lhe segue.

Leone afirma que, com a morte de Eugénio Mac-Bride, após duas gerações de cirurgiões e médicos, desaparece a presença da família Mac-Bride e a sua ação em favor do Hospital de São José como médicos e como personalidades dedicadas aos doentes, funcionários e colegas. “Trabalharam pela tradição histórica e por aumentar o movimento cultural em torno do HSJ” (Leone, 1966, p.380).

O outro irmão, José Maria Mac-Bride Fernandes, nasceu em Lisboa, em 11 de janeiro de 1889 e dedicou-se à carreira militar. Fez o Curso do Real Colégio Militar entre 1899 e 1906, frequentou a Escola Politécnica de 1906 a 1909 e, por fim, a antiga Escola do Exército, em que tirou o curso de artilharia. Fez também o curso de Engenheiro Fabril do Exército.

Promovido a Alferes, em 1 de novembro de 1912, encontramo-lo em 1916, como Tenente, com as baterias do Regimento de Artilharia de Montanha em Moçambique, onde participou nas operações da passagem do Rovuma. Foi subdiretor da Fábrica de Pólvoras Físicas e Artíficos. Em 23 de setembro de 1941 é promovido a Coronel, e em 1942 passa à reserva.

Condecorado com a medalha comemorativa das operações militares “Moçambique 1914-1918”; medalha da Vitória com estrela de festas; grande cavaleiro da Ordem de Cristo; cruz de 1.^a classe do Mérito Militar de Espanha; medalha militar da classe de Bons Serviços; grande oficial da Ordem Militar de Avis; cavaleiro da Ordem da Torre-e-Espada; medalha militar de ouro da classe de Comportamento Exemplar. Tal como os irmãos, pertenceu à Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Não se conhece a data do seu falecimento, mas terá sido posterior à do irmão Eugénio, pois em 1966, em conjunto com a irmã, entrega objetos dele ao Museu (Leone, 1969).

4. ESTUDO DA COLEÇÃO MAC-BRIDE

O interesse em analisar uma biblioteca pessoal é a possibilidade que esta nos dá em descobrir mais sobre o seu colecionador, ler o contexto sociocultural em que viveu, a profissão que exerceu e de que modo o fez. No caso deste estudo, a coleção é ainda um lugar histórico que permite aceder ao conhecimento produzido num passado recente.

Segundo Reynaldo dos Santos, a biblioteca de Alberto Mac-Bride foi um dos alicerces da sua formação como médico, tal como o foram as suas bibliotecas para José Gentil como médico ou José Mattoso e Orlando Ribeiro como académicos, para quem os livros tiveram um papel central na produção intelectual e profissional.

Estamos perante uma coleção que parece ser uma biblioteca de família, quer pela partilha de profissão entre pai e filhos e entre irmãos, quer pela proximidade existente entre os dois irmãos. Os títulos com datas anteriores ao seu nascimento ou à sua formação académica remetem-nos para serem herança do pai ou oferta de amigos deste, e as datas posteriores à sua morte, as dedicatórias e a presença de marcas de pertença revelam o irmão Eugénio, até porque sabemos, através de Leone (1969), que após a sua morte a família fez a doação de alguns dos seus bens ao Museu.

Encontramos em algumas monografias o *ex-libris* de Mac-Bride, (Figura 1, em anexo) um selo branco com a inscrição “Mac-Bride 136 Salitre Lisboa”, que aparece sozinho ou em conjunto com a assinatura autógrafa, quer de Alberto quer de Eugénio, pelo que nos perguntamos se a sua presença corresponde à organização original da coleção apenas por Alberto, se era utilizado pelos dois irmãos, ou se foi usado por Eugénio após a morte de Alberto.

O nosso objetivo é estudar a coleção tal como foi pensada por Alberto Mac-Bride, tentando identificar os títulos correspondentes e sabendo que a Biblioteca, tal como o Museu, foram organizados por terceiros. Nesta coleção encontramos títulos com outras marcas de posse, sob a forma de assinaturas, nomes e dedicatórias, de outros médicos como Armando Formigal Luzes, Martinho Rosado, Horácio C. Pereira e José Pádua. Encontramos ainda diferentes situações de inscrições tais como exemplares com cota “HCBA” - Hospital Civil Biblioteca e Arquivo - ou cota “HCL-Biblioteca” -Hospitais Civis de Lisboa-Biblioteca -, com a inscrição de “Hospitais Civis de Lisboa - Museu Dr. A Mac Bride” (Figura 14, em anexo), com o carimbo Mac-Bride e uma dedicatória do autor Curry Cabral com a nota “Ao meu colega Prof. José António Serrano cumprimentos

José Curry da C. Cabral”, e um título que tem escrito na capa “Dr. Alberto Mac-Bride” e no interior uma dedicatória pouco legível, mas destinada a “Martinho”. Estas anotações permitem-nos levantar a hipótese de estes exemplares terem sido ofertas feitas a Alberto Mac-Bride, uma vez que não existe informação sobre doações ou incorporações na coleção, nem nas atas do Hospital de Santa Marta nem nos *Boletins Clínicos dos HCL*. Não se conseguindo confirmar de que modo entraram na coleção, e porque correspondem apenas a 1% das existências totais, estes títulos serão considerados no tratamento dos dados.

Foram definidos como critérios para identificar os exemplares que não pertencem ao núcleo original da coleção os títulos identificados como propriedade de Eugénio Mac-Bride através de dedicatórias ou da sua assinatura autógrafa, num total de 12 registos, correspondendo 0,6% do total da coleção, bem como todos os títulos com data de publicação após 1953, num total de 27 registos, correspondendo a 1,3% do total. Estes registos não foram incluídos no tratamento dos dados e na análise posterior.

4.1. Apresentação dos dados

A coleção tem 2.023 registos (títulos) a que correspondem 4.102 existências (volumes), sendo composta por obras gerais, monografias e periódicos. Após a aplicação dos critérios definidos anteriormente, obtivemos 1.984 registos correspondentes a 4.063 existências, a partir dos quais será feita a análise dos dados.

Dos 1.984 registos, 1.932 são monografias (97,3%) e 52 são periódicos (2,7%). Das monografias, as obras gerais de referência são 30 o que corresponde a 1,6% do total, entre as quais 17 são dicionários de medicina, 9 são dicionários de línguas e 4 são enciclopédias, três gerais e uma de medicina. Entre as monografias 52 são teses referentes a dissertações finais de conclusão do curso de Medicina, duas delas de Doutoramento, e teses para efeitos de concurso público.

No total dos registos, 95% tem data de publicação (Gráfico 1) e 98% o local de edição, sendo que 33% tem anotações na zona de notas tal como a indicação de marcas de posse, cotas, dedicatórias ou outros dados complementares (Gráfico 2).

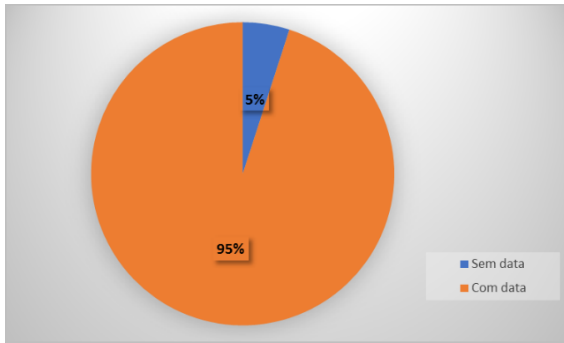


Gráfico 1 - Percentagem do número de registos com data de publicação.

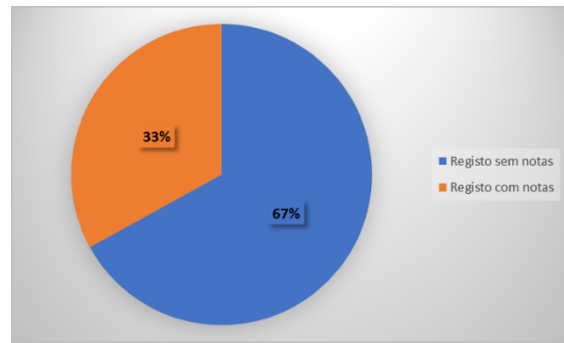


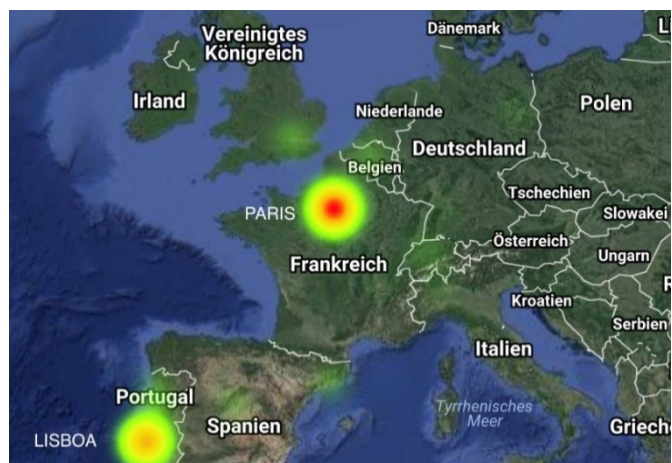
Gráfico 2 - Percentagem dos registos com informação na zona de notas.

Por países de edição, tal como se pode ver no mapa 1, encontramos 19 locais assinalados, correspondendo a 16 países como Portugal, Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Reino Unido, Holanda, Irlanda, Itália e Suíça. Existem três locais assinalados que foram contabilizados como Portugal, dada as datas de edição, e que são Lourenço Marques, Goa e Macau.



Mapa 1 - Representação dos países de edição no total da coleção.

Nesta representação mundial, destacam-se duas cidades com o maior número de publicações, que são Paris e Lisboa, como se pode ler no mapa 2, com Paris a liderar o número total de publicações.



Mapa 2 - Principais cidades de publicação.

Acompanhando a representação geográfica (Gráfico 3), o francês é a língua com maior expressão, com 59% dos registos, incluindo países de língua francesa como França (1114 títulos), Bélgica (39) e Suíça (17). A língua portuguesa vem em segundo lugar com 28%, presente com Portugal (521) e Brasil (39). O espanhol com 5% representa Espanha (92), Argentina (5) e Cuba (1). A língua inglesa com 4% refere-se ao Reino Unido (55), EUA (21) e Irlanda (1) e o alemão corresponde a 2%. Sem ligação a um só país, existe 1% de títulos em latim que têm como local de edição países como Itália (9), Suíça (4) e Alemanha (6).

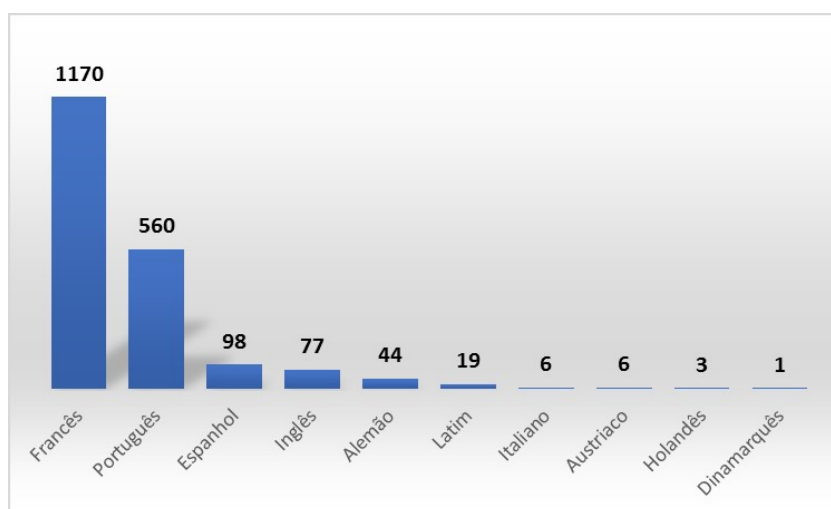


Gráfico 3- Distribuição do número total de registos por língua de edição.

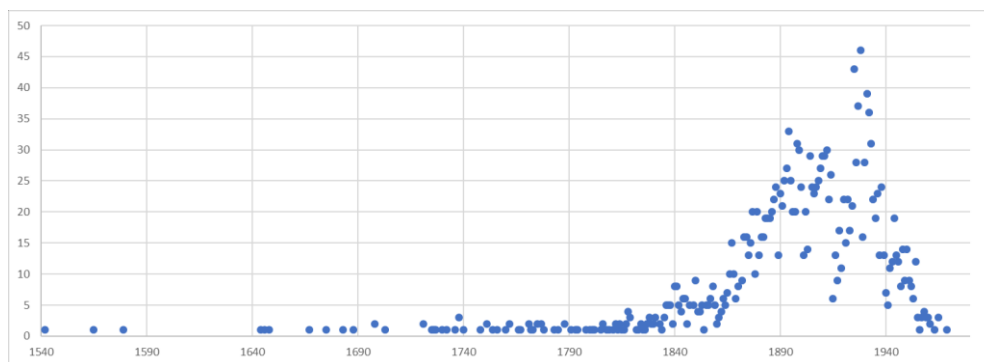


Gráfico 4- Distribuição do número total de registos por data de edição.

As datas de edição estão compreendidas entre 1540 e 1960, tal como se pode ver no Gráfico 4, embora só tenham sido considerados os títulos até 1953. Entre as datas de edição, o período temporal mais representado situa-se a partir de 1840, com o período entre 1925 e 1933 com 304 monografias (16%), seguido do período entre 1894 e 1900 com 183 títulos (9%). O ano com maior número de monografias é 1928, com 46 títulos (2%), seguido de 1925 com 43 títulos (2%).

As obras editadas antes de 1800 são em número de 52 correspondendo a 3 % do total dos registos das monografias e são compostas por 7 dicionários e enciclopédias - 3 dicionários de línguas, 1 dicionário de medicina e 3 enciclopédias gerais-, e 23 monografias de medicina – 15 de Medicina, 5 de Cirurgia, 2 de Patologia e 1 de Anatomia, 10 de Farmacologia, 4 de religião, 3 de botânica, 3 de Direito e 2 de História. Entre as monografias anteriores a 1800, o título mais antigo é de 1542, de Galeno¹⁰⁵, seguido de Mattioli¹⁰⁶, de 1565, e de Bravo¹⁰⁷, de 1579.

Caracterizando as monografias por país de publicação, tal como para o total da coleção, o país com maior número de publicações é França com 56%, seguido de Portugal com 26%, e Espanha com 5%, e os restantes países com 13% das edições, valores totais apresentados no Gráfico 5. Os títulos sem indicação do local de edição correspondem a duas monografias em língua francesa e uma em língua inglesa.

¹⁰⁵ GALENO (1542). *Operum Galeni. Tomus sextus*. Basileia: [s.n.].

¹⁰⁶ MATTIOLI, Pietro Andrea (1565). *Petri Andreae Matthioli Senensis medici, Commentarii in sex libros Pedacii Dioscoridis Anazarbei De medica materia*. Veneza: Ex officina Valgrisiana.

¹⁰⁷ BRAVO, Juan (1579). *Gastus Joannis Bravi Petrafítani... Hippocratis Prognostica commentaria*. apud haeredes Mathiae Gastii. Salamanca.

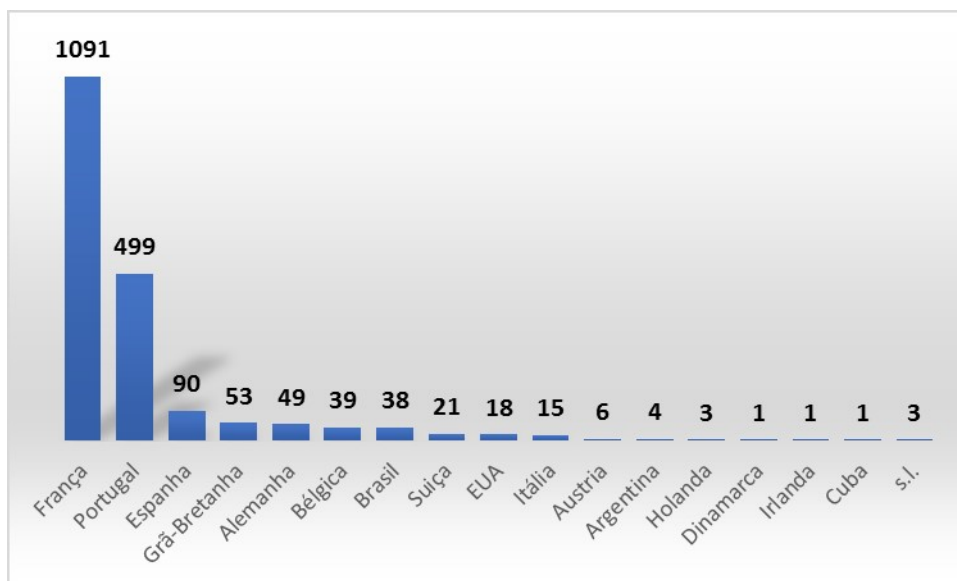


Gráfico 5- Distribuição do número total das monografias por país de edição.

Quanto aos locais de edição, tal como para o total da coleção, a principal cidade de edição das monografias é Paris com 56% das publicações (1079 títulos), seguida de Lisboa com 24% (457). Coimbra (23) e Porto (19) são as outras cidades portuguesas mais representadas com cerca de 1% cada. Para Espanha, temos Barcelona (55), Madrid (34) com 3% e 2% respetivamente. Londres vem em quarto lugar, com 2% (45), Brasil com Rio de Janeiro (24) e São Paulo (14) próximo de 1% cada. Bruxelas (21), Berlim (17), Filadelfia (10) e Viena (6), com 1% ou menos cada uma delas (Gráfico 6).

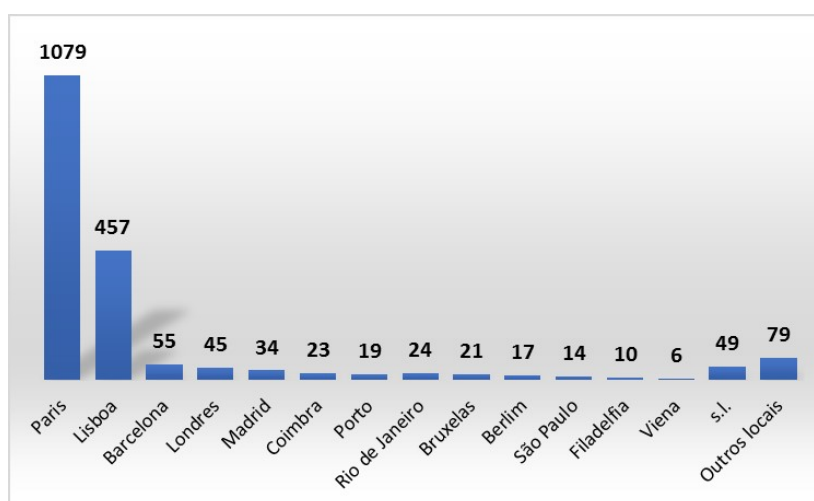


Gráfico 6-Distribuição do número total das monografias por local de edição.

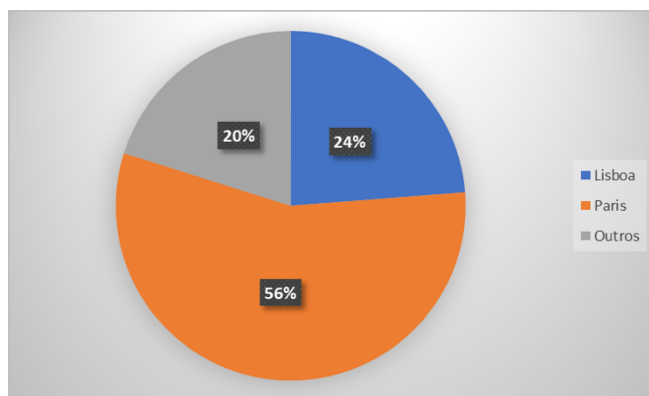


Gráfico 7 - Relação percentual entre as principais cidades de edição.

Temos assim o predomínio de Paris como cidade de edição, seguida de Lisboa, e totalizando as outras cidades apenas 20% (Gráfico 7), entre as quais se encontram Lille ou Montpellier em França, Florença em Itália, Leipzig na Alemanha ou Basileia na Suíça.

Quanto às publicações periódicas, a situação altera-se com Portugal e França a terem o mesmo número de publicações (21), com grande diferença face aos restantes países (Gráfico 8).

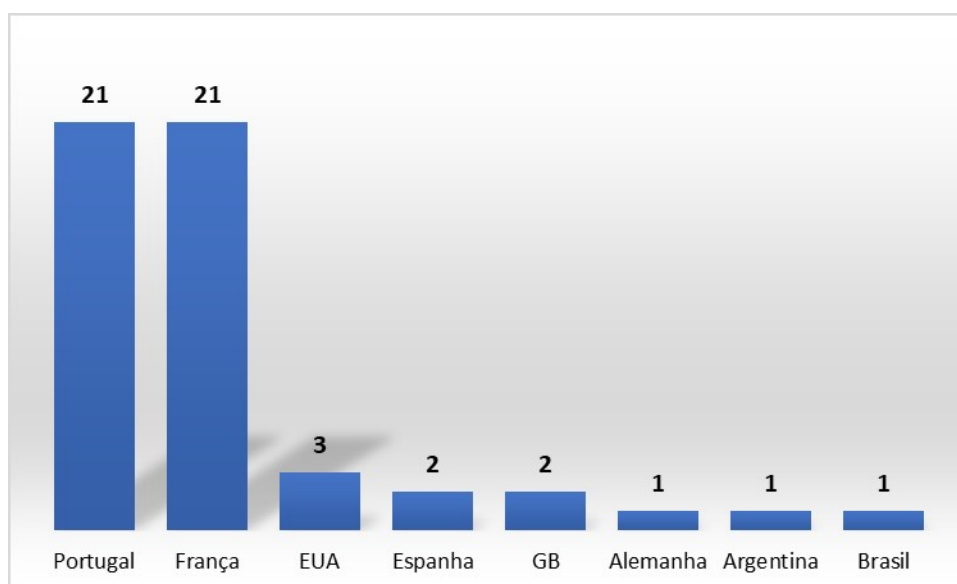


Gráfico 8 - Distribuição das publicações periódicas por país de edição.

Para as monografias, e como referimos, a maioria dos títulos são publicados em França e em Paris, com 56% das monografias a serem publicadas por editoras francesas,

entre as quais se destacam três nomes: Masson, Baillièr e Doin. As duas primeiras editoras, Masson et Cie Éditeurs e J. B. Baillièr et Fils têm 20% das edições, enquanto a primeira editora portuguesa, a Imprensa Nacional, corresponde a 6% das edições. Do número de títulos publicados em Portugal (26%), a Imprensa Nacional tem o maior número de publicações (121 títulos), seguida pela Imprensa da Universidade (23) e Faculdade de Medicina de Lisboa (19) (Gráfico 9).

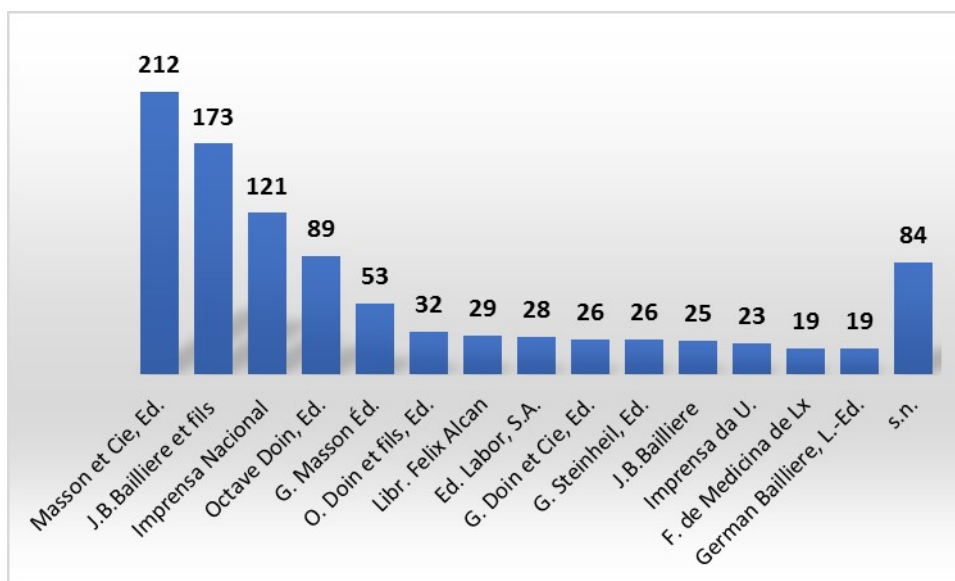


Gráfico 9- Distribuição do número de publicações pelas editoras mais representadas.

Das edições portuguesas, 31% tem apenas indicação da impressão, sendo a Typografia de Eduardo Rosa (19 títulos) a mais representada, seguida da Typografia Universal (18). Quanto a editores portugueses, encontramos nomes como Bertrand (Irmãos) Lda. (3), e Antiga Casa Bertrand-José Bastos (1), Livraria Luso-Espanhola (4), Laboratórios Sanitas (3), Coimbra Editora Lda (2), Livraria Sá da Costa (2), M. Gomes Editora (2), Companhia Editora Nacional (2), Seara Nova (2), Editorial O Século (1), Livraria Ferin (1) e uma associação entre uma editora francesa e a Bertrand – Livrarias Aillaud e Bertrand Lisboa (1).

Embora não fazendo parte do presente estudo, pelo que o tema não será por nós aprofundado, podemos ver a evolução de algumas editoras francesas a partir da alteração das suas designações, como é o caso de Octave Doin Éditeur ou Octave Doin et Fils, J. B. Baillièr ou Librarie J. B. Ballière et Fils, G. Goin ou G. Doin et C.ie Éditeurs, A.

Maloine ou A. Maloine et Fils Éditeurs ou A. Maloine et C.ie. Encontramos ainda uma associação entre G. Steinheil, Editeur e a Librarie J. B. Ballière et Fils e a passagem de uma denominação a outra: Ancienne Librairie Germer Baillièrre et Cie.Félix Alcan, Éditeur. Para o caso português, encontramos a já indicada Antiga Casa Bertrand – José Bastos ou a Bertrand (Irmãos) Lda.

Quanto à organização temática, (Gráfico 10) a coleção é composta por 81% de títulos da área das ciências médicas (1572 títulos), dos quais 72% são de Medicina (1395) e 9% de Farmacologia (177), com outros temas (360) a representarem 19% do total. Na distribuição por assunto, 10% dos títulos de Medicina são de obras gerais (199), não incluindo Congressos de medicina (15), Organizações médicas (6), Educação e escolas médicas (6), Gestão hospitalar (3) e Assistência médica (3), expressos em outra categoria de assunto.

Na representação por assunto das especialidades médicas, o segundo assunto mais presente na coleção é Cirurgia com 10% (185 títulos), incluindo títulos sobre Cirurgia de guerra (6), Ortopedia (4), Ginecologia (2), Tuberculose (2), Oftalmologia (2) e Cirurgia vascular (2).

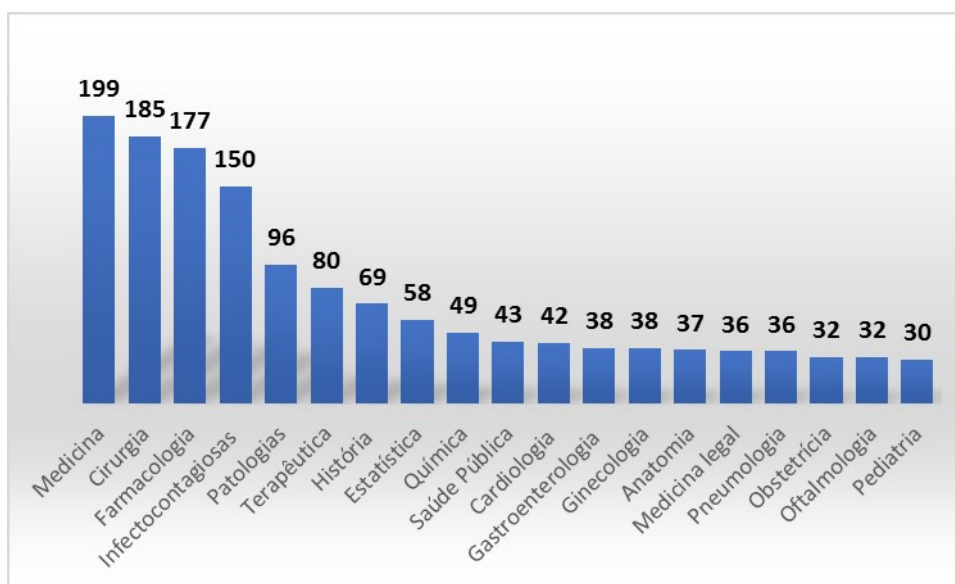


Gráfico 10 - Representação dos assuntos mais frequentes nas monografias por número de títulos.

Na Farmacologia (9%), estão presentes 27 farmacopeias nacionais, incluindo formulários de medicamentos de hospitais como do Hospital de São José (13 títulos), e farmacopeias de outros países, como Grã-Bretanha (11), França (8) e EUA (2).

As Doenças infectocontagiosas correspondem a 8% do total das monografias, sendo a Tuberculose o assunto mais presente (60 títulos), o que corresponde a 40% dos títulos das Doenças infectocontagiosas, dos quais 67% são de Tuberculose pulmonar (40). As Doenças venéreas aparecem em segundo lugar com 31 títulos, o que corresponde a 21%, seguidos da Cólera com 8% (12), a Febre-amarela com 5% (8) e outros temas com 26%.

O assunto mais representado não relacionado diretamente com as ciências médicas é História, com 69 títulos, o que corresponde a 4% do total das monografias. No entanto, entre os títulos de História 7 são sobre História da Medicina. Os outros títulos são de História de Portugal, História de Arte, Biografias e Histórias de países, sendo que estes últimos podem relacionar-se com a presença de títulos de Geografia (9) e Antropologia (4).

Em Estatística (58 títulos) encontramos representada a atividade hospitalar e censos de população, estes últimos referentes ao Brasil, correspondendo a 3% dos títulos totais. Quanto à atividade hospitalar, encontramos informações sobre o Hospital de São José e os HCL, incluindo dados económicos e relatórios.

O tema Saúde pública (43 títulos) é o décimo mais representado com 2% e podemos relacioná-lo com títulos sobre Legislação (25) sanitária, militar, marítima, casos práticos do Brasil, EUA ou Índia, a que se pode juntar o assunto Higiene (14) e Economia (7).

De regresso à medicina, surge Cardiologia (42 títulos), Gastroenterologia (38), Ginecologia (38), Anatomia (37), Medicina Legal (36), Pneumologia (36), Obstetrícia (32), Oftalmologia (32) e Pediatria (30), todos com cerca de 2% cada.

Para lá dos temas de medicina apresentados no Gráfico 10, temos Medicina interna (28 títulos), Nutrição (28), Ortopedia (27), Oncologia (23), Urologia (22), Fisiologia (20), Diabetes (19), Neurologia (16), Dermatologia (13), Nefrologia (13), Psiquiatria (12), Radiologia (10), Vacinas e Vacinação (10), Anestesia (7), Reumatologia (7), Hematologia (6), Histologia (6) e Otorrinolaringologia (6).

Entre outros temas, encontramos títulos de Botânica (13), Biofísica (18), Literatura (17), Bibliografia (8), Religião (8), Veterinária e Zoologia (7), Biologia (6), Criminologia (3), Hidrologia (3), Mineralogia (2) e Arquitetura (2).

Quanto aos temas dos periódicos da coleção, 94% é de ciências médicas com 22 títulos de medicina e 27 títulos de temas da especialidade, dois de Biologia e um de Direito, como se pode ver no Gráfico 11. À semelhança do que vimos nas monografias, após os periódicos de Medicina, a Cirurgia (5 títulos), a Tuberculose (4) e a Farmacologia (3) são os temas mais numerosos. Os outros temas dos periódicos são Fisiologia e Patologia (3), Biologia (2), Obstetrícia e Ginecologia (2), Radiologia (2), Anatomia (1), Anestesia (1), Cardiologia (1), Endocrinologia (1), Oftalmologia (1), Medicina Interna (1), Medicina Tropical (1), e Pediatria (1). Comparando com a restante coleção, encontramos estes temas à exceção de Endocrinologia de que não há informação pelo menos com esta representação.

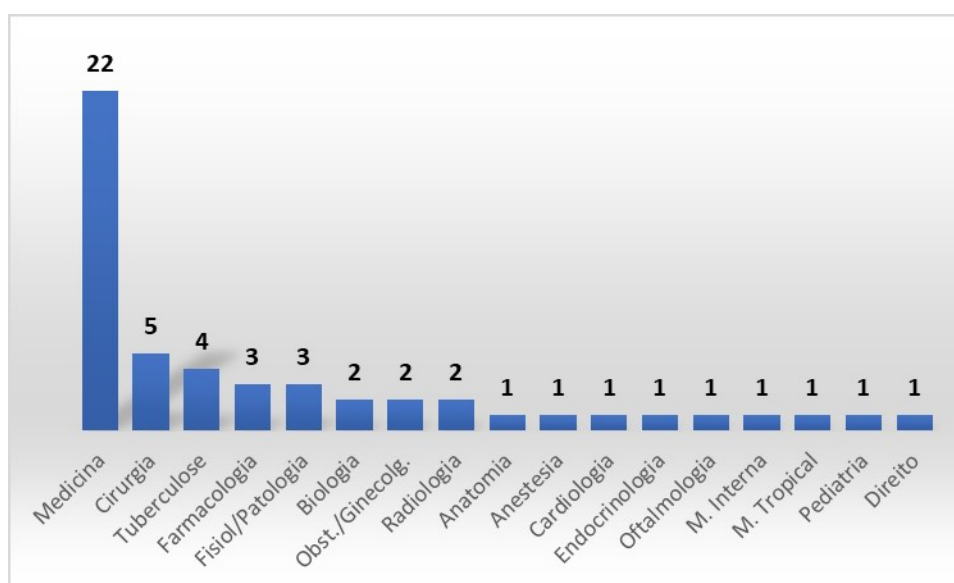


Gráfico 11- Distribuição por assunto das publicações periódicas.

Em relação aos autores, Aníbal de Castro (1880-1952), redator da *Gazeta Médica de Lisboa*, é o mais representado com 18 títulos e 1%, a contrariar o predomínio da literatura francesa na coleção. O segundo autor português, Francisco António Alves (1832-1873), criador da unidade de Anatomia Patológica da Universidade de Coimbra, surge em quinto lugar com 11 títulos. Dos 16 autores com mais títulos, entre 18 e 7 títulos,

o que corresponde a 5% do total das monografias, três são portugueses, sendo o terceiro autor português Costa Sacadura (1877-1966), médico obstetra e professor da Escola Médico-Cirúrgica¹⁰⁸, com 7 títulos, e os restantes franceses. (Gráfico 12).

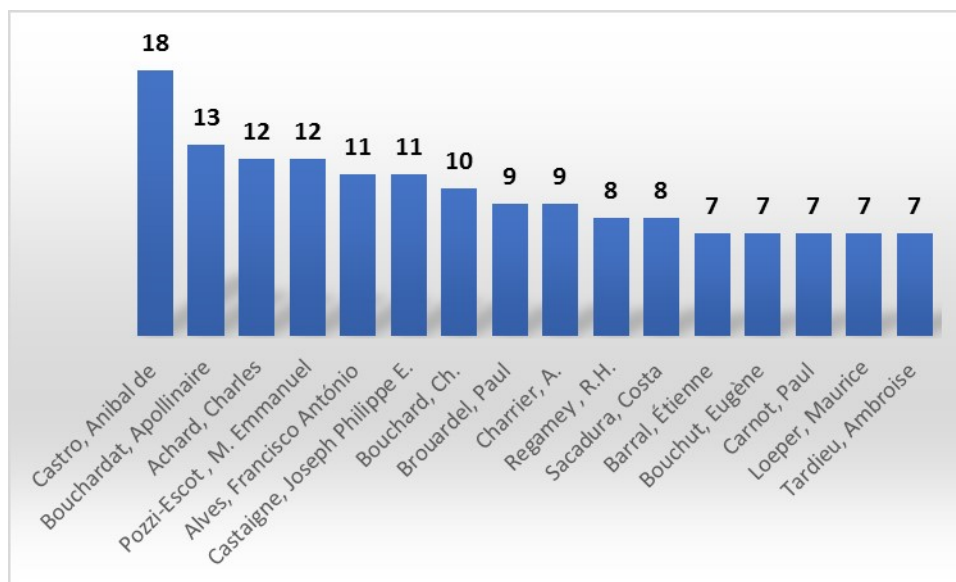


Gráfico 12- Representação dos autores com maior número de títulos.

De seguida, encontramos 9 autores com 9 a 7 títulos o que representa 4% do total, 10 autores com 6 títulos equivalente a 3%, 15 autores com 5 títulos totalizando 4%, 43 autores com 4 títulos com o total de 9%, 64 autores com 3 títulos e 10%, 183 autores com 2 títulos o que representa 19% e, por fim, 911 autores com 1 título cada o que significa que 46% dos autores está presente na coleção com uma monografia.

35% dos títulos são de um só autor e os restantes têm dois ou mais autores, tal como acontece com Aberto Mac-Bride que está presente com cinco títulos, entre os quais três em coautoria, um com Reynaldo dos Santos e Arruda Furtado, um com Dalgado e o terceiro com Mello.

¹⁰⁸ Sebastião Cabral da Costa Sacadura publicou numerosa obra na área da medicina e exerceu diversos cargos públicos entre os quais foi Subdiretor e Diretor da Maternidade Alfredo da Costa, Diretor da Escola Profissional de Enfermagem e da Escola de Enfermagem Artur Ravarra.

4.2. Análise dos resultados

Bibliógrafo, a construção da biblioteca parece ter sido uma das preocupações de Alberto Mac-Bride, mas com que sentido? Para usufruto próprio, por razões profissionais e de formação, por interesse cultural ou social, ou para deixar em legado ao museu da história da medicina que tentou organizar?

Podemos ver o interesse por temas que acompanhou ao longo da sua carreira profissional expresso por títulos, a começar pelo exemplar da sua dissertação final de curso, *Sobre o syndroma de Little : dissertação inaugural*, o qual tem inscrito na folha de rosto “Exemplar que me serviu na defesa da dissertação, 22-VII-09” e que versou sobre um tema da pediatria e pelo qual ficamos a saber que o júri foi composto pelo Professor Oliveira Feijão, como Presidente, e os Professores Carlos Tavares, Alfredo da Costa, Bello Moraes e Salazar de Sousa como vogais. É curioso que este exemplar de estudo não tenha uma única anotação.

A acompanhar o seu primeiro estudo encontramos um título de pediatria de 1905¹⁰⁹ assinado por Alberto Mac-Bride em janeiro de 1908, a par de outros títulos de pediatria com data de edição a partir de 1902. Ao longo da sua carreira de cirurgião, a cirurgia pediátrica acontece principalmente relacionada com a realização de partos que, como vimos, na época era realizada por cirurgiões gerais, tal como as cirurgias ginecológicas, o que é confirmado pela existência de títulos destes temas na coleção, como é a obra de Costa-Sacadura¹¹⁰, seu colega e amigo, ofertada e com dedicatória. Mas a cirurgia infantil também faz parte do dia-a-dia do cirurgião, bem como a cirurgia de urgência.

Anos mais tarde, e relacionado com a sua participação na Grande Guerra, surgem os títulos sobre cirurgia de guerra e ortopedia, as amputações e as fraturas, e a cirurgia de grandes lesões, com datas compreendidas entre 1914 e 1918, sendo a maioria de 1916 e 1917. Curiosamente, em 1913, é coautor com Pimenta (1913) de uma obra sobre as condições sanitárias num campo de tropas, aliando as suas preocupações de organização com as de saúde pública, neste caso militar. Deste tema encontramos, ainda, dois títulos relacionados com a II Guerra Mundial, um de 1944 sobre a cirurgia da nova guerra e o

¹⁰⁹ Caufeynon, Jaf. (1905) *L'Hygiène de l'enfance : comment se contractent les maladies de l'enfance*. Librairie de Publications Populaires. Paris.

¹¹⁰ Costa-Sacadura, S. S. (1945) *A propósito da nomenclatura em obstetrícia*. Lisboa: Imprensa Médica.

outro de 1945 sobre cirurgia de grandes lesões, que indicam o seu interesse e acompanhamento pelo tema, bem como a sua atividade na Liga dos Combatentes.

Podemos encontrar a sua atividade diária, e provavelmente as suas preocupações profissionais e o acompanhar dos avanços da medicina, através dos títulos sobre cirurgia e assepsia e antissepsia, o primeiro de 1893, os problemas pós-operatórios e complicações associadas com títulos de 1910 e 1929, e numerosas leituras sobre fisiologia, patologia e química, essenciais na observação e prática da ciência médica, expressas na presença dos autores franceses mais representados na coleção serem fisiologistas, patologistas e químicos como Appolinaire Bouchardat¹¹¹, Charles Achard¹¹², Joseph Philippe Emmanuel Castaigne¹¹³, Marius-Emmanuel Pozzi-Escot¹¹⁴, Charles Jacques Bouchard¹¹⁵, Paul Broardel e Auguste Ambroise Tardieu¹¹⁶, Étienne Barral¹¹⁷, Eugène Bouchut¹¹⁸, Paul Carnot¹¹⁹ e Maurice Loeper¹²⁰, ou o microbiologista suíço Robert-Henri Regamey¹²¹. Citando Sousa Martins, Mac-Bride diz “(...) se a anatomia é má a fisiologia não pode ser boa (...)” (1952, p. 388).

¹¹¹ Appolinaire Bouchardat (1809-1886), foi professor na *Faculté de Médecine de Paris*, farmacologista e higienista, autor do *Nouveau Formulaire Magistral* que teve inúmeras edições, a quem é atribuído o início do estudo e do tratamento da diabetes.

¹¹² Charles Achard (1860-1944), médico e fisiologista, foi professor da *Faculté de Médecine de Paris* e secretário geral da *Académie Nationale de Médecine* francesa, tendo publicado várias obras de referência, algumas em conjunto com Debove e Castaigne como *Manuel des maladies du foie et des voies biliaires*, Paris, Masson, 1910. Estudioso da função renal, com Castaigne desenvolveu o chamado teste Achard-Castaigne.

¹¹³ Joseph Philippe Emmanuel Castaigne (1871-1951), médico e internista, dedicou-se ao estudo da função renal em conjunto com Achard e desenvolveu uma análise laboratorial, que ficou conhecido pelo teste de Castaigne.

¹¹⁴ Marius-Emmanuel Pozzi-Escot (1880-1963), químico e investigador francês, emigrou para o Perú onde, durante mais de sessenta anos, desenvolveu investigação científica sobre as reações químicas. É autor de várias obras sobre química entre as quais *Leçons de Chimie Organique*, 1914 e *Traité de Chimie Physique appliqué a la Biologie*, 1917.

¹¹⁵ Charles Jacques Bouchard (1837-1915), médico e patologista francês, autor de várias obras sobre este tema e membro da *Académie Nationale de Médecine* francesa.

¹¹⁶ Paul Broardel (1837-1906), médico e patologista forense francês, foi professor de Medicina Legal na *Faculté de Médecine de Paris*. Com Auguste Ambroise Tardieu (1818-1879), pai da Medicina Legal francesa, trabalhou sobre políticas de higiene e saúde pública.

¹¹⁷ Étienne Barral (1860-1938), discípulo do célebre fisiologista Claude Bernard, foi um dos primeiros professores da *Faculté de Médecine de Lyon* e é descrito como tendo um saber enciclopédico de química e biologia.

¹¹⁸ Eugène Bouchut (1818-1891), médico francês com trabalho inovador nas áreas da Pediatria, Neurologia, Oftalmologia e Laringologia.

¹¹⁹ Paul Carnot (1869-1957), médico dos hospitais de Paris, professor de Terapêutica na *Faculté de Médecine de Paris* a partir de 1918, e membro da *Académie Nationale de Médecine* francesa após 1922.

¹²⁰ Maurice Loeper (1875-1961), médico francês.

¹²¹ Robert-Henri Regamey (1907-1978), médico e microbiologista suíço, professor de microbiologia na *Faculté de Médecine* da Universidade de Genebra.

Encontramos nesta coleção uma base de estudo alargada de um Cirurgião Geral, formado no início do século XX, que se ocupava de todas as áreas da cirurgia, como já referimos, como a Obstetrícia, a Ginecologia, a Oftalmologia, a Otorrinolaringologia e a Pediatria. Com o início das especializações, primeiro no ensino médico e depois nos HCL com a criação de serviços¹²², sendo a Cirurgia autónoma, a cirurgia geral passa a ocupar-se da traumatologia, da cirurgia abdominal, da cirurgia oncológica, tuberculosa e torácica. Com a criação da Ordem dos Médicos e o estabelecimento das especialidades em 1944, Alberto Mac-Bride está certamente entre os cirurgiões gerais¹²³ pelos temas constantes da sua biblioteca como os de Cardiologia e Cirurgia Torácica, para os quais encontramos dois períodos de leituras, de 1920 a 1925 e de 1935 a 1945.

A lembrar o seu empenho na organização do internato e dos concursos hospitalares estão os títulos relacionados com a organização do HSJ e sobre legislação. A existência de 177 títulos de farmacologia suportam a necessidade de intervenção terapêutica na sua prática clínica e constituem uma fonte para o seu trabalho na elaboração do novo formulário dos medicamentos em 1927. A variedade de farmacopeias, índices e códex de medicamentos estrangeiros revelam o interesse em conhecer o que se fazia em outros países.

Presente a medicina legal, tema novo, e a medicina tropical, refletindo as tendências das políticas coloniais e a necessidade de descrever e dar resposta às patologias dos climas quentes, tema principalmente representado por um periódico. Por fim, as questões de saúde pública como a tuberculose e as doenças venéreas, as epidemias de cólera e de sezonismo. Sobre o surto de sezonismo, combatido a partir de 1929 e com o período mais grave a acontecer em 1939, a dedicatória do autor Motta Cabral reflete o empenho e a ação que desenvolveu, embora os resultados obtidos não fossem os que esperava alcançar¹²⁴: “Ao meu amigo e mestre Alberto Mac-Bride, offta, este resumo dum campanha em que fomos completamente vencidos. Um abraço. Fev.1932”. (Figura

¹²² Em 1913, Gentil cria os serviços de Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Vias urinárias, Sífilis, Dermatologia e Ginecologia.

¹²³ Segundo Veloso (2017), em 1944 o Conselho Geral da Ordem dos Médicos divulga a lista das 19 especialidades em que atribui 1254 habilitações, entre os quais 134 médicos são cirurgiões gerais, dos quais 31 pediram acumulação com Ginecologia, 9 com Urologia, 3 com Gastroenterologia e 2 com Ortopedia. (pp.441; 457)

¹²⁴ Só a partir de 1950 com a utilização de inseticidas, fármacos e medidas de higiene é que a epidemia foi controlada.

15, em anexo). Um outro título sobre este tema foi uma oferta dos autores como é o caso de um relatório elaborado por Figueira e Landeiro em 1931.

Encontramos assim representados vários temas da medicina relacionados diretamente ou não com a cirurgia. Se no início da sua carreira médica se interessou pela Pediatria, por influência do Professor Salazar de Sousa, o último livro adquirido por Mac-Bride, com o seu *ex-libris* e assinatura autógrafa e data de 1953, é sobre diabetes¹²⁵, juntando-se aos outros títulos sobre nutrição e alimentação existentes na coleção.

O seu interesse pela história da medicina está presente nos títulos e na dedicatória escrita por Augusto Celestino da Costa na sua obra sobre Aníbal Bettencourt¹²⁶, a qual diz “A Alberto MacBride que me inspirou este trabalho” ou no texto de Mário Monteiro Pereira na sua história da medicina¹²⁷, uma edição em 22 fascículos, com inscrição no primeiro fascículo “Para o Exmo. Dr. Alberto Mac-Bride, com a maior simpatia e consideração, oferece Mário Monteiro Pereira, Lisboa 6/6/951” (Figura 16, em anexo). Entre os vários títulos sobre este tema, destacamos o do Augusto da Silva Carvalho sobre a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa¹²⁸, um autor que se dedicou à história da medicina.

Podemos auferir o seu interesse por outros temas como a botânica, refletido na existência na coleção do título *Flora de Goa e Savantuadi: catálogo metódico das plantas medicinais, alimentares e industriais*¹²⁹, cuja primeira menção de responsabilidade é Dalgado e a segunda de Alberto Mac-Bride.

Outra novidade é a existência de uma sebenta de um curso de Química mineral da Escola Politécnica em que Mac-Bride é coautor com Mello¹³⁰, mas que levanta algumas interrogações por se encontrar o mesmo título pelo mesmo Mello e Eugénio Mac-Bride, datado de 1907¹³¹. Pode tratar-se de uma sebenta editada em anos diferentes em que, enquanto estudantes, os dois irmãos participaram? Se assim foi, a sua formação anterior

¹²⁵ Mauriac, Pierre (1952). *Retouches au tableau classique du diabète*. Paris: Éditeurs Masson et Cie.

¹²⁶ Costa, A. Celestino da. (1930). *Annibal Bettencourt*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.

¹²⁷ Mário Monteiro Pereira. (s.d.). *História da medicina contemporânea*. Livraria Pacheco.

¹²⁸ Carvalho, Augusto da Silva. (1944). *Memórias da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa*. Academia das Ciências de Lisboa.

¹²⁹ Dalgado, D. G.; Mac-Bride, Alberto (1898). *Flora de Goa e Savantuadi: catálogo metódico das plantas medicinais, alimentares e industriais*. Lisboa: Imprensa Nacional.

¹³⁰ Mello, C. Pinto da Cruz e; Mac-Bride, Alberto. (s.d.). *Curso de chimica mineral da Escola Polytechnica: apontamentos*. s.l. Imprensa Lucas.

¹³¹ Mello, C. Pinto da Cruz e; Fernandes, E. Mac-Bride (1907). *Curso de chimica mineral da Escola Polytechnica: apontamentos*. s.l. Imprensa Lucas.

à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, os estudos preparatórios, aconteceu na Escola Politécnica de Lisboa, tal como o seu irmão José ou os médicos Thomaz de Mello Breyner em 1885 (Veloso, 2017, p. 111) ou Costa-Sacadura, em 1893.

A presença de Alberto Mac-Bride na coleção como autor está assim representada por estes dois títulos, sendo os restantes de medicina como a sua dissertação final, um título sobre *Tratamento de urgência das fraturas expostas*¹³², de 1925, que terá sido igualmente publicado em *A Medicina Contemporânea* nesse ano, e as *Conferências do Corpo Clínico do Banco Hospital de S. José*¹³³, em que é responsável pela 2.^a Conferência sobre fraturas expostas. Face aos numerosos artigos que escreveu, esperávamos encontrar maior número de títulos seus, o mesmo para o seu pai¹³⁴ e o irmão¹³⁵, representados na coleção com três e dois títulos respetivamente.

Nas *Conferências do Corpo Clínico do Banco Hospital de S. José*, os seis volumes existentes na coleção correspondem às seis primeiras conferências realizadas, o que difere no indicado por Costa (1992) quanto à ordem de apresentação das mesmas. Outra diferença é o tema e o autor da sexta conferência, “Traumatismo craniano”, de Luís Adão, que Costa não refere.

Entre os temas sobre os quais Mac-Bride escreveu como anestesia e cirurgia de urgência, para este último tema encontramos numerosas existências na coleção, enquanto sobre anestesia existem sete títulos e uma publicação periódica, o que vai ao encontro das palavras de Reynaldo dos Santos (1956), segundo o qual Mac-Bride procurava adquirir e atualizar os seus conhecimentos através da leitura que fazia quer de livros, quer de revistas e atas de congressos.

Quanto a publicações periódicas, além da revista de anestesia, o seu interesse sobre a medicina hospitalar revela-se na existência de vários anos de *Bulletins et*

¹³² Mac-Bride, Alberto (1925). *Tratamento de urgência das fraturas expostas*. Lisboa: Tipografia Torres.

¹³³ *Conferências do Corpo Clínico do Banco Hospital de S. José*. Imprensa Nacional. Tip. Henrique Torres, Lisboa, 1925. Vol. 1: 1.^a Conferência: estatística de 1924; Vol. 2: 2.^a Conferência: fracturas expostas / Relator Dr. A. Mac Bride; Vol. 3: 3.^a Conferência: traumatismos do craneo / Relator Dr. Sabino Pereira; Vol. 4: 4.^a Conferência: cirurgia de urgência o tórax / relator Dr. Mário Carmona. - Imprensa Nacional; Vol. 5: 5.^a Conferência: apendicites agudas / relator Dr. Amândio Pinto. - Imprensa Nacional; Vol. 6: 6.^a Conferência: traumatismos cranianos / relator Dr. Luís Adão. - Imprensa Nacional

¹³⁴ Fernandes, Gregório (1873). *As reseções e sua importância cirúrgica*. Imprensa Nacional; (1875) *Pathogenia da febre traumática*. Imprensa Nacional; (1877) *Breves considerações sobre o glaucoma e o seu tratamento*. Imprensa Nacional.

¹³⁵ Mac-Bride, Eugénio (1931). *Sobre o tratamento de asma*. Oficina Gráfica Lda. E o já referido *Curso de química mineral da Escola Polytechnica: apontamentos*.

Memóires de la Sociéte Médicale des Hospitaux de Paris: de 1886 a1888; de 1890 a1893 e de 1923 a1960.

Das publicações periódicas portuguesas mais relevantes, destacamos o *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, de que foi redator e Presidente em 1952, com existências entre 1906 e 1952, incluindo o número da sessão inaugural de 1952/1953, em que Mac-Bride fez o discurso inaugural como presidente da mesma. Encontramos muitas separatas deste periódico bem como de *A Medicina Contemporânea*, o outro periódico de medicina de destaque, com existências apenas do ano de 1939.

Dos 39 artigos que Alberto Mac-Bride escreveu, 28 foram publicados em *A Medicina Contemporânea* e 5 no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Quanto ao irmão Eugénio, dos 7 artigos publicados, 5 foram em *A Medicina Contemporânea* e 2 no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Já para o pai, todos os seus artigos, com publicação identificada, foram publicados no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, pelo que se coloca a questão de estarmos perante periódicos mais representativos ou dinâmicos numa determinada época.

Entre os periódicos portugueses, registam-se números de vários anos como da *Revista Clínica do Instituto Maternal* da Maternidade Dr. Alfredo da Costa com números entre 1925 e 1955, o *Boletim Oficial* da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha entre 1909 e 1913, a *Revista de Medicina e Cirurgia* de Alfredo da Costa e Luís da Câmara Pestana, de 1894 a 1895, os *Archivos de Medicina* de Câmara Pestana, Francisco Stromp e Silva Teles, de 1897 a 1898, o *Boletim da Associação dos Médicos Portuguezes: associação de classe*, de 1907 a 1911, os *Arquivos de Anatomia e Antropologia* de Henrique de Vilhena, de 1914 a 1936 e o *Boletim do Hospital Escolar de Santa Marta*, entre 1925 e 1936, e o *Boletim Clinico dos Hospitais Civis de Lisboa*, de 1937 a 1940 e 1953.

De Coimbra, o *Boletim dos Hospitais da Universidade de Coimbra* de 1921 a 1936, os *Arquivos das clínicas cirúrgicas* de Ângelo da Fonseca e Bissaya Barreto, e a publicação da *Faculdade de Medicina de Coimbra*, entre 1935 e 1941.

Entre os periódicos destacados por Carvalho (1932), existem números de *Portugal Médico: Arquivos Portugueses de Medicina*, de António Garrett, *Lisboa Médica: jornal mensal de medicina e cirurgia*¹³⁶, de Custódio Cabeças, Bello Morais e Egas Moniz,

¹³⁶ Publicação científica do Hospital Escolar Santa Marta, com direção coletiva (Carvalho, 1932).

Imprensa Médica: publicação mensal de medicina, cirurgia e especialidades, de Luís Pina, Bello de Morais et al.

Relacionado com as publicações periódicas, encontramos numerosos artigos editados em separatas, como acontece com Aníbal de Castro, o autor português com maior número de títulos na coleção, cujos artigos foram editados em separatas da *Gazeta Médica Portuguesa*¹³⁷ e da *Revista Clínica, Higiene e Hidrologia*; com Costa-Sacadura, presente nas separatas do *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa* e da *Imprensa Médica*; e com Regamey nas separatas da *Revue Suisse de Pathologie et de Bactériologie* e do *Journal Suisse de Médecine*. Esta situação aponta para a importância das publicações periódicas na divulgação do conhecimento científico nas ciências da saúde, à semelhança de que acontece atualmente nesta área e em outras áreas do conhecimento científico.

De congressos, existe o volume geral do 15.º *Congresso Internacional de Lisboa* em 1906, no qual podemos encontrar as comissões dos vários países participantes¹³⁸ em número de 32, os volumes do *Congresso dos Médicos Mutualistas Portuguezes* em 1910, a edição do *Guia Médico* do 3.º Congresso Nacional de Medicina em 1928, os congressos franceses sobre fraturas de guerra em 1916, 1917 e 1918, o de cirurgia em 1933, 1943 e 1952, o de cirurgia plástica e reparação em 1943, e o de cirurgia norte-americana em 1940.

Relacionado com a revisão da literatura de medicina e com os autores de referência na medicina do início do século XX, encontramos 3 títulos de Virchow¹³⁹, embora não os famosos designados *Arquivos de Virchow*, 6 títulos de René Leriche¹⁴⁰, os

¹³⁷ Editada de 1948 a 1964 e dirigida por Francisco Barral.

¹³⁸ Encontramos a indicação das delegações presentes dos seguintes países: Alemanha, República Argentina, Áustria – Boémia, Polónia e Bósnia Herzegovina -, Hungria – Croácia e Eslováquia -, Bélgica, Brasil, Holanda, Bulgária, Chile, Colômbia, Bolívia, Peru, Rússia, República Dominicana, Suécia, Turquia, Uruguai, Japão, México, Noruega, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Reino Unido e Irlanda, Austrália, Canadá, Grécia, Haiti, Itália e Venezuela.

¹³⁹ Virchow, Rudolf; Aronsohn, Paul. (1867). *Pathologie des tumeurs*. Paris: Germer Baillière, Libraire-éditeur.; Virchow, Rudolf; Picard, Paul. (1868). *La Pathologie cellulaire basée sur l'étude physiologique et pathologique des tissus*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils; Virchow, Rodolfo; Valle y Aldabalde, Rafael del. (1894). *De la técnica de las autopsias: (con aplicación especial á la práctica forense)*. Administración de la Revista de Medicina y Cirugía Prácticas, Madrid.

¹⁴⁰ Leriche, René. (1916). *Traitement des Fractures*. Paris : Masson et Cie, Éditeurs, 2 vol. ; Leriche, René. (1939). *Physiologie et pathologie du tissu osseux*. Paris : Masson et Cie, Éditeurs.; Leriche, René. (1947). *Les Embolies de l'artère pulmonaire et des artères des membres : Physiologie pathologique et traitement*. Paris : Masson et Cie, Éditeurs.

quais 3 em coautoria¹⁴¹, entre os quais um com Luís Adão¹⁴², que escreve uma dedicatória a Mac-Bride, um título de Faraday¹⁴³ e outro de Bernard.¹⁴⁴

Na análise que Malaquias (2012) faz do inventário da biblioteca de Ribeiro Sanches, refere um autor importante do século XVIII, David Macbride e a sua obra sobre experiências do ar fixo de 1764 e 1767. Nesta coleção existe um título de David Macbride¹⁴⁵, datado de 1783 que pela proximidade da data deverá ser o mesmo, embora não tenha sido possível encontrar mais informações sobre ele. Existirá alguma relação familiar entre este Macbride e Alberto Mac-Bride?

Entre os autores clássicos da medicina portuguesa, destacamos a obra de Rodrigo de Castro¹⁴⁶. Quanto a outros autores portugueses, além dos já referidos, encontramos os professores da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e colegas como Bento de Sousa, Sousa Martins, Miguel Bombarda, Júlio de Matos, Curry Cabral, Oliveira Feijão, Ricardo Jorge, Pulido Valente, Alfredo da Costa, Augusto Monjardino, Carlos May, Egas Moniz, Francisco Gentil, Azevedo Neves, Francisco Stromp, Eduardo Motta entre outros.

O seu papel como colega, mestre e amigo fica revelado nas dedicatórias que encontramos como as já referidas, a que acrescentamos as de Joaquim Fontes¹⁴⁷, J. Forte de Lemos¹⁴⁸ (Figura 17, em anexo), Alex Cancellia d'Abreu (Figura 18, em anexo), Aléu Saldanha e informação de “Homenagem do autor” como José de Cisneiros e Faria¹⁴⁹,

¹⁴¹ Lecène, Paul; Leriche, René. (1926). *Thérapeutique chirurgicale*. Paris : Masson et Cie, Éditeurs, 2 vol.; Servalles, Marceau ; Leriche, René. (1942). *La Chirurgie du splanchnique: Infiltration Section*. Paris: Librairie Maloine.

¹⁴² Adão, Luís; Leriche, René.(1931). *Osteopatas de origem simpática: Trabalho realizado na Clínica Cirúrgica A da Faculdade de Medicina de Strasburgo*. Lisboa: União Gráfica.

¹⁴³ Faraday, Michael. (1827). *Manipulations chimiques*. Paris. A. Sautet et Cie.

¹⁴⁴ Bernard, Claude (1855). *Leçons de physiologie expérimentale appliquée à la médecine*. Paris: J. B. Baillière et Fils.

¹⁴⁵ Macbride, David; Closs, Johann Friedrich; Flick, Johan Jac. (1783). *Medicinae Doctoris, In theoriam et praxin medicinae*. apud Johan. Jac. Flick. Basileia. Vol. 1: Pars theoretica; Vol. 2: Pars pratica

¹⁴⁶ Castro, Rodrigo de (1644). *De universa muliebrium morborum medicina*. apud Paulum Balconium, Veneza.

¹⁴⁷ Fontes, Joaquim. (1929). *Contribuição para o estudo das causas que desencadeiam o trabalho de parto*. Tipografia do Comércio Oficina Gráfica Lda.

¹⁴⁸ Lemos, J. Forte de. (1933). *Ensaio de um novo tratamento da tuberculose pulmonar*. Centro Tipográfico Colonial.

¹⁴⁹ Faria, José de Cisneiros e. (1946). *Memória sobre as teriagas*. Coimbra Editora, Limitada.

Eduardo Coelho¹⁵⁰, António Costa Quinta¹⁵¹, Roberto Chaves e Dias Amado¹⁵², Luís Adão¹⁵³, João Porto¹⁵⁴ e o seu amigo Reynaldo dos Santos¹⁵⁵.

Interessante é a oferta de um autor francês “Hommage de l'auteur” Gustave Blanchard¹⁵⁶ e da editora francesa Gaston Doin Editeurs “Hommage des Editeurs” com ofertas feitas em 1925, 1928, 1931, 1932, 1933 e 1936, pelo que não se trata de ofertas pontuais, mas revela uma ligação duradoura. Para lá do facto de a maior parte dos registos corresponderem a editoras francesas, a presença de certos nomes como Doin, Octave e Gaston Doin, e J. B. Bailliere e Germer Bailliere, faz pensar na existência de uma tradição editorial e em empresas com dimensão comercial. Além destas, encontramos editoras vocacionadas para a publicação de medicina como as Éditions Médicales Norbert Maloine ou Grande Librairie Médicale A. Maloine, Éditions Médicales Flammarion e Librairie Médicale et Scientifique de P. Lucas.

4.3. Discussão em torno da biblioteca pessoal

O percurso realizado, através da literatura existente, sobre o tema em análise a biblioteca pessoal, privada ou particular, permitiu-nos identificar pontos em comum aos vários estudos como a formação da coleção e a sua caracterização, a organização e a representação do conhecimento, o valor patrimonial, a circulação de livros e o futuro de uma coleção privada.

A partir do conceito de arqueologia, encontrado em Azevedo (2010), colocam-se perguntas sobre as fases e as etapas da coleção tais como a sua formação, o que lhe deu origem, a que necessidade deu resposta, que utilização teve. Fazendo a ponte com a sua biografia e com os seus escritos, podemos dizer que a sua biblioteca surgiu da necessidade de formação e de se manter atualizado sobre a evolução da ciência médica, o que o levou

¹⁵⁰ Coelho, Eduardo. (1934). *A Patogenia do edema pulmonar agudo*. Imprensa Libânio da Silva.

¹⁵¹ Quinta, António Costa. (1941). *Corpos estranhos das vias aéreas inferiores e digestivas: A propósito de cinquenta casos consecutivos*. (s.n.)

¹⁵² Chaves, P. Roberto; Amado, L. Dias. (1933). *O método das extracções múltiplas do suco gástrico: Relação dos seus resultados com a fisio-patologia da secreção*. (s.n.)

¹⁵³ Adão, Luís; Leriche, R. (1931). *Osteopatias de origem simpática: Trabalho realizado na Clínica Cirúrgica A da Faculdade de Medicina de Strasburgo*. União Gráfica.

¹⁵⁴ Porto, João. (1936). *Sobre insuficiência circulatória*. (s.l.), Moura Marques e Filho.

¹⁵⁵ Santos, Reynaldo dos (1906). *Aspecto cirurgico das pancreatitis chronicas*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva; (1931). *Artériographie des membres et de l'aorte abdominale*. Paris: Masson et Cie, Éditeurs

¹⁵⁶ Blanchard, Gustave. (1933). *Traitement indolore des fractures : Procédés et tours de main du traumatologue*. (s.l.), G. Doin et C.ie, Éditeurs.

sobretudo a adquirir literatura estrangeira. A esta função, juntou-se o seu gosto em colecionar e a sua preocupação em recolher livros e objetos para a criação de um museu da história da medicina, tal como vemos no conjunto de livros antigos e nos volumes que lhe foram oferecidos por colegas e amigos.

Em Mattoso (Freitas, 2012), a coleção nasce como herança do pai, tal como em Mac-Bride, e vai sendo alimentada ao longo da vida, crescendo a par da sua atividade académica e profissional, seguindo as suas áreas de interesse. Após uma leitura mais qualitativa dos dados, podemos considerar que alguns exemplares seriam de Gregório Fernandes e outros de Eugénio Mac-Bride. Títulos com datas da segunda metade do século XIX de Cirurgia e Anatomia remetem-nos para a formação e a prática cirúrgica do pai, enquanto a presença de temas como Endocrinologia, Urologia e Radiologia apontam para o irmão Eugénio e a sua carreira médica como internista. É difícil saber com segurança o que pertenceu a quem, até porque tudo indica que os dois irmãos partilhavam livros e interesses, apesar de terem carreiras médicas distintas. No entanto, queremos salientar a possibilidade dos periódicos de Medicina Interna e Endocrinologia, que foram considerados na análise, serem de Eugénio, bem como alguns títulos de tuberculose e doenças respiratórias como a asma, por serem temas que o interessavam. Um outro tema de interesse partilhado parece ter sido a Farmacologia e a Química, tendo Eugénio publicado um estudo sobre a utilização nas doenças bronco-pulmonares da essência de limão em soluto oleoso que é considerado notável.

Como é comum em bibliotecas particulares, encontramos títulos que servem para a atividade profissional e para o lazer, tendo a sua seleção sido por escolha profissional, afetiva ou mesmo outra como o valor económico da obra. Nesta coleção maioritariamente de medicina, a presença de temas variados como História e Arqueologia sustentam o que se conhece sobre os seus interesses de colecionador e a sua relação com o Grupo Amigos de Lisboa. Como novidade, surge o seu interesse por botânica, expressa quer pelos títulos existentes quer pela monografia produzida com Dalgado, como pela Química talvez associada a um período de estudo, o que não se pode confirmar por a edição não estar datada.

Na literatura consultada, vimos como a análise dos temas presentes numa coleção é um tópico constante, o que abre caminho para a possibilidade de realizar uma análise comparativa entre várias bibliotecas privadas, dentro do mesmo tempo cronológico. Seria interessante encontrar semelhanças entre bibliotecas comparando a de Mac-Bride com a

de Orlando Ribeiro ou de Calvet de Guimarães, ou com a coleção do médico António Breda. A mesma comparação pode ser realizada para outras variáveis analisadas, como os países de edição e editoras, as línguas de edição, as obras gerais de referência ou a tipologia dos títulos.

A topografia dos assuntos numa biblioteca permite elaborar um mapa do percurso mental, tal como defende Freitas (2012)? Será que, através do modo como os temas são arrumados, podemos reconstruir o itinerário mental do seu colecionador? No caso da Biblioteca Mattoso tal pode ser possível, pois a coleção foi reorganizada pelo próprio em diferentes momentos da sua atividade intelectual ou profissional; mas o mesmo não acontece com a Biblioteca Mac-Bride, pois não se conhece a sua arrumação original. Sabemos que a coleção foi colocada e organizada no local em que hoje se encontra no momento da constituição do Museu, e que, em 2007, foi alvo de uma limpeza e organização por uma equipa, sem no entanto se conhecer o objetivo e as características desta intervenção. A partir de 2011 e até 2017, durante o processo de criação do catálogo informatizado, foi novamente retirada, segundo o critério de localização definido, por armários e prateleiras, mas sem identificar a ordem em que se encontravam na prateleira.

O valor patrimonial da coleção – como o número de exemplares de bons livros, livros raros, edições antigas e primeiras edições – é outro dos temas presente nas coleções abordadas como na de Mattoso, Orlando Ribeiro e Casa de Fronteira. No caso Mac-Bride, muito embora existam alguns livros de valor como a edição completa da *Enciclopédia de Diderot e D'Alembert* (7.^a ed.) e de livros antigos, cremos que esta não foi a sua primeira intenção, mas que procurou que a sua biblioteca respondesse ao seu interesse e às suas necessidades de estudo, em estar a par das novidades científicas da Medicina, bem como dos temas que lhe interessavam, como homem culto e ativo que era. O valor deste acervo estará mais relacionado com a sua especialização temática em Medicina, resultante do esforço de Alberto Mac-Bride, mas também do seu irmão Eugénio e do pai, todos ilustres médicos do seu tempo.

Partimos do pressuposto que esta coleção reflete uma necessidade formativa e uma realidade profissional, à semelhança da Casa de Fronteira, cujos cargos na administração do reino, cargos diplomáticos e militares se espelham na coleção da biblioteca.

Para Freitas (2012) a biblioteca de Mattoso é uma testemunha privilegiada da atividade de investigação desenvolvida pelo seu construtor enquanto historiador,

medievalista e professor universitário, o que só é possível descobrir através da existência de um catálogo *online*, em que toda a informação é disponibilizada, de modo a que toda a comunidade científica possa aceder a um “lugar de leitura, de pesquisa e de produção de conhecimento” (Freitas, 2012, p. 13).

O acesso público a coleções à guarda de particulares é pouco frequente, quer pela falta de informação precisa sobre a existência desses fundos, pela inexistência de meios de pesquisa que permitam ao utilizador ter acesso ao conteúdo, quer, por último, por questões logísticas e de segurança. O modo como a Internet alterou o acesso à informação faz com que a divulgação da informação passe hoje pela disponibilização de um catálogo informatizado, como é o caso da biblioteca de Mattoso e o Projeto Casa de Fronteira.

A acessibilidade da informação e a rapidez com que esta acontece, obriga-nos a repensar de que modo as bibliotecas pessoais podem responder às novas necessidades de informação. A divulgação, como a inventariação ou o catálogo, podem ser sinónimos da possibilidade de uma coleção continuar a existir. Como vimos anteriormente, é hoje possível estudar bibliotecas desaparecidas a partir do seu inventário, pelo que a constituição de inventários e catálogos, em papel ou formato eletrónico, são respostas a considerar. Podem ser um meio de ultrapassar certos condicionantes, como os de acondicionamento ou de depósito, uma vez que o acondicionamento e a preservação de bibliotecas particulares diferem, em muito, das soluções para uma biblioteca pública, quer pelo espaço quer pela dimensão, quer ainda pelo orçamento disponível. No caso da Biblioteca Mac-Bride, a existência de um catálogo, *online* ou não, pode representar a solução para que a coleção se mantenha agregada, mesmo que não se espere que venha a ter muitos utilizadores — mas fica guardada a sua memória e constitui um testemunho para memória futura.

Um outro ponto possível de estudo futuro é a circulação de livros entre particulares, questão referida no Projeto Casa de Fronteira (Anastácio, 2013) e por Rodrigues (2009), uma vez que se sabe que Orlando Ribeiro emprestou e recebeu por permuta obras. Na Biblioteca Mac-Bride encontramos livros com dedicatória do autor e com a menção de oferta do autor, indicações que apontam neste sentido e que possibilitam cruzar referências com outras figuras de destaque no seu tempo, quer da área da medicina quer de outras. A utilização da sua marca de posse parece corresponder à organização da biblioteca como propriedade privada, mas poderá ter funcionado como um registo de

propriedade a suportar a circulação de livros, através do empréstimo, por motivos profissionais ou pessoais.

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo fomos utilizando conceitos como coleção bibliográfica, acervo, espólio, e até fundo, evitando a utilização do conceito de *biblioteca*, porque lhe falta a vertente dos utilizadores, do público. No entanto, optou-se pela utilização do conceito de biblioteca no título, e não por coleção, de modo a facilitar a apropriação do nosso objeto de estudo, e a não se confundir com o colecionismo.

Assim, podemos dizer que esta biblioteca é uma coleção temática, com 81% dos títulos de ciências médicas, entre os quais 72% de medicina, a qual nos dá acesso ao conhecimento produzido entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX. Através dos títulos que compõem a coleção, em que prevalecem edições do século XX, ficamos a conhecer o saber médico bem como o enquadramento científico, histórico e social que lhe deu origem; e sabemos também como este foi um século de grandes mudanças nas ciências da saúde, com grande evolução técnica e científica na medicina, com repercussões sociais e económicas. O conhecimento científico democratizou-se e certas doenças como a tuberculose e as epidemias foram controladas, o que contribuiu para a alteração do papel e da importância social do médico. Pela descrição do seu funeral e pelas homenagens póstumas realizadas, podemos constatar que, no tempo vivido por Alberto Mac-Bride, os médicos ocupavam lugares de destaque na sociedade, na política, nas artes e nas instituições assistenciais.

Estamos perante uma coleção de um cirurgião geral da primeira metade do século XX, que nos revela um médico curioso, empenhado em manter-se atualizado e interessado num leque alargado de assuntos relacionados com a medicina. Na sua composição, maioritariamente composta por monografias editadas em França e em língua francesa, encontramos ainda a época do domínio da ciência médica deste país. Em segundo lugar estão os títulos em língua portuguesa, com edições nacionais, seguidos por edições espanholas, inglesas e alemãs. Já nas publicações periódicas, apenas representadas em 2,7%, destacam-se as publicações portuguesas, a revelar o dinamismo das sociedades médicas e dos médicos na produção e divulgação do conhecimento médico, contrariando a tradição do ensino médico. Esta mesma relação pode ser encontrada na presença em maioria de autores franceses nas monografias, representando a escola e a investigação francesa, e os autores portugueses majoritários nas revistas médicas.

A presença de outros temas apoiam o que se conhece sobre Alberto Mac-Bride, nomeadamente o seu interesse por História, História da medicina e das instituições, sendo este o segundo tema mais representado na coleção.

A novidade está no seu interesse por botânica e a descoberta de um livro sobre a flora em Goa e em Savantuadi, Índia, do qual é coautor. Fica, no entanto, por descobrir a razão do seu interesse por esta zona geográfica e de onde lhe vinha o conhecimento, uma vez que não há relatos sobre viagens que tenha feito fora da Europa.

É também através da existência de um outro título que ficamos a conhecer melhor o seu percurso escolar e que podemos concluir que fez os estudos preparatórios à Escola Médica de Lisboa na Escola Politécnica de Lisboa.

Esperávamos encontrar traços de Alberto Mac-Bride nas obras, até porque sabemos, pela literatura consultada, que Mac-Bride utilizava os seus livros e periódicos para se manter atualizado, para completar a sua formação. No entanto, não se encontrou marginália em nenhum título, nenhuma folha de notas, nada que indicasse o seu manuseamento e leitura ativa: apenas marcas de posse. Este foi um resultado inesperado numa coleção técnica e de estudo, como referem diferentes testemunhos.

O tratamento bibliográfico da coleção suscitou algumas questões ao longo do trabalho, nomeadamente quanto a opções de organização e representação do conhecimento, em que o maior desafio foi classificar os títulos de medicina pela dificuldade do assunto em si. Esta dificuldade e especificidade do tema motivou-nos a realizar uma leitura da história da medicina mais lata e minuciosa, a qual acabou por se revelar interessante e muito útil na análise da coleção. Se a evolução da ciência médica depende das descobertas científicas, técnicas e tecnológicas, depende antes de tudo das pessoas que a fazem, nomeadamente os médicos, o que é colocado em evidência nas histórias da medicina consultadas, a maioria elaboradas por médicos, em que é dado destaque às “grandes figuras da medicina”.

O tratamento das publicações periódicas constituiu outro obstáculo pelo número das existências a inserir e a falta de resposta do equipamento informático, o que tornou este processo muito moroso. O problema do suporte informático fez-se igualmente sentir no momento da exportação de dados para *Microsoft Office Excel* em que, dada a diferença de protocolos, foi necessário corrigir e organizar as tabelas geradas, muitas vezes com

recurso à leitura individual de cada registo em formato UNIMARC. Este mesmo processo foi aplicado para a leitura da zona de notas, à qual não se pode aceder pela pesquisa.

Um outro desafio a considerar é a reflexão sobre o futuro possível desta coleção, com um acervo bibliográfico em medicina antigo, inserida num museu encerrado ao público e cujo acervo museológico tem vindo a ser disperso, principalmente numa época em que o volume da informação disponível na Internet é elevado, e numa área de conhecimento em que a atualização é constante. Tal como referido em outros projetos apresentados, é possível transformar esta coleção num centro de pesquisa, de conhecimento de um dado momento histórico. O primeiro passo está dado com a realização do tratamento biblioteconómico da biblioteca, em que se ficou a conhecer a sua temática, a dimensão, os formatos representados, os editores e os locais de edição, e as línguas de publicação, realizado em suporte informatizado. O conhecimento e a análise da coleção, tal como o foram os inventários de bibliotecas no passado, pode ser o meio da sua existência e utilização para novas pesquisas.

Este aspeto é tanto mais importante quanto se trata de um acervo em que não se pode intervir sobre o espaço físico e sobre as condições ambientais, de acondicionamento ou de higienização ou mesmo desenvolver ações de conservação que permitam melhorar o estado físico do suporte e prolongar-lhe a vida. Dado o mau estado em que se encontram alguns exemplares, fica a sugestão de ser realizada uma intervenção.

Para terminar, gostaríamos de reafirmar que, se as bibliotecas privadas são muitas vezes desvalorizadas por serem de pequena dimensão ou não terem valor comercial, constituem porém uma importante fonte de informação escrita sobre a produção e a circulação do saber e são testemunhas das mentalidades e das sociedades. Neste caso, o valor da especialização temática enquanto fonte histórica de um assunto, mesmo que de obras fora de circulação ou de conteúdos desatualizados, enriquece a memória coletiva.

Proteger o conhecimento cultural e científico produzido no suporte livro é preservar a memória coletiva para o futuro, protegendo a documentação literária e científica, para que as gerações futuras possam ter acesso a ela, o que é uma das missões das bibliotecas. Sem nos debruçarmos sobre o conceito de memória, não podemos deixar de referir as bibliotecas, os arquivos e os museus como lugares de memória (Nora, 1997), enquanto instituições que preservam documentos e objetos que registam a memória individual e coletiva.

Esta coleção é como que uma fotografia de época de uma biblioteca de um médico, o que abre caminho a estudar relações com outras bibliotecas da mesma época ou de outros médicos, como sejam Reynaldo dos Santos ou Celestino da Costa.

Na coleção Mac-Bride coloca-se a questão de identificar a sua coleção original, uma vez que foram identificadas a inclusão de títulos e de publicações periódicas, fruto de ofertas e legados. Mas o facto de não incluir só livros de Alberto Mac-Bride contribui para o seu enriquecimento pela possibilidade que abre em estudar relações entre vários protagonistas — e conhecê-los, ajuda a conhecer a história e torna-a mais interessante. Abre igualmente caminhos a outras pesquisas como acompanhar a biblioteconomia pelo tratamento de que já foi alvo, pois algumas existências têm uma cota anterior que encaminha para quem a atribuiu e segundo que definições, bem como recebeu um *ex-libris* a marcar e a fazer prova da sua existência enquanto biblioteca.

Uma biblioteca pessoal permite reconstruir um percurso que nos guia para o seu proprietário, ao mesmo tempo que encontramos o indivíduo que fala sobre a sua biblioteca. Neste caso, podemos dizer que a nossa pergunta inicial foi respondida e que, se não fosse a existência desta coleção, bem como do acervo museológico existente, Alberto Mac-Bride não seria lembrado.

Para alguém que morre sem descendência, os livros são a sua memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Bibliografia de Alberto Mac-Bride

Mac-Bride, Alberto (1909). *Sobre o syndroma de Little*. (Dissertação inaugural) Lisboa: Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Mac-Bride, Alberto (1910). A anestesia geral por inalação. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 268-270.

Mac-Bride, Alberto (1910). Anestesia cirúrgica. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, pp 220-223.

Mac-Bride, Alberto (1910). Chlorofórmio ou éter? *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 359-360.

Mac-Bride, Alberto (1910). O Congresso Francês de Cirurgia. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 332-334.

Mac-Bride, Alberto (1910). Suturas anastomoses e transplantações vasculares por João de Magalhães, licenciado em Medicina. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 252-255.

Mac-Bride, Alberto (1910). Técnica da anestesia por inalação. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 308-323.

Mac-Bride, Alberto (1910). Técnica de anestesia por inalação. O chlorofórmio e o éter. *A Medicina Contemporânea*, vol. 13, série 2, pp 344-360.

Mac-Bride, Alberto (1911). A anasthesia rectal pelo ether. *A Medicina Contemporânea*, ano 29, vol. 14, série 2, pp 25-27.

Mac-Bride, Alberto (1911). Actualidades. O Internato. *A Medicina Contemporânea*, vol. 14, série 2, pp 407-408.

Mac-Bride, Alberto (1911). O óleo canforado no tratamento das peritonites agudas. *A Medicina Contemporânea*, vol. 14, série 2, pp 353-355.

Mac-Bride, Alberto (1912). A história da Medicina em Portugal. *A Medicina Contemporânea*, vol. 15, série 2, pp 55-70.

Mac-Bride, Alberto (1912). A trepanação sob anestesia local, Meu caro Dr. Reynaldo dos Santos. *A Medicina Contemporânea*, vol. 15, série 2, p. 319.

Mac-Bride, Alberto (1912). O tétano dos recém-nascidos. *A Medicina Contemporânea*, vol. 15, série 2, pp 273-298.

- Mac-Bride, Alberto (1913). Os socorros de urgência em Lisboa. *A Medicina Contemporânea*, vol. 16, série 2, pp 197-210.
- Mac-Bride, Alberto (1914). Perfurações da febre tifoide. *A Medicina Contemporânea*, vol. 17, série 2, pp 46-57.
- Mac-Bride, Alberto (1914). Sutura da artéria e da veia poplíteas. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, pp 210-213.
- Mac-Bride, Alberto (1914). Tumor cérebro-frontal. *A Medicina Contemporânea*, vol. 78, série 2, p. 133.
- Mac-Bride, Alberto (1915). Sobre abscessos cerebrais de origem óptica pelo Dr. Carlos de Mello, com um prefácio pelo Prof. Francisco Gentil. *A Medicina Contemporânea*, vol. 18, série 2, pp 419-420.
- Mac-Bride, Alberto (1915). Sutura da artéria e da veia popliteias. *A Medicina Contemporânea*, vol. 18, série 2, pp 5-10.
- Mac-Bride, Alberto (1916). A pituitrina na paralesia intestinal. *A Medicina Contemporânea*, jan.
- Mac-Bride, Alberto (1916). Estudos de história da medicina peninsular. *A Medicina Contemporânea*, vol. 19, série 2, pp 358-375.
- Mac-Bride, Alberto (1923). *Comemoração centenária em 1923*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Mac-Bride, Alberto (1925). A clínica médica na Escola Régia de Cirurgia. *A Medicina Contemporânea*, vol. 28, série 2, pp 329-340.
- Mac-Bride, Alberto (1925). Fracturas expostas, 2ª Conferência. *Conferências do Corpo Clínico do Banco*. (pp 1-26). Lisboa: Hospital de S. José.
- Mac-Bride, Alberto (1925). Primo centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto. *A Medicina Contemporânea*, vol. 28, série 2, pp 155-163.
- Mac-Bride, Alberto (1925). Tratamento de urgência das fracturas expostas. *A Medicina Contemporânea*, vol. 28, série 2, pp 182-188.
- Mac-Bride, Alberto (1928). António d'Azevedo. *A Medicina Contemporânea*, vol. 46, pp 201-202.
- Mac-Bride, Alberto (1930). A Malária no Ribatejo. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Separata. pp 3-10.
- Mac-Bride, Alberto (1931). A pituitrina no tratamento da paralisia intestinal. *Jornal das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo 8-87, pp 38-47.
- Mac-Bride, Alberto (1940). O problema hospitalar em Lisboa. *Olisipo*, ano 9, n.º 35.

Mac-Bride, Alberto (1943). Sousa Martins, Médico do Hospital. Discurso proferido na Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos, em sessão solene de 7 de Abril de 1943". *Imprensa Médica*. Separata. Ano IX, n.º 7, pp 3-10.

Mac-Bride, Alberto (1945). Centenário da descoberta da anestesia. *Imprensa Médica*, n.º 109-110, p. 25.

Mac-Bride, Alberto (1946). O Dr. William Morton e a descoberta da anestesia cirúrgica. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*.

Mac-Bride, Alberto (1946). O problema hospitalar em Lisboa. *Imprensa Médica*. Separata. Ano 13, n.º 14, pp 213-228.

Mac-Bride, Alberto (1952). Alocução inaugural do ano científico 1952-53 em sessão solene de 2 de Dezembro de 1952 pelo Presidente Alberto Mac Bride. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo 116, n.º 8 a 12, pp 384-389.

Mac-Bride, Alberto; Mac-Bride, Eugénio (1913). O hormonal. *A Medicina Contemporânea*, vol. 16, série 2, p. 89.

Mac-Bride, Alberto; Paes, Eurico (1942). Acerca de um caso de atrofia testicular bilateral (Contribuição clínica para o estudo das relações da pré-hipófise com a glândula sexual masculina). *Imprensa Médica*, ano 8, n.º 20.

Mac-Bride, Alberto; Santos, Reynaldo (1912). As perfurações intestinais na Febre Typhoide. *A Medicina Contemporânea*, ano 30, vol. 15, série 2, n.º 11, pp 81-84.

Mac-Bride, Alberto; Santos, Reynaldo (1912). O Dr. William Morton e a descoberta da anestesia cirúrgica. *A Medicina Contemporânea*, vol. 15, série 2, pp 313-315.

Dalgado, D.G.; Mac-Bride, Alberto (1898). *Flora de Goa e Savantuadi: catálogo metódico das plantas medicinais, alimentares e industriais*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Mello, C. Pinto da Cruz e; Mac-Bride, Alberto (s.d.). *Curso de química mineral da Escola Polytechnica: apontamentos*. (s.l.) Imprensa Lucas.

Pimenta, Eduardo; Mac-Bride, Alberto (1913). Instalação do serviço sanitário num campo de tropas. *A Medicina Contemporânea*, vol. 24, série 2, pp 395-396.

B. Bibliografia de Gregório Fernandes

- Fernandes, Gregório (1875). *Patogenia da febre traumática*. (s.l), (s.n.).
- Fernandes, Gregório (1877). *Glaucoma e recessão do joelho*. (s.l), (s.n.).
- Fernandes, Gregório (1878). *Amputação do útero grávido*. (s.l), (s.n.).
- Fernandes, Gregório (1878). *As ressecções e a sua importância cirúrgica*. (Tese inaugural). (s.l), (s.n.).
- Fernandes, Gregório (1889). Aneurismas da aorta e tuberculose. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 53, p. 145.
- Fernandes, Gregório (1891). Abscesso do cérebro de causa óptica. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 55, p. 336.
- Fernandes, Gregório (1892). Trepano por abscesso cerebral. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 56, p. 228.
- Fernandes, Gregório (1896). Tumor do cerebelo. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 60, p.199.
- Fernandes, Gregório (1896). Um caso curioso de envenenamento por cocaína. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 60, p. 426.
- Fernandes, Gregório (1897). Cárie do Atlas por abscesso óptico. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 61, p. 201.
- Fernandes, Gregório (1901). Cursos de aperfeiçoamento para médicos. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 65, p. 221.
- Fernandes, Gregório (1901). Extirpação da tíbia com regeneração dos ossos extirpados. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 65, p.71.
- Fernandes, Gregório (1903). Ação publica da Sociedade. Conferência inaugural. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, n.º 67, p. 117.
- Fernandes, Gregório (1904). Problemas do ensino secundário. Conferência inaugural. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*.

C. Bibliografia de Eugénio Mac-Bride

- Mac-Bride, Eugénio (s.d.). *Sobre a terramicina na tosse convulsa*. (s.l), (s.n.).
- Mac-Bride, Eugénio (1931). Sobre o tratamento da asma. *A Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 43.
- Mac-Bride, Eugénio (1934). O tratamento da tuberculose pulmonar pelos sais de ouro. *A Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 31.
- Mac-Bride, Eugénio (1937). Asma e tuberculose pulmonar. *Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 42.
- Mac-Bride, Eugénio (1937). Asma e tuberculose pulmonar: estudo clínico e terapêutico. *Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 42-43.
- Mac-Bride, Eugénio (1940). O valor terapêutico das injeções de essência pura de limão (*Citrus Medica*) em soluto oleoso, nas afecções das vias respiratórias. *A Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 42.
- Mac-Bride, Eugénio (1954). Ainda sobre a profilaxia do tétano. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Separata. T. 68, n.º1.
- Mac-Bride, Eugénio (1954). *Figuras e panoramas da Medicina de outros tempos*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Mac-Bride, Eugénio (1957). A imunização no tétano. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Separata. N.º 71
- Mac-Bride, Eugénio; Ferreira, Simões, Luís Ferreira (s.d). *Envenenamento agudo pelo sublimado*. (s.l), (s.n.).
- Mac-Bride, Eugénio; Ferreira, Simões, Luís Ferreira (1928). *Aspectos clínicos da associação da tuberculose pulmonar e da sífilis*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Mello, C. Pinto da Cruz e; Mac-Bride, Eugénio (1907). *Curso de química mineral da Escola Polytechnica: apontamentos*. (s.l.) Imprensa Lucas.

D. Referências citadas

- Alves, Manuel Valente (2009). Cultura médica e cosmopolismo em Portugal nos séculos XIX e XX. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, série 3, 14 (1), pp 3-23.
- Alves, Manuel Valente (2011a). *A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, um olhar sobre a sua história*. Lisboa: Gradiva.
- Alves, Manuel Valente (2011b). O projecto do Museu de Medicina, Faculdade de Medicina. In: Marta C. Lourenço (Coord), *Património da Universidade de Lisboa - Ciência e Arte*. (pp 55-66). Lisboa: Universidade de Lisboa/ Edições Tinta-da-China.
- Alves, Manuel Valente (2014). *História da Medicina em Portugal, origens, ligações e contextos*. Porto: Porto Editora.
- Amaral, Isabel (2017). A Geração de 1911. In A.J. Veloso, *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. (pp 157-172). Lisboa: By The Book.
- Amoroso, Marta; Iumatti, Paulo T. (2015). A construção de uma biblioteca na trajetória de Manuel Correia de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.º 60, pp 199–210.
- Anastácio, Vanda (Org.). (2013). *Tratar, Estudar, Disponibilizar. Um futuro para as bibliotecas particulares*. Lisboa: Banco Espírito Santo.
- Araújo, Ana C. B. de (1999). Livros de uma Vida: critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular no Século XVIII. *Revista de História das Ideias*. Separata. Coimbra: Faculdade de Letras, vol. 20, pp 156-157.
- Arquivo Geral do Exército – Processo Alberto Mac-Bride Fernandes, n.º. 1294, caixa n.º. 132/OF. Lisboa: Direção de História e Cultura Militar.
- Azevedo, F. Cataldo de (2010). A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol.15, n.3, pp 233-249.
- Azevedo, João Fraga de (1976). A importante escola prática dos hospitais civis de Lisboa. *Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa e Porto*. Separata. N.º 36.
- Badui-Quesada. H. (2007). Apuntes para uma biblioteca imaginaria: valor patrimonial y situation legal de las bibliotecas de Bernard Mendel y Nicolás Gómez D'Ávila. *Revista Interamericana de Bibliotecologia*, vol. 30, n.º 1, pp 167-184.
- Barbosa, I. de Oliveira (1953). Os hospitais Civis de Lisboa. *Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa*. Separata.

Bates, M. J. (1999). The Invisible Substrate of Information Science. *Journal of American Society for Information Science*, 50, n. ° 12, pp 1043-1050.

Benedict, Philiph (1985). Bibliothèques Protestantes et Catholiques à Metz au XVII^e siècle. *Annales*, Paris. n. ° 2, tomo 40, pp 343-344.

Bettencourt, Nicolau José de (1961). *Apontamentos para a história do serviço de saúde militar*. Lisboa: (s.n.).

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal (1990). *CDU, Classificação decimal universal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal (2008). *CDU, Classificação decimal universal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Boletim Clínico dos Hospitais (1957). Notícias. *Boletim Clínico dos Hospitais*, n.º 2.

Caeiro, Francisco da Gama (1980). Livros e Livreiros Franceses em Lisboa nos fins de Setecentos e no primeiro quartel do Século XIX. *Separata dos Anais*, 2^a série, tomo 2, vol. 26, pp 302-319.

Cardoso, António Barros (1995). *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

Cardoso, Valdemar *et al.* (2013). História da Sociedade Portuguesa de Cirurgia. *Revista Portuguesa de Cirurgia*, 2^a série, n.º 24, pp 93-126.

Carvalho, Augusto da Silva (1929). *História da medicina portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Carvalho, Augusto da Silva (1932). O jornalismo médico-português e a “Medicina contemporânea”. *A Medicina Contemporânea*. Separata. N.º1.

Carvalho, Augusto da Silva (1934). Apontamentos para a história da tuberculose. *A Medicina Contemporânea*. Separata. N.º 31, 32 e 35.

Carvalho, Luís (2008). Dr. Júlio Franchini, o nascimento da cirurgia moderna em Portugal. *Revista Portuguesa de Cirurgia*, 2^a Série, n.º 7.

Casa Fernando Pessoa [Em linha]. Disponível em: <<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/bibParticular.htm>> Consultado em 2018/01/07.

Castro, Rodrigo de (2011). *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos*. (Domingos Lucas Dias, Trad.). Lisboa: Colibri.

Chartier, Roger; Cavallo, Guglielmo (1998). *História da leitura no mundo ocidental*. S. Paulo: Ed. Ática. 2 vols.

Colaço, Álvaro (1925). *História do Ensino da Medicina Operatória em Lisboa e um estudo crítico acerca do professor Manuel Constâncio*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.

Costa, A. Celestino da (1940). O ensino da medicina através dos oito séculos da história portuguesa. *Imprensa Médica*. Separata.

Costa, J. Celestino (1977). As escolas médicas e a evolução universitária. *O Médico*. Separata. N.º 83.

Costa, J. Celestino (1985). A. Celestino da Costa e a sua época. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*. Separata.

Costa, J. Celestino (1992). Evolução da cirurgia em Portugal no século XX. In Academia das Ciências de Lisboa (Org.) *História e desenvolvimento da ciência em Portugal- 2º Colóquio*. (pp 288-321). Lisboa: Publicações do II centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1.º volume.

Costa, J. Celestino (2000). *A geração médica de 1911, origem, realização e destino*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa, ed. Bilingue.

Delile, Maria Manuela G. (2013). A biblioteca particular de Carolina Michaëllis e Joaquim de Vasconcelos. Breve história e principais núcleos temáticos. In V. Anastácio (Org.). *Tratar, Estudar, Disponibilizar. Um futuro para as bibliotecas particulares*. (pp 125-135). Lisboa: Banco Espírito Santo.

Dicionário de médicos portugueses [Em linha]. Disponível em: <<http://medicosportugueses.blogs.sapo.pt>> Consultado em 2018/01/07.

Duarte, Luiz F. (2013). Bibliotecas Particulares dos Açores. In V. Anastácio (Org.). *Tratar, Estudar, Disponibilizar. Um futuro para as bibliotecas particulares*. (pp 39-45). Lisboa: Banco Espírito Santo.

Durand, Pedro L. D. da S. (2012). *A casa nobre pré-joanina em Lisboa. Caso de estudo: o Palácio do “Bichinho de Conta”*. (Tese de Mestrado). Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Faria, M.; Pericão, M. (2008). *Dicionário do livro. Da escrita ao livro electrónico*. Lisboa: Almedina.

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian – [Em linha] Disponível em: <<http://bibliotecaparticular.gulbenkian.pt>> Consultado em 2018/01/07.

Fernandes, Maria de Lurdes C. (2000). *A biblioteca de Jorge Cardoso (+1669), autor do Agiologio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Fernandes, Maria de Lurdes C. (2002). O livro antigo em Portugal e Espanha séculos XVI a XVIII- uma biblioteca ibérica. *Leituras, Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, S.3, n. ° 9-10, p.124.

Ferreira, F. A. Gonçalves (1990). *História da Saúde e dos serviços de saúde em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ferreira, Tânia M. T. B. C. (2000). Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In M. Abreu (Org.) *Leitura e história da leitura* (pp 313-333). Campinas: Mercado das Letras.

Freitas, J. A. G. (2012). A biblioteca particular do Professor José Mattoso: o Medievalista e o seu Bibliocosmos. *Encontro Acervos patrimoniais: novas perspectivas e abordagens*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Furtado, I. A.; Gonçalves-Pereira, A.J. (2011). O Instituto de Anatomia no centenário da Faculdade. *Acta Medica Portuguesa*, 24(4), pp 663-670.

Gomes, A. Luiz. (1953). *Presença de Alberto Mac-Bride- Conferência realizada na Liga dos Combatentes da Grande Guerra em 29 de Abril de 1953*. Lisboa: (s.n.).

Gomes, A. Luiz. (1954). *Alberto Mac Bride: conferências proferidas em Lisboa e Évora*. Lisboa: (s.n).

IFLA (2008) – *Manual UNIMARC: formato bibliográfico*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

IFLA (2011) – *Manual UNIMARC: formato autoridades*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

IFLA (2012) – *Descrição bibliográfica internacional normalizada (ISBD)*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Latini, Celso Lima (2008). Biblioteca de Machado de Assis como fonte de estudo: organização, particularidades e as influências literárias na produção machadiana. *Morpheus-Revista Eletrónica em Ciências Humanas*, ano 7, n.º 12.

Leal, M. M. F. da Silva; Ferraz, A. A. B. de Ricon (2014). Vida e Obra do Professor Doutor Álvaro António Pinheiro Rodrigues. *Arquivos de Medicina*, n.º 28, pp 122-132.

Leitão, J. Anderson (1956). Concursos nos Hospitais Cíveis de Lisboa. *O Médico*. Separata. N.º 235.

Lejeune, (1938). *As contribuições de Portugal para a história da medicina*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.

Lemos, Maximiano de (1925). *História do ensino médico no Porto*. Porto, (s.n.).

Lemos, Maximiano de (1991). *História da Medicina em Portugal, Doutrinas e instituições*. Lisboa: D. Quixote /Ordem dos Médicos. 2ª ed.

Leone, José T. F. (1954). Uma exposição no Hospital de S. José. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*. Separata. Vol. 18, n.º 3-4, pp 624-629.

Leone, José T. F. (1958). Comentários. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*. Separata. Vol. 22, n.º 4, pp 613-622.

Leone, José T. F. (1966). O Dr. Eugénio Mac Bride. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*. Separata. Vol. 30, n.º 1-2, pp 377-381.

Leone, José T. F. (1969). O museu dos Hospitais Cívicos de Lisboa. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*. Separata. Vol. 33, n.º 3-4, pp 791-797.

Leone, José T. F. (1993). *Subsídios para a História dos Hospitais Cívicos de Lisboa e da Medicina Portuguesa:1948-1990*. Lisboa: Edição da Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos e By The Book.

Lessa, Almerindo (1954). Homenagem Dr. Mac-Bride. *Imprensa Médica*, fev.

Lessard-Hébert, M. (1994). *Investigação qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lindemann, Mary (2002). *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: novas abordagens da história europeia*. (Carlos Vieira Reis, Trad.). Lisboa: Repliação.

Lisboa, João Luís (1989). A Leitura em Portugal: os finais do «Antigo Regime». In N. G. Monteiro *et al.* *Do Antigo Regime ao Liberalismo 1750-1850*. Lisboa: Vega.

Lisboa, João Luís (Coord). (1997). *Cultura, Revista de História e Teoria da Ideias*, vol. 9. Disponível em: <http://www.fsh.unl.pt/chc/pg_pub.htm> Consultado em 2018/01/07.

Lopes, T. P. Ancona. (2000). A Biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. *D.O. Leitura*, São Paulo, vol.18, n.12, pp 32-39.

López Espinosa, J.A. (2008). John Shaw Billings: un médico bibliotecario de todos los tempos. *Acimed*, 18 (1). Disponível em: <http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol18_1_08/aci02708.htm> Consultado em 2018/01/07.

Loureiro, Olímpia Maria da Cunha (1993). *O livro e a leitura no Porto na segunda metade do século XVIII*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Macedo, Luiza Braga de (2013). A biblioteca e o arquivo da Casa de Sabugosa e São Lourenço. In V. Anastácio (Org.). *Tratar, Estudar, Disponibilizar. Um futuro para as bibliotecas particulares*. (pp139-142). Lisboa: Banco Espírito Santo.

Macedo, Manuel Machado (2000). *História da Medicina Portuguesa no século XX*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios.

- Mac-Bride, Alberto (1911). Actualidades. O Internato. *A Medicina Contemporânea*, 2ª série, vol. 14, pp 407-408.
- Mac-Bride, Alberto (1912). A história da Medicina em Portugal. *A Medicina Contemporânea*, 2ª série, vol. 15, pp 55-70.
- Mac-Bride, Alberto (1946). O problema hospitalar em Lisboa. *Imprensa Médica*. Separata. Ano 13, n. °14, pp 213-228.
- Mac-Bride, Alberto (1952). Alocução inaugural do ano científico 1952-53 em sessão solene de 2 de Dezembro de 1952 pelo Presidente Alberto Mac Bride. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo 116, n.º 8 a 12, pp 384-389.
- Mac-Bride, Eugénio (1954). *Figuras e panoramas da Medicina de outros tempos*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Malaquias, Isabel (2012). A geografia do saber em António Nunes Ribeiro Sanches através do inventário da sua livraria. *Ágora, Estudos Clássicos em debate*, 4(1), pp 203-226.
- Martins, F. (1953). Algumas notas sobre a personalidade do Dr. Alberto Mac-Bride. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo 117, n.º 3.
- Matoso, António (2012). Hospital de São José. In Jorge Penedo (Coord.), *Omnia Sanctorum, História das histórias do Hospital de Todos-os-Santos e seus sucessores*. (pp 41-69). Lisboa: By the Book.
- Mira, M. Ferreira de (1947). *História da Medicina Portuguesa*. Lisboa: Ed. Empresa Nacional de Publicidade.
- Mora, L. D. (2011). O Dr. Alberto Mac Bride: soldado, cirurgião e cidadão. *Revista Portuguesa de Cirurgia*, 16, pp 83-90.
- Mora, Luís Damas (2013a). A cirurgia geral e os cirurgiões do Hospital de São José, em Lisboa no início do século XX”. *Revista Portuguesa de Cirurgia*, 25, pp 51-72.
- Mora, Luiz Damas (coord.) (2013b). *O “espírito dos Hospitais Civis de Lisboa” : episódios da vida médica*. Lisboa: By the Book.
- Moura, Margarida I. V. C. R. (2015). *Contributos para o estudo da biblioteca particular de José do Canto*. (Tese de Mestrado). Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Nora, Pierre (1997). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, 10, pp 7-28.
- Oliveira, José A. M. Pereira de (1995). *A paixão da História na Biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar*. (Tese de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

- Oliveira, Victor (2013). Retrato de Manuel Constâncio. *Acta Médica Portuguesa*, 26 (5), pp 623-625.
- Pascoal, Ana Mehnert (2017). A construção dos Hospitais Escolares de Lisboa e Porto. In A.J. Veloso, *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. (pp 366-380). Lisboa: By The Book.
- Penedo, Jorge (Coord.) (2012). *Omnia Sanctorum, História das histórias do Hospital de Todos-os-Santos e seus sucessores*. Lisboa: By the Book
- Pereira, Artur Torres (1974). *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Pereira, Mário Monteiro (1963). *História da Medicina Contemporânea*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 3.^a ed.
- Pereira, T. Sancha (1999). Textos. In António Trindade, Álvaro Albuquerque (Coord.), *Alberto Mac-Bride: médico 1886-1953*. Lisboa: CML, Comissão Municipal de Toponímia.
- Pereira, Torres *et al* (2006). *A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e os seus presidentes (1835-2006)*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Pericão, Maria da Graça (2012). A biblioteca da botica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. *Ágora, estudos clássicos em debate*, 14, 1, pp 27-43.
- Pimenta, Eduardo; Mac-Bride, Alberto (1913). Instalação do serviço sanitário num campo de tropas. *A Medicina Contemporânea*, 2.^a série, vol. 24, pp 395-396.
- Pimentel, António Filipe (1989). Bibliotecas. In José Fernandes Pereira (Dir.) *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Ed. Presença.
- Pina, Luís de (1954). *História Geral da Medicina*. Porto: Livraria Simões Lopes.
- Pina, Luís de (1956). *História Geral da Medicina. Imprensa Médica*. Separata. N.º 20.
- Pina, M. Esperança (2010). As faculdades de medicina na 1.^a República, In Rita Garnel (Coord.). *Corpo, Estado, Sociedade, Medicina na 1.^a República*. (pp 30-37.) Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações do centenário da República, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Potten, Eduard (2015). Beyond bibliofilia: contextualizing private libraries in the nineteenth century. *Librarie & Information History*, 31:2, pp 73-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1179/1758348914Z.00000000076>> Consultado em 2018/01/07.
- Quivy, R. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3.^a Edição. Lisboa: Gradiva.

Rabier, Michael (2013). Biblioteca gomezdavidiana: las fuentes bibliográficas del pensamiento de Nicolás Gómez Dávila. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, Colômbia, vol. 36, n.º 3, pp 235-248. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179029141008>> Consultado em 2018/01/07.

Raimundo, R. A. Varela (2008). O sagrado e o profano nas leituras torrienses na segunda metade do século XVIII. In C. Guardado da Silva (Coord.), *História do sagrado e do profano*. (pp 201-217). Lisboa: Edições Colibri.

Ramos, Maria Teresa C. F. de O. (2007). *A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no Século XVIII*. (Tese de Mestrado). Universidade de Évora, Évora.

Reis, Carlos Vieira (2004). *História da medicina militar portuguesa*. Lisboa: Estado-Maior do Exército, vol. 1 e 2.

Reis, Carlos Vieira (2017). Portugal na Grande Guerra. In A.J. Veloso, *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. (pp 173-186). Lisboa: By The Book.

Rodrigues, Manuel Augusto (1984). *Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*. Coimbra: Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Rodrigues, Manuel Augusto. (1986). *A biblioteca de António Nunes Ribeiro Sanches*. Coimbra: Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Rodrigues, Maria Idalina Azeredo (2009). *Ler história no fundo bibliográfico doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. (Tese Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Santos, F. P. dos (2006). A biblioteca da Sociedade Martins Sarmento. In João L. Lisboa (Coord). *Cultura, Revista de História e Teoria da Ideias*, vol. 9, pp 137-150. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/chc/pg_pub.htm> Consultado em 2018/01/07.

Santos, Reynaldo (1956) Homenagem à memória de Alberto Mac-Bride. *Medicina Contemporânea*, jan.

Silva, A. Malheiro da (2004). Arquivos familiares e pessoais. Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras*. I série, vol. III, pp 55-84. Porto: Faculdade de Letras. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf>> Consultado em 2018/01/07.

Silva, J. Martins e (2002). Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911, 1.ª e 2.ª partes. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, série 3, 7 (5-6), pp 237-249 e 305-314.

Silva, H. de Castro (2002). *A biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX*. (Tese Doutoramento). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Brasil.

Simões, M. da G. (2008). *Classificação decimal universal: fundamentos e procedimentos*. Coimbra: Almedina.

Simões, M. da G. (2011). *Classificações bibliográficas: percurso de uma teoria*. Coimbra: Almedina

Souza, O. Costa; Ferreira, R. da Silva (2015). Clodoaldo Beckmann (1927–2007): O médico cirurgião e documentalista dedicado à Biblioteconomia. *Palavra Clave*. Vol 5, n.º 1. Disponível em: <<http://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCv5n1a01>> Consultado em 2018/01/07.

Stone, Caitlin; Berryman, Jim (2014). Making personal libraries accessible: the example of the Robert Menzies collection, *The Australian Library Journal*, 63:3, pp 238-246. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00049670.2014.915499>> Consultado em 2018/01/07.

Tavares, Pedro Vilas Boas (1990). A Biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga. *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do 9.º Centenário da Sé de Braga*. (s.l), vol. 2, 2, pp 276-279.

Valente, Isabel Maria Freitas (2015). *A biblioteca particular de Calvet de Magalhães*. Coimbra. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/36474>> Consultado em 2018/01/07.

Vaz, Francisco A. L. (2004). As bibliotecas e os livros na obra de Frei Manuel do Cenáculo. *De la memoria de los libros. Estudios sobre la Historia del escrito y la lectura en Europa y América*. Separata. Salamanca: Instituto de Historia del Livro y de la Lectura, tomo 2, pp 483-498.

Vaz, Francisco A. L. (2011). A biblioteca de um diplomata português do séc. XVIII. In Irene Tomé (Coord.) *Olhares sobre as Mulheres. Homenagem a Zília Osório de Castro*, Lisboa: CESNOVA.

Veloso, A. J. Barros (1994). Para a história da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. *Medicina Interna*, vol.1, n.º 1.

Veloso, A. J. Barros (Coord.) (2017). *Médicos e sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. Lisboa: By The Book.

Venâncio, Giselle M. (2005). Memória guardada em papéis e livros. *Trajetos*. Fortaleza: UF., vol. 3, n.º 6, pp 67-84.

Ventura, M. M. (2007). Estudo de caso como modalidade de pesquisa. *SOCERJ*.20, 5, p. 383-386. Disponível em: <http://www.polo.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf> Consultado em 2018/01/07.

Vianna, Glória (2001). Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In J. Luís Jobin (Org). *A biblioteca de Machado de Assis*. (pp 110-125). Rio de Janeiro: TopBooks.

Vidal, Alexandra M. da Silva (2011). *O arquivo pessoal de Alberto Mário de Sousa Costa (1879-1961): Catálogo de correspondência*, 2 vols., Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/3822>> Consultado em 2018/01/07.

BIBLIOGRAFIA

Carmona, Mário R. F. (1954). *O Hospital Real de Todos-os-Santos*. Porto: Imprensa Portuguesa.

Carmona, Mário R. F. (s.d.). A importância dos Hospitais Civis de Lisboa no desenvolvimento da assistência hospitalar de Lisboa. *Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa*. Separata. N.º 24, pp 525-534

Costa, Paulo (2010). *In memorium* Prof. Doutor Jaime Celestino da Costa (1915-2010). *Revista Portuguesa de Cirurgia*, 2ª série, n.º 13, pp 49-52.

Fernandes, Maria de Lourdes C. (2002). O Livro Antigo em Portugal e Espanha séculos XVI a XVIII – Uma Biblioteca Ibérica. *Leituras, Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, s. 3, n.º 9-10, p. 124.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. (s.d.). Alberto Mac-Bride. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (vol. 15, pp 717-718). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. (s.d.). Eugénio Mac-Bride. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (vol. 15, p. 718). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. (s.d.). Gregório Rodrigues. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (vol. 11, p. 105). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. (s.d.). José Maria Mac-Bride. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (vol. 15, p. 718). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Grande enciclopédia portuguesa-brasileira. (s.d.). Maximiano Lemos. In *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (vol. 14, pp 916-917). Lisboa: Editorial Enciclopédia Limitada.

Instituto de História Contemporânea [Em linha] Disponível em: <<http://http://ihc.fcsh.unl.pt/pt/recursos/biografias/item/4350-mac-bride-alberto-1886->> Consultado em 2018/01/07.

Leitão, J. Andersen (1986). História da Medicina em Portugal desde a Idade Média ao princípio do século XX. In Academia das Ciências de Lisboa (Org.), *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. (vol. 1, pp 455-477). Lisboa: Publicação do II centenário da Academia das Ciências de Lisboa.

Matoso, A.; Pilão, C.; Tacão, S. (2011). A reforma hospitalar de Curry Cabral. In Colóquios do Património (Org.), *Colóquios do Património 5.º encontro*. Disponível em: <<http://repositorio.chlc.min-saude.pt/handle/10400.17/449>> Consultado em 2018/01/07.

Matoso, I. (2002/2003). *O Projecto “Bosque de Lisboa”. Espólio Mac-Bride*. Lisboa: Gabinete de Estudos Orlisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa.

Monteiro, J. M. M. (2012). *A Medicina Contemporânea, um caso emblemático na imprensa médica portuguesa*. (Tese de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Morais, Vergílio (1953). Necrologia Dr. Alberto Mac Bride Fernandes. *Boletim Clínico dos Hospitais Cívicos de Lisboa*, vol. 17, n. 01, p.14.

Morato, M. J. Xavier (1953). Dr. Alberto Mac-Bride, Palavras proferidas no seu funeral pelo Vice-presidente da S.C.M.L. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo 117, n. 01.

Museu da medicina [Em linha]. Disponível em: <<http://www.museudemedicina.fm.ul.pt>> Consultado em 2018/01/07.

Museu do Centro Hospitalar do Porto. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.museu.chporto.pt>> Consultado em 2018/01/07.

Museu Maximiano Lemos [Em linha]. Disponível em: <<http://museumaximianolemos.med.up.pt>> Consultado em 2018/01/07.

Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (2003). *“Liceus de Portugal”: histórias, arquivos, memórias*. Porto: Asa.

Pilão, Célia; Tacão, Sandra (2013). Lisboa, Colina de Sant’Ana: monges, monárquicos e republicanos, 500 anos a tratar da saúde do povo. *Amazônica*, Brasil, 5, n.º2, pp 288-306.

Pina, Luís de (1956). História da história da medicina em Portugal. *Imprensa Médica*. Separata. N.º 20

Portugal Dicionário Histórico [Em linha]. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/dicionário>> Consultado em 2018/01/07.

Quininha, Ana, (2012). Arquivo e Biblioteca do Hospital de S. José In Jorge Penedo (Coord.), *Omnia Sanctorum, Histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e seus sucessores*. (pp 293-305). Lisboa: The Book.

Santana, Francisco (Coord.) (1994). *Dicionário da história de Lisboa* (pp 441-442). Lisboa: (s.n.).

Veloso, A. J. de Barros; Almasqué, Isabel (1996). *Hospitais Cívicos de Lisboa: história e azulejos*. Lisboa: Inapa.

APÊNDICES

Apêndice 1 - LISTA ONOMÁSTICA DE MÉDICOS

Abreu – Lopo de Carvalho CANCELA DE ABREU (1913-1990)

Abrunhosa - Sebastião Cabral COSTA SACADURA Abrunhosa (1872-1966)

Adão - LUÍS ADÃO (1887-1968)

Almeida - António BERNARDINO DE ALMEIDA (1813-1888) - PORTO

Almeida - ARTUR Manuel GIESTEIRA DE ALMEIDA (1925-2010) - PORTO

Almeida – José Manuel de Brito e Castro MENDES DE ALMEIDA (1931-2017)

Alves – Augusto Cândido Leite Lobo Alves (?)

Alves – Manuel VALENTE ALVES (1953-)

Araújo – Joaquim Silva Araújo (?)

Athias - MARCK ATHIAS (1875-1946)

Azevedo – ANTÓNIO DE AZEVEDO (1866-1928)

Azevedo - João FRAGA DE AZEVEDO (1906-1977)

Barbosa - António Maria BARBOSA (1825-1892)

Barbosa - ILÍDIO de Oliveira BARBOSA (1895-?)

Barral – FRANCISCO António BARRAL (1790-?)

Barreto - Fernando BISSAYA BARETO (1886-1974) - COIMBRA

Bastos - ÁLVARO TEIXEIRA BASTOS (1878-1945) - PORTO

Bastos - HENRIQUE Teixeira BASTOS (1874-1937) - COIMBRA

Bastos - Joaquim José MONTEIRO BASTOS (1909-1996) – PORTO

Bensaúde - MATILDE BENSAÚDE (1890-1969)

Bessa – SANTOS BESSA (1939-)

Bettencourt – ANÍBAL DE BETTENCOURT (1868-1930)

Bettencourt - Jacinto MONIZ BETTENCOURT (1908-2005)

Bettencourt - NICOLAU José Martins DE BETTENCOURT (1900-1965) Capitão-médico

Bombarda - MIGUEL BOMBARDA (1851-1910)

Bonhorst – Henrique Frederico Von BONHORST (?)

Branco – José Maria ALVES BRANCO (1822-1885)

Breyner - Thomaz de MELO BREYNER (1866-1933)

Cabeça - CUSTÓDIO CABEÇA (1866-1936)

Cabral - José CURRY CABRAL (1844-1920)

Carmona – MÁRIO Reis de Figueiredo CARMONA (1895-1970)

Carvalho - Augusto da SILVA CARVALHO (1861-1957)

Carvalho – Fausto LOPO DE CARVALHO (1890-1970)

Carvalho – Henrique Tomás de Carvalho (1819-1897)

Carvalho - VICENTE JOSÉ DE CARVALHO (1792-1851) – PORTO

Castelo – Henrique BICHA CASTELO (1943-)

Castro – ANÍBAL DE CASTRO (1880-1952)

Castro – Joaquim de Sousa FEYO E CASTRO (1877-1937)

Chaves – Fernando Rodrigues de MATOS CHAVES (?)

Cid - SOBRAL CID (1877-1941)

Coelho – EDUARDO COELHO (1896-1974)

Coelho - SABINO COELHO (1853-1938)

Colaço - ÁLVARO COLAÇO (18...)

Constâncio – MANOEL CONSTÂNCIO (1726-1817)

Correia - Francisco Correia (?)

Correia – Augusto César de Almeida Vasconcelos Correia (?)

Costa – António FERREIRA COSTA (1904-2000)

Costa - Augusto Pires CELESTINO DA COSTA (1884-1956)

Costa - JAIME Augusto Croner CELESTINO DA COSTA (1915-2010)

Costa - Manuel ALFREDO DA COSTA (1859-1910)

Coutinho - José Eduardo de MAGALHÃES COUTINHO (1815-1895)

Cruz - ALEU de Almada SALDANHA e Cruz (1897-1979)

Esteves - JUVENAL ESTEVES (1909-1996)

Faro – EMÍLIO de Meneses Ferreira de Tovar FARO (1894-1980)

Feijão – Francisco Augusto OLIVEIRA FEIJÃO (1850-1918)

Fernandes - ALBERTO MAC-BRIDE Fernandes (1886-1953)

Fernandes - EUGÉNIO MAC-BRIDE Fernandes (1887-1966)

Fernandes - GREGÓRIO Rodrigues FERNANDES (1849-1906)

Ferreira – José Francisco DAVID FERREIRA (1929-2012)

Figueira – CARLOS MAY Figueira (1829-1913)

Filho – Bernardino António Gomes Filho (1806-1877)

Flores – ANTÓNIO FLORES (1883-1957)

Fonseca - ÂNGELO DA FONSECA (1872-1942) - COIMBRA
Fonseca – FERNANDO da Conceição FONSECA (1895-1974)
Fontes - Joaquim FONTES (1892-1960)
Fontes - Tito AUGUSTO FONTES (1854-1933) - PORTO
França – CARLOS FRANÇA (1877-1926)
Franchini - JÚLIO Estevão FRANCHINI (1855-) - PORTO
Franco – EMÍLIO Enrico FRANCO (1908-1981)
Freitas – JOÃO NEPOMUCENO DE FREITAS (1877-1953) – Médico-Coronel
Frias - ROBERTO FRIAS (1853-1918) - PORTO
Furtado - DIOGO Guilherme da Silva Alves FURTADO (1906-1964)
Gentil - FRANCISCO Soares Branco GENTIL (1878-1964)
Gentil - JOSÉ Maria Branco GENTIL (1870-1941)
George - CARLOS Henrique GEORGE (1913-1986)
Girão – JORGE Eduardo Ferreira GIRÃO (1928-)
Gomes – Alberto AZEVEDO GOMES (1883-1961)
Jorge - RICARDO de Almeida JORGE (1858-1939)
Júnior - Manuel MOREIRA JÚNIOR (1866-1953)
Júnior - MAXIMIANO Augusto de Oliveira LEMOS Júnior (1860-1923)
Lamas – AUGUSTO da Cunha LAMAS (?)
Leal – SILVA LEAL (1931-2014)
Leitão – Artur LEITÃO (1916-)
Leitão – J. ANDERSON LEITÃO (1916-)
Leone - JOSÉ Teófilo Farto LEONE (1908-?)
Lessa – Almerindo de Vasconcelos Lessa (?)
Lima – PEDRO DE ALMEIDA LIMA (1903-1985)
Lopes – António Carlos CRAVEIRO LOPES (1868-1953)
Luz – José Lourenço da LUZ (1800-1882)
Luzes – Armando FORMIGAL LUZES (?)
Macedo – João FERRAZ DE MACEDO (1838-1907)
Macedo – Manuel MACHADO MACEDO (1922-2000)
Magalhães – Jorge ALFREDO Mendes DE MAGALHÃES (1870-1957) - PORTO
Magalhães – Pinto de Magalhães (?)
Maia - António de AZEVEDO MAIA (1851-1912) – PORTO

Martins – António Silva Martins (1892-1930)

Martins - José Tomás de SOUSA MARTINS (1843-1897)

Mascarenhas - ABÍLIO MASCARENHAS (1851-1898)

Matos – JÚLIO DE MATOS (1856-1922)

Mendes - Artur MAIA MENDES (1856-1920) - PORTO

Mira - Matias FERREIRA DE MIRA (1875-1953)

Moniz - António Caetano de Abreu Freire EGAS MONIZ (1874-1955)

Monjardino - AUGUSTO Almeida MONJARDINO (1871-1941)

Monteiro - HERNÂNI MONTEIRO (1891-1963) - PORTO

Mora – António DAMAS MORA (1879-1949)

Mora – J. M. Damas Mora (1873-1942)

Mora - Luís DAMAS MORA (1936-)

Moraes – Carlos BELLO DE MORAES (1868-1933)

Morato - Manuel João XAVIER MORATO (1906-1989)

Moreno - ÓSCAR MORENO (1878-1971) – PORTO

Neves – AZEVEDO NEVES (1877-1953)

Oliveira – SERRA DE OLIVEIRA (1947-)

Oliveira - Sousa Oliveira (?) - PORTO

Patrício – BAPTISTA PATRÍCIO (1936-)

Pereira – ALVES PEREIRA (1932-2014)

Pereira - ANTÓNIO de Sousa PEREIRA (1904-1986) – PORTO

Pereira – Artur CARDOSO PEREIRA (1865-?)

Pereira – Artur TORRES PEREIRA (1924-)

Pereira - Bártholo Thumann do Valle Pereira (1918-1995) - COIMBRA

Pereira - Mário Monteiro PEREIRA (1905-1970)

Pereira – SENA PEREIRA (18..-)

Pestana - Luís da CAMARA PESTANA (1863-1899)

Picanço – José Correia PICANÇO (1745-1823) Luso-brasileiro

Pimenta – ARAÚJO PIMENTA (1943-2010)

Pimenta - EDUARDO Pereira PIMENTA (1835-1898) - PORTO

Pina - LUÍS DE PINA (1901-1972)

Pinheiro – Manuel Maria BORDALO PINHEIRO (1850-1925)

Pinho – CÂNDIDO DE PINHO (1853-1919) - PORTO

Pinto - Bernardo Joaquim Pinto (1795-1852) – PORTO

Pinto – Caetano da GAMA PINTO (1853-1945)

Raposo - LUÍS José Moreira MARTINS RAPOSO (1925-1996) - COIMBRA

Raposo - LUÍS RAPOSO (1892-1985) – COIMBRA

Raposo – Pedro António BETTENCOURT RAPOSO (1853-1937)

Ravara - ARTUR RAVARA (1873-1937)

Rebelo – Sílvio Rebelo (1879-1938)

Refoios – Joaquim Augusto de SOUSA REFOIOS (1835-1905)

Rêgo – BALBINO RÊGO (1875-1937)

Reis – VIEIRA REIS (1935-)

Rodrigues - Álvaro António Pinheiro Rodrigues (1904-1987) – PORTO

Rodrigues – Eugénio de Miranda Rodrigues (?)

Salazar – ABEL SALAZAR (1889-1946) -PORTO

Saldanha – ALEU SALDANHA (1897-1979)

Santos – Guimarães dos Santos (?)

Santos – João CID DOS SANTOS (1907-1975)

Santos - REYNALDO DOS SANTOS (1880-1970)

Serrano - José António SERRANO (1851-1904)

Simões – António da COSTA SIMÕES (1819-1913)

Sousa – CASTRO E SOUSA (1947-)

Sousa - Jayme SALAZAR DE SOUSA (1871-1940)

Sousa - Manuel BENTO DE SOUSA (1835-1899)

Stromp – FRANCISCO dos Reis Lopes STROMP (1859-?)

Sueiro - Manuel Bernardo BARBOSA SUEIRO (1894-1974)

Tavares – E. FRAGOSO TAVARES (?)

Tavares – Joaquim da Silva Tavares (1866-1931) pd

Teixeira - António Manuel Sampaio ARAÚJO TEIXEIRA (1931-) - PORTO

Trincão – Mário TRINCÃO (1902-1974)

Valente - Francisco PULIDO VALENTE (1884-1963)

Vasconcellos - João Paes de VASCONCELLOS (1877-1958)

Vasconcelos - Augusto de VASCONCELOS (1867-1951)

Vasconcelos – FERNANDO PAIS de Vasconcelos (?)

Veloso - BARROS VELOSO (1930-)

Vilhena - HENRIQUE Jardim de VILHENA (1879-1958)

Zamith - MORAIS ZAMITH (1897-1983) – PORTO

Apêndice 2 - LISTA ONOMÁSTICA DE AUTORES PRESENTES NA COLEÇÃO

Abade, Jean Baptiste Marie Jules (d'oran) (1876-1953)

Archard, Charles (1860-1944)

Auvard, Alfred (1855-1940)

Barbosa, Luiz (1870-1949)

Bard, Louis (1897-1930)

Barral, Étienne (1860-1938)

Bell, Benjamin (1749-1806)

Bombarda, Miguel (1851-1910)

Bonnier, Pierre (1868-1918)

Bouchard, Charles J. (1837-1915)

Bouchardat, Appolinaire (1809-1886)

Bouchut, Eugène (1818-1891)

Broardel, Paul (1837-1906)

Broca, Auguste (1859-1924)

Brodier, Henri (1893-?)

Brouardel, Paul (1837-1906)

Brulé, Marcel (1883-1946)

Bruynoghe, Richard (1881-1957)

Carnot, Paul (1869-1957)

Castaigne, Joseph P. E. (1871-1951)

Castro (1880-1952)

Comby, Jules (1853-1947)

Comtois-Suffit, Maurice (1861-1947)

Corunbert, Raymond (1889-1984)

Cruveilhier, Louis (1873-1950)

Debove, George Maurice (1845-1920)

Desfosses, Paul (1869- 1944)

Faure, Jean-Louis (1863-1944)

Ferrier, David (1843-1928)

Figueira, Carlos May (1829-1913)

Frenelle, Paul Depuy de (1876-1956)
Gattefossé, René Maurice (1881-1950)
Gérard, Ernest (1863-1935)
Girard, Charles (1837-1918)
Girasset, Joseph (1849-1918)
Gougerot, Henri (1881-1955)
Guy, William August (?)
Haller, Albin (1849-1925)
Janet, Pierre (1859-1947)
Jeanbrau, Émile (1873-1950)
Jorge, Ricardo (1858-1039)
Juhel-Rénoy, Édouard (1855-1894)
Kempere, Georg (1865-1946)
Laurent, Octav (1860-1929)
Le Gendre, Paul (1854-1936)
Lecène, Paul (1879-1929)
Lecorché, Ernest (1830-1905)
Leguen, Félix (1863-1939)
Leloir, Henri (1855-1896)
Lemaitre, Fernand (1880-1958)
Lemos, Maximiano de (1860-1923)
Lepage, Gabriel (1859-1917)
Leriche, René (1879-1955)
Loeper, Maurice (1875-1961)
Luzes, Armando (Formigal (?))
Manquant, Alfredo (18.-19..)
Marfan, Antoin Bernard Jean (1858-1942)
Marion, George (1869-1960)
Metchuikoff, Élie (1845-1916)
Meunier, Victor (1817-1903)
Moll-Weiss, Augusta (1863-1946)
Monin, Ernest (1856-1928)
Mouriquand, George (1880-1966)

Olivares, Laureano (1881-1944)
Ollier, Léopold (1830-1900)
Ombredanne, Louis (1871-1956)
Ostwald, Wilhelm (1853-1932)
Pozzi-Escot, Marius-Emmanuel (1880-1963)
Raposo, Luís S. (1898-1934)
Regamey, Robert-Henri (1907-1978)
Reguault, Victor (1810-1870)
Rengarde, Jules (1841-1918)
Ribemont-Dessaignes, Alban (1847-1940)
Roger, Georges-Henri (1860-1946)
Sabourin, Charles (1849-1920)
Santos, Reynaldo dos (1880-1970)
Siredey, Armand (1856-1940)
Sueiro, Manuel (1894-1974)
Tanton, J. (1875-1918)
Tuffier, Théodore (1857-1929)
Umber, Friederich (1871-1946)
Vidal, Émile (1825-1893)
Weyl, Theodor (1851-1913)
Widal, Fernand (1862-1929)
Wuhz, Charles Adolphe (1817-1884)
Zaborowski, Sigismond (1851-1920)

Apêndice 3 - LISTA DE NOTAÇÕES MAIS FREQUENTES

Alergias 616-022.8

Alimentação. Nutrição. 612.3

Anemia 616-155.1

Análise clínica e diagnóstico 616-074

Anatomia 611

Anestesia 616.089.5

Anuário 058.8

Aparelho respiratório 611.2

Artrite 616.72-002

Asma 616.248

Associação médica 616.258

Autopsia 614.6

Bacteriologia 616-093/-098 (Estavam a usar 576.8)

Biologia 573

Bloqueio, obstrução, oclusão intestinal 616.34-007.2

Brônquios 616.233

Cancro. Carcinoma. Tumores epiteliais malignos 616-006.6

Catálogos – forma (083.81)

Catálogos 017

Census/estatística/anuário 312.050.8

Cirurgia 617

 Técnica cirúrgica 617-089

Cirurgia de guerra 617:355.48

Consequências doenças de guerra 616-06:355.48

Cirurgia do estômago 617.55

Cirurgia do tórax 617.54

Cirurgia dos membros inferiores 617.58

Cirurgia reconstrutiva e plástica 617-089.844

Clorofórmio 615.2

Coleção. Terminologia (083.7)

Cólera 616.932

Conferências 061.3
Conferências. Palestras (042)
Congressos 061-3
Congresso internacional 341.18
Coração, doenças cardíacas 616.12
Crânio, face 616.714/.716
Criminologia 343.9
Curricula 371.214
Demografia. Estatística 311.3
Dermatologia 611.77
Diabetes 616.379
Diagnóstico médico 616-07
Dietética 615.874
Documentos de distribuição limitada ou especial (0.067)
Doenças de acordo com a condição física... 616-056.2
Doenças de nutrição 616.39
Doenças do sangue 616.1
Doenças estômago 616.33
Doenças infecciosa e contagiosa 616.9
Doenças profissionais e ocupacionais. Medicina do trabalho 616-057
Doenças respiratórias 616.2
Doenças venéreas 616.97
Embolia pulmonar 616.24-005
Enciclopédia (031)
Endocrinologia 616.4
Enfermagem 616-083
Enfermeiros 614.253.5
Ensaio (042.3)
Ensino superior 378
Equipamento médico-cirúrgico 615.4
Estatística 31
Estudo de caso (078.7)
Estudo de caso 001.87

Exposições temporárias/exibições 061.4

Farmacologia 615

Farmacopeias, códigos, formulários, prescrições 615.11

Febre-amarela 616-036.2

Febre tifoide 616.927

Fisiologia 612

Fraturas ossos 616.71-001.5

Ginecologia 618

Gonorreia 616.973

Gota 616.72-002.7

Hemoterapia. Transfusões de sangue 615.38

Hidrologia 613.3

Histologia

História da medicina 94:61

Hospitais 725.5

Hospitais edifícios 366.444

Imunoterapia 615.37

Inquérito 303.4

Instrumentação e equipamento (cirurgia) 617.7

Intestinos 612.33

Laboratórios farmacêuticos e fármacos 615.12

Legislação sanitária 614.3:340.134

Linguística 81

Malária/Paludismo 616.936

Manual (075)

Medicamentos 615.2

Medicamentos atuam função respiratória 615.23

Medicina 61

Medicina infantil 61-053.2

Medicina legal 340.6

Medicina operatória/técnica cirúrgica/ terapêutica operatória 617-089

Memória (093.3)

Meningite 616.832

Métodos físicos de diagnóstico. Radiografia 616-073

Nefrite 616.61-002.2

Nomenclatura/terminologia 001.4

Oftalmologia 617.7

Obstetrícia 618.2

Oncologia 616-006

Organização pública e privada de instituições de saúde 614.2

Ortopedia (cirurgia) 617.3

Ortopedia (patologia, medicina clínica) 616-089.23

Osteologia clínica. Ossos/ Esqueleto (fraturas) 616.71

Ossos 611.71

Patologia 616-091

Patologia sistema digestivo 616.3

Pediatria 616-053.9

Perturbações nervosas 616.8-009

Pneumologia 616.24-007

Preparações farmacêuticas 615.4

Psicoterapia 616.8

Publicações em série (05)

Puericologia 613.95

Pulmão 616.24

Quarentena 614.46

Química 54

Química inorgânica 546

Química orgânica 547

Radiologia/ Radioterapia 615.8

Relatório técnico (047.3)

Reumatologia/Artrite 616.72-002

Reumatologia 616.72-002.77

Sangue. Plasma. Soro. Hematologia clínica 616.15

Saúde pública 614

Separata (04)

Sífilis 616.5-002.5

Sintomatologia 616-07

Sistema nervoso 611.77

Sistema respiratório 612.2

Sociedade médica 614.258

Substâncias químicas em geral 615.31

Surdez 616.28-008.1

Tensão arterial (doença) 616.12-008.3

Terapêutica infantil 616-085-053.2

Terapêutica /medicina clínica 616-085

Tese acadêmica (043.2)

Tétano 616.854

Toxicologia 615.9

Tuberculose/ Tuberculose pulmonar 616.24-007.5

Tumores malignos 616-006.6

Urologia 616.6

Vacinas 615.37

Vesícula biliar 616.366

Zoologia 59

Zoologia geral 591

ANEXOS



Figura 1 - Ex-libris Mac-Bride. Imagem: R. Seara.

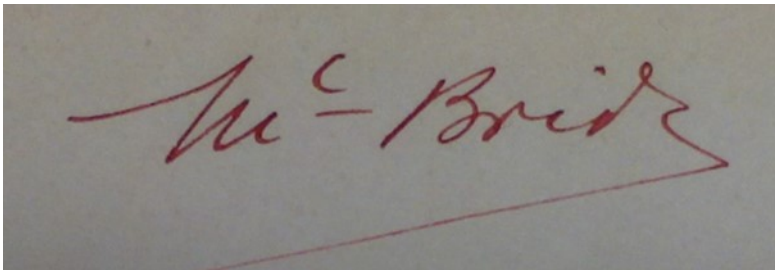


Figura 2 - Assinatura autógrafa de Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.



Figura 3 - Placa de identificação do Museu Doutor Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.



Figura 4 - Fotografia de Alberto Mac-Bride. Fonte: Mora. (2011).



Figura 5 - Alberto Mac-Bride em 1951. Fonte: Lessa (1954)

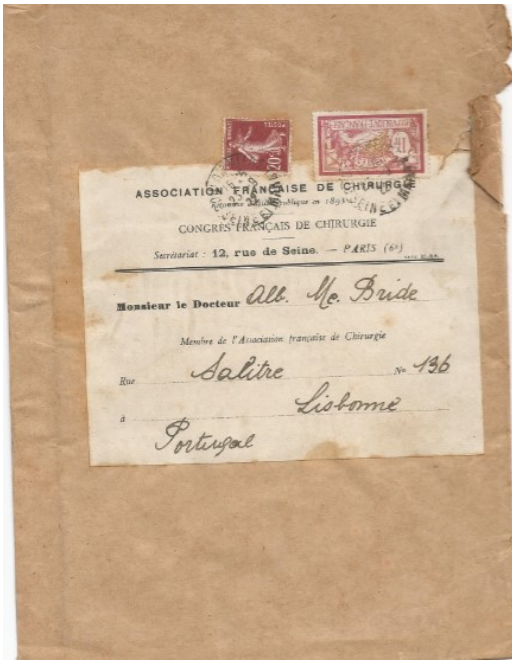


Figura 6 - Correspondência para a Rua do Salitre. Imagem: R. Seara.

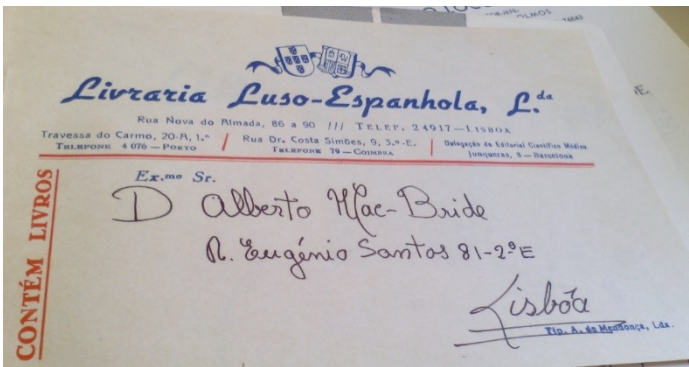


Figura 7 - Correspondência para a Rua Eugénio Santos. Imagem: R. Seara

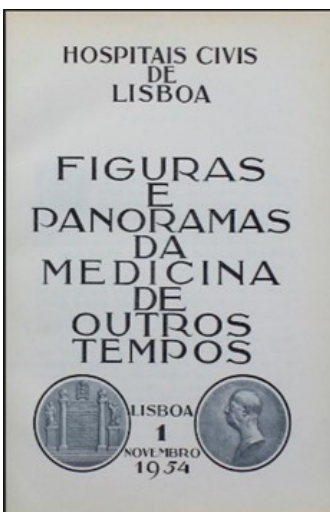


Figura 8 - Capa do catálogo da exposição em homenagem a Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.

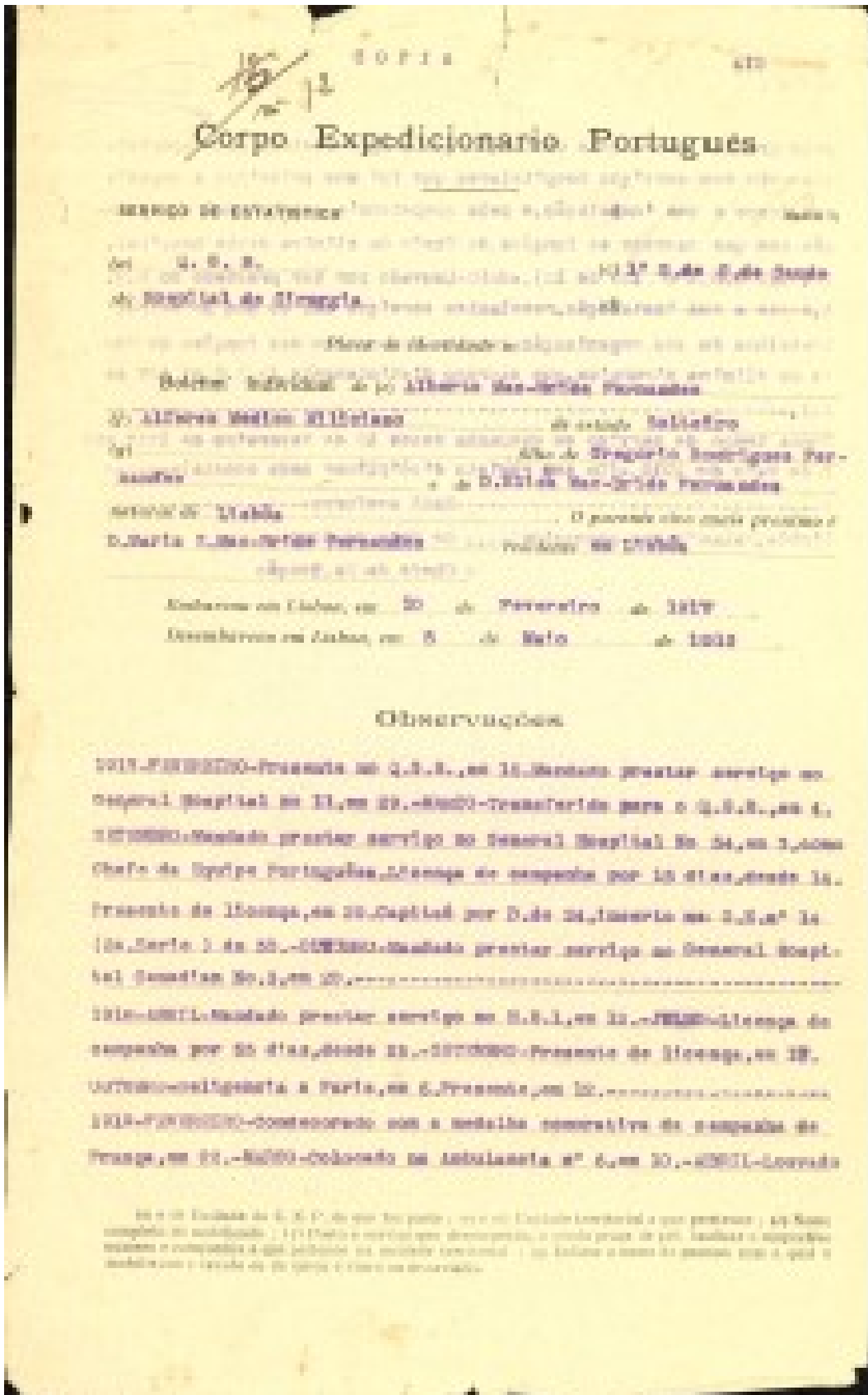


Figura 10.1. - Ficha do C.E.P. de A. Mac-Bride, com o n.º 12, p.1. Fonte Arquivo Geral do Exército. P-1294. C-132/OF.

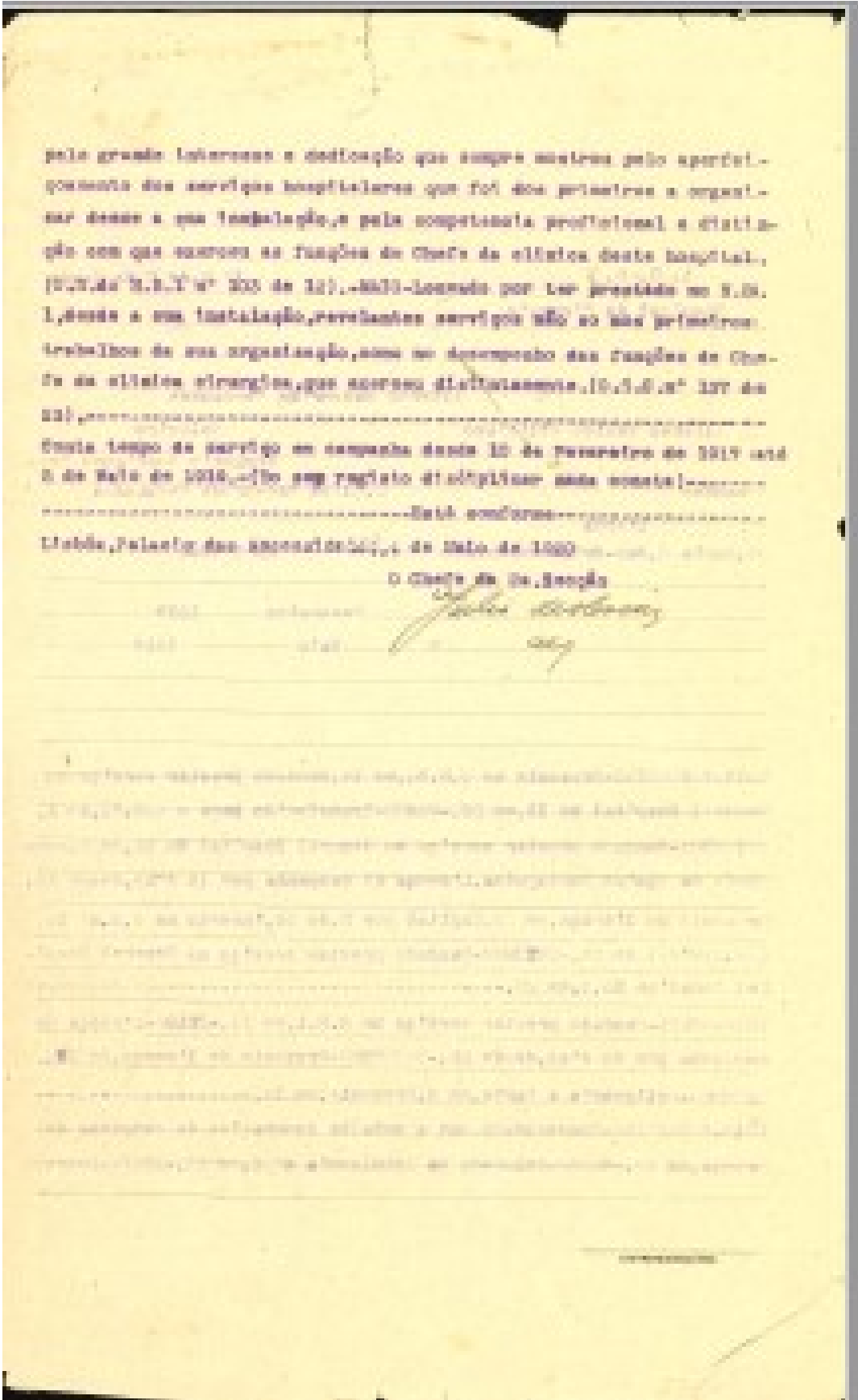


Figura 10.2. - Ficha do C.E.P. de A. Mac-Bride, com o n.º 12, p.2. Fonte Arquivo Geral do Exército. P-1294. C-132/OF.

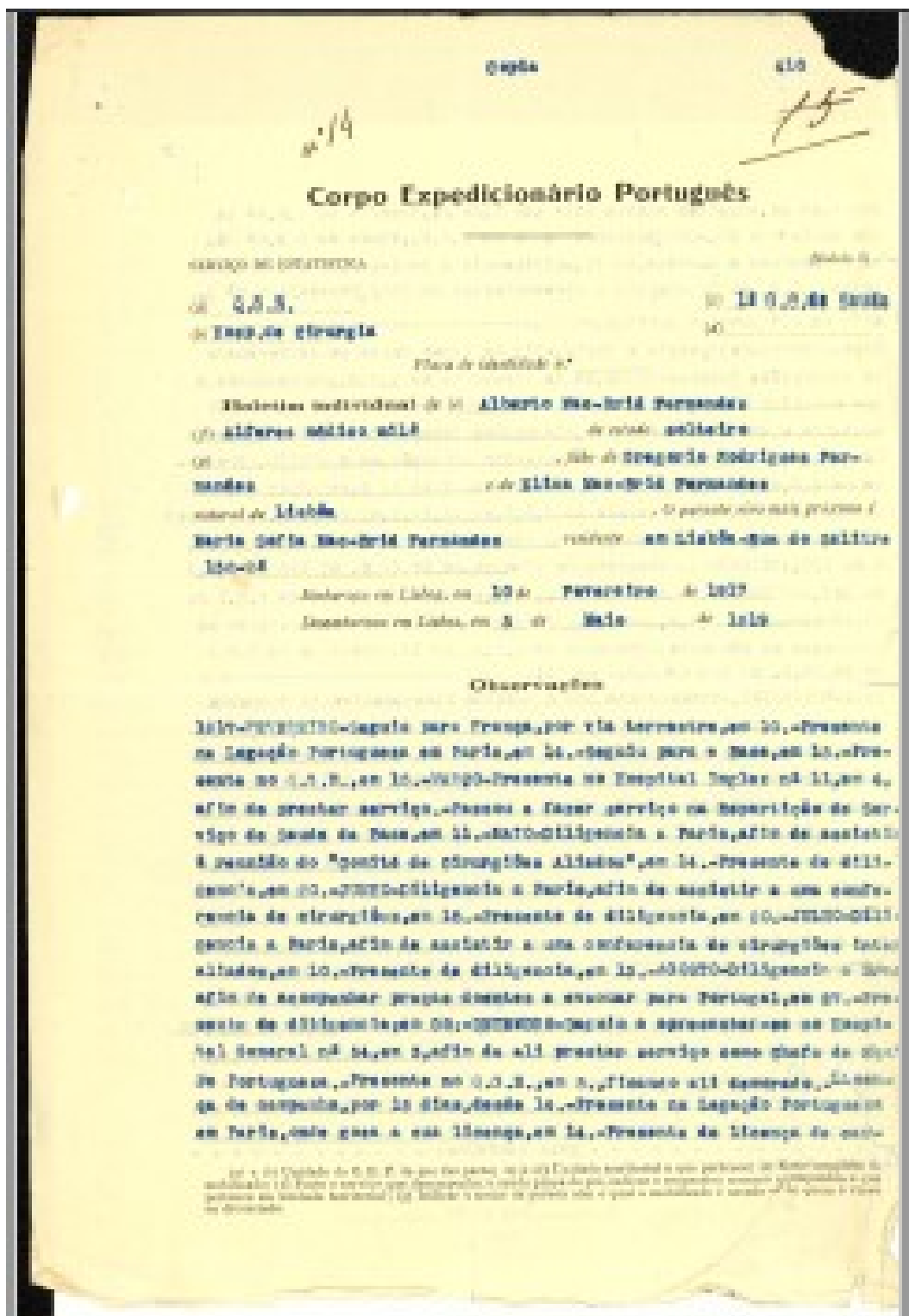


Figura 11.1 - Ficha do C.E.P. de A. Mac-Bride, com o n.º 14, p.1, Fonte Arquivo Geral do Exército. P-1294. C-132/OF.



Figura 12 - Fotografia de Gregório Rodrigues Fernandes. Fonte: Leone (1966)



Figura 13 - Fotografia de Eugénio Mac-Bride. Fonte: Leone (1966).



Figura 14 - Carimbo do Museu Dr. A. Mac Bride. Imagem: R. Seara.

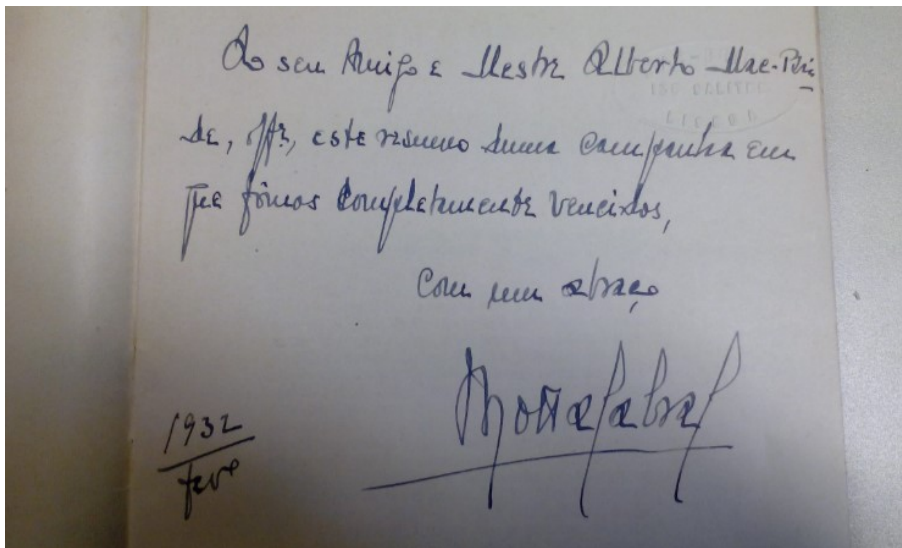


Figura 15 - Dedicatória de Motta Cabral a Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.

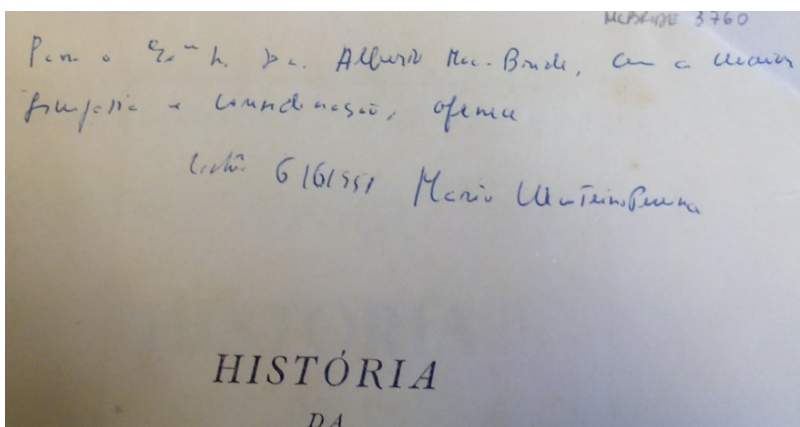


Figura 16 - Dedicatória de Monteiro Pereira a Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.

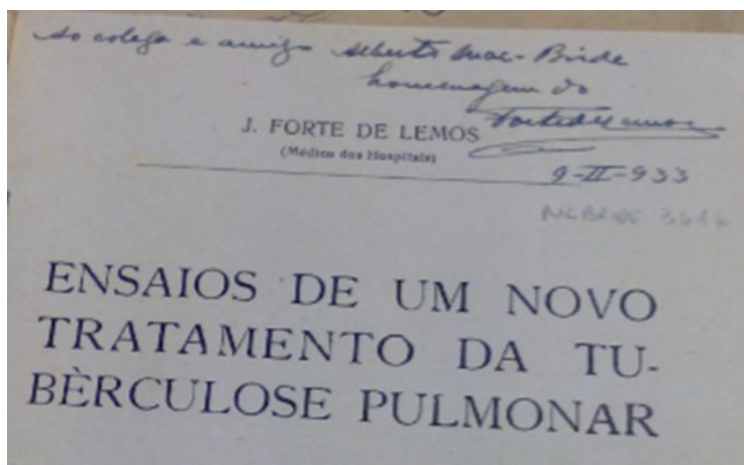


Figura 17 - Dedicatória de Forte de Lemos a Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.

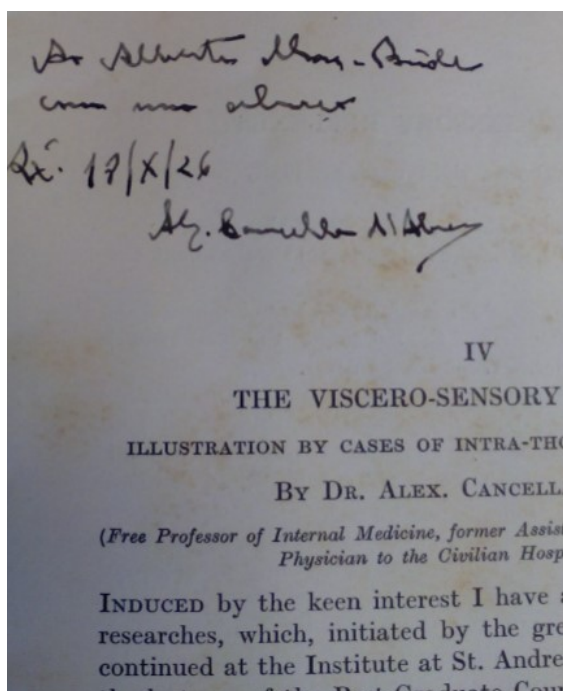


Figura 18 - Dedicatória de Cancellia d'Abreu a Alberto Mac-Bride. Imagem: R. Seara.



Figura 19 - Periódicos com sisal. Imagem: R. Seara



Figura 20 - Periódicos agrupados com sisal. Imagem: R. Seara.

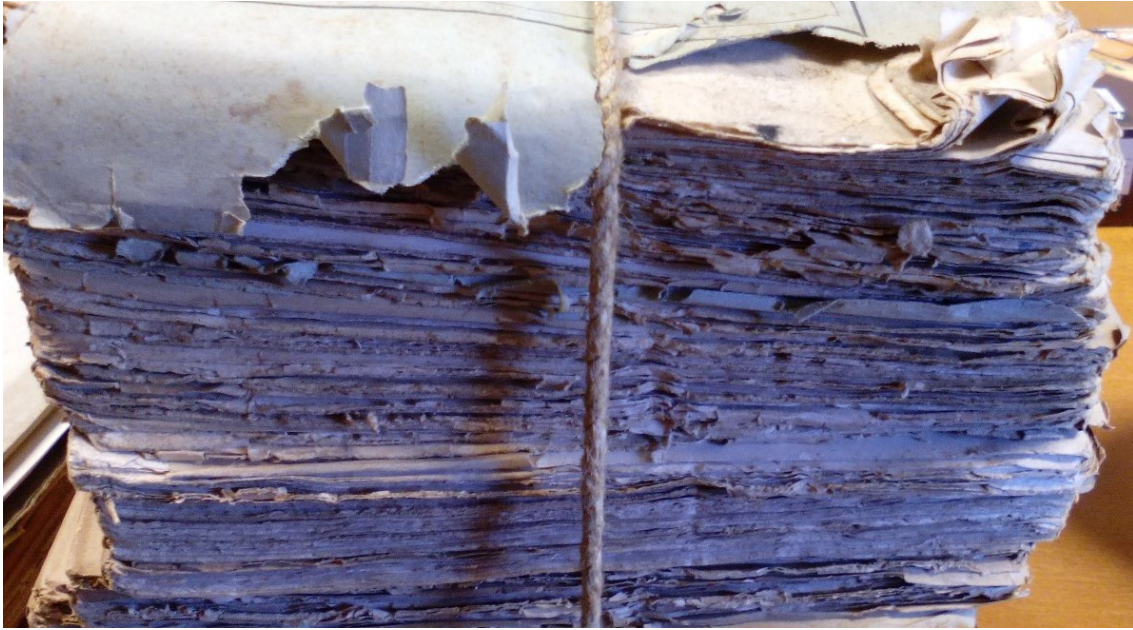


Figura 21- Exemplo de periódicos em mau estado de conservação. Imagem: R. Seara.



Figura 22- Acondicionamento de periódicos. Imagem: R. Seara

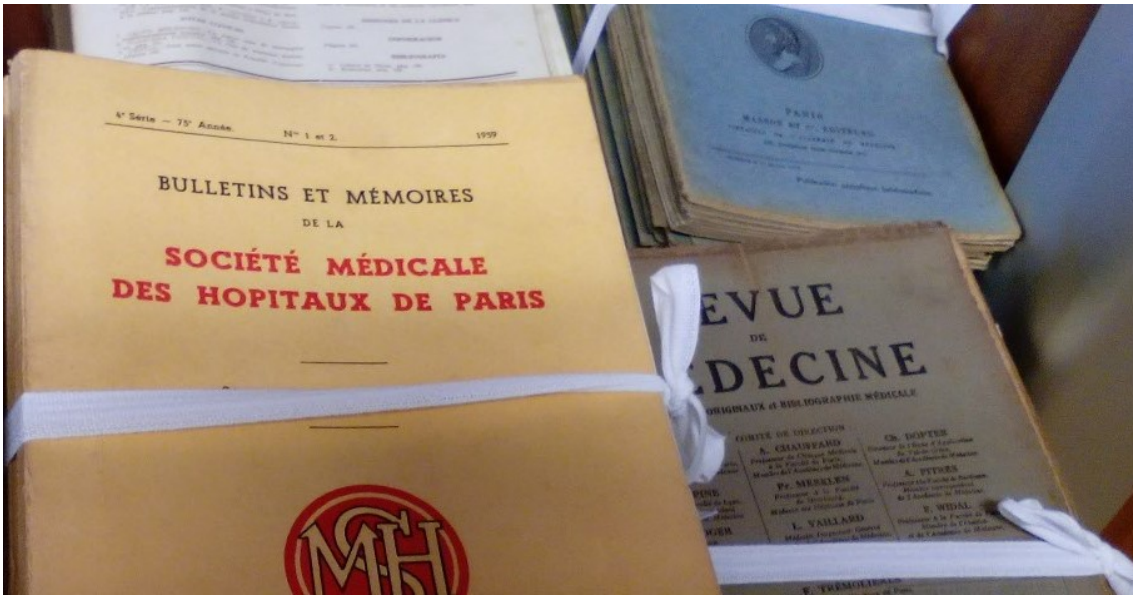


Figura 23 - Acondicionamento de periódicos. Imagem R. Seara